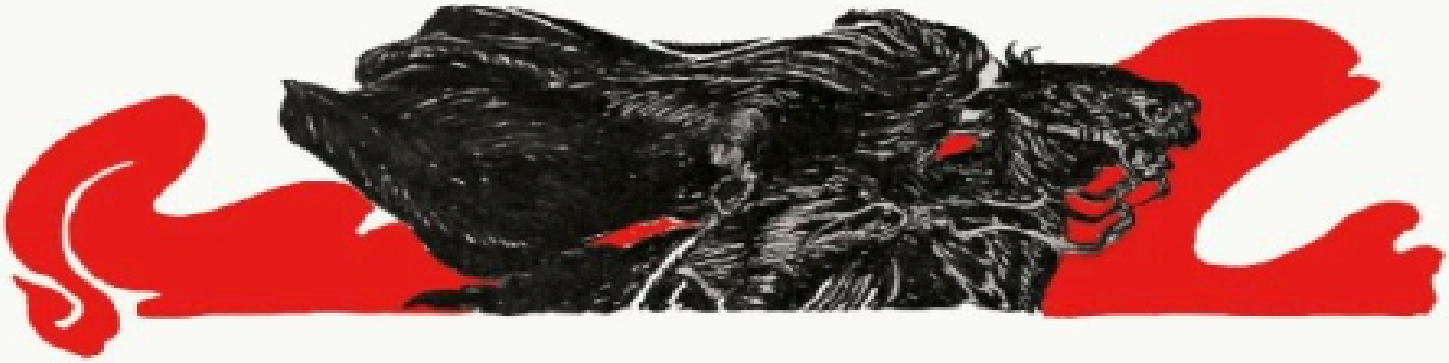
O CONTO QUE ORIGINOU AS DIVERSAS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

WASHINGTON IRVING

A LENDA DO Cavaleiro SEM Cabeça

E OUTROS CONTOS



DO ORIGINAL DE 1820

THE LEGEND OF SLEEPY HOLLOW

The Legend of SLEEPY HOLLOW

by

WASHINGTON IRVING

1820



EDIÇÃO COMEMORATIVA DE 200 ANOS

WASHINGTON IRVING

A LENDA DO Cavaleiro SEM Cabeça

E OUTROS CONTOS

WISH

Tradução de CAMILA FERNANDES
1ª EDIÇÃO WISH 2020
Primeira publicação em 1820

Ficha catalográfica

Organização Marina Avila

Capa e Projeto Gráfico Marina Avila

Tradução Camila Fernandes

Preparação Cristina Lasaitis

Revisão Karine Ribeiro, Úrsula Antunes

I 72 Irving, Washinghton A lenda de Sleepy Hollow, ou a lenda do cavaleiro sem cabeça / Washington Irving; tradução de Camila Fernandes. – São Caetano do Sul, SP: Wish, 2020. 1. Ficção norte-americana I. Fernandes, Camila II. Título CDD 813 Índice para catálogo sistemático: 1.Ficção : Literatura norte-americana 813

Este livro possui direitos de tradução e projeto gráfico e não pode ser distribuído, de forma comercial ou gratuita, ao todo ou parcialmente, sem a prévia autorização da editora.



Editora Wish

www.editorawish.com.br

São Caetano do Sul - SP - Brasil

Importante:

Esta edição digital não inclui as ilustrações presentes na versão física.




Sumário

Sumário

Washington Irving e as histórias que nascem da História
A Questão racial na época de Irving

CONTOS

A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça
Rip Van Winkle
A cozinha da estalagem
O Noivo Espectral
O Diabo e Tom Walker



PREFÁCIO

Washington Irving e as histórias que nascem da História

OSCAR NESTAREZ

“O trabalho foi realizado de maneira magistral — a modéstia do título não fornece nenhuma indicação da completude, da abrangência e da beleza com as quais uma longa e complexa série de detalhes, coletados necessariamente a partir de uma massa de dados vagos e imperfeitos, foi forjada com plenitude e unidade.”[1]

As palavras acima são do autor estadunidense Edgar Allan Poe (1809-1849), e se referem a *Astoria: Or, Enterprise Beyond the Rocky Mountains* (“Astoria: Ou Jornada Além das Montanhas Rochosas”), de seu conterrâneo Washington Irving. Publicado em 1836, o livro trata da pioneira expedição do comerciante John Jacob Astor para o Oregon, e se tornou um sucesso imediato. Foi considerado um importante registro histórico do país, que, pouco mais de cinco décadas antes, havia se tornado independente da Inglaterra. Um ano depois de lançado, *Astoria* tornou-se um best-seller, sendo adotado como leitura obrigatória em algumas escolas dos EUA.

Em sua longa resenha (publicada em janeiro de 1837 no *Southern Literary Messenger*, periódico de Richmond, Virgínia) sobre o livro de Irving, Poe destaca a forma como o autor costura fatos históricos, narrados a ele pelo próprio Astor e por sua equipe, à criação ficcional propriamente dita. Em certa medida, o criador de *O Corvo* aponta para uma das características mais marcantes da obra daquele escritor nascido em 1783 e falecido em 1859: as histórias que nascem da História.

Afinal, hoje reconhecido como o primeiro homem de letras dos EUA (uma vez que foi capaz de se sustentar por meio da escrita), Washington

Irving consagrou-se também como um dos mais proeminentes historiadores de sua época naquele país. Vários títulos de sua longa e prolífica carreira editorial dão prova disso. Além do próprio *Astoria*, temos *Uma História de Nova Iorque* (compêndio de contos satíricos publicado sob o pseudônimo de Diedrich Knickerbocker), *Uma História da Vida e das Viagens de Cristóvão Colombo*, *Crônica da Conquista de Granada* e a monumental biografia *A Vida de George Washington*, composta de cinco volumes.

A própria data de nascimento de Irving tem grande significado histórico: 3 de abril de 1783, exatos cinco meses antes de se encerrar a Guerra de Independência dos Estados Unidos, iniciada oito anos antes. Caçula dos onze filhos de um austero pastor presbiteriano de origem escocesa e de uma inglesa, Irving foi criado em um ambiente de indulgência, em que lhe era permitido fazer aquilo que mais amava: ler. Desde muito cedo, devorava tudo o que lhe caía nas mãos. E cedo também se pronunciou a vocação que com frequência desponta nos leitores incansáveis: escrever. De acordo com o biógrafo Brian Jay Jones, já na infância, Irving começou a compor breves histórias, "narrativas carregadas de fantasia, humor e certo assombro, elaboradas a partir da experiência cotidiana"[2].

Tanto a descrição de Jay Jones quanto o comentário de Poe parecem se aplicar muito bem aos relatos que compõem este livro. "A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça" (*The Legend of Sleepy Hollow*), "Rip Van Winkle", "O Noivo Espectral" (*The Spectre Bridegroom*) e "O Diabo e Tom Walker'' (*The Devil and Tom Walker*) têm, como marcas, a urdidura entre fatos históricos e ficção, bem como as tonalidades vibrantes da fantasia e, por vezes, sinistras do gótico. Os três primeiros contos foram publicados originalmente em *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent.* ("O Caderno de Desenhos de Geoffrey Crayon, Um Cavalheiro"), coleção de 34 ensaios e narrativas breves lançada em diferentes volumes nos anos de 1819 e 1820. Já "O Diabo e Tom Walker" foi publicado na coletânea *Tales of a Traveller* ("Contos de um Viajante) de 1824: em ambas as obras, Irving adotou o pseudônimo Geoffrey Crayon, um nome que já indica a intenção de apresentar matizes diversos e vibrantes ao leitor, posto que "Crayon" significa "giz de cera".

A composição desses textos — sobretudo daqueles do *Sketch Book* — ocorreu após um evento que marcou a vida literária de Irving: o encontro com o escocês Sir Walter Scott, autor de *Ivanhoé* e *Rob Roy*, hoje visto como

o criador do romance histórico. Ambos se conheceram na Inglaterra, para onde o estadunidense havia ido para cuidar de negócios dos irmãos. Após ler alguns dos trabalhos de Irving, Scott o encorajou com entusiasmo a continuar escrevendo. Aquele encontro foi o início de uma longa e produtiva amizade, que duraria até o fim da vida de Scott, em 1832.

A estadia na Europa também foi imensamente inspiradora: os contos de *Sketch Book* ou trazem impressões de Irving sobre a Inglaterra e outros países que ele havia visitado, ou foram diretamente influenciados pelo folclore e pelo imaginário locais. Enquadram-se nesse segundo grupo as narrativas “A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça” e “Rip Van Winkle”: embora ambas se passem no estado de Nova Iorque, nos arredores das montanhas Catskill (que os nativos indígenas povoavam de mistérios), as histórias têm origem em fábulas e lendas europeias.

A aventura em Sleepy Hollow, por exemplo. No texto, soam ecos de uma das *Lendas do Rübezah*, de autoria do alemão Karl Musäus (1735 – 1787), na qual uma entidade mágica gigantesca se disfarça de um cavaleiro que carrega um nabo no lugar da cabeça. O conto ainda dialoga com “O Caçador Selvagem”, do também alemão Gottfried August Bürger (1747 – 1794), que descreve a transformação de um cruel nobre em um fantasma condenado a cavalgar nas asas do vento. No entanto, à pomposidade e ao maravilhamento das lendas do velho mundo, Irving entretece elementos bastante característicos do novo. Eles são encarnados pela figura burlesca e muitas vezes autodepreciativa do protagonista, o mestre-escola Ichabod Crane.

Forasteiro na onírica Sleepy Hollow, Crane também representa um traço que, na época, já era comumente atribuído aos estadunidenses: a ambição, pois ele planeja se casar com a bela Katrina Von Tassel, filha única de um rico fazendeiro local, e com ela desaparecer do vilarejo graças ao patrimônio que herdará. Para isso, no entanto, terá que enfrentar o valentão Brom Bones, que também concorre ao coração da moça. Sobre esse triângulo, pairam as fantasmagorias do espaço assombrado de Sleepy Hollow — entre elas, o espectro de um terrível cavaleiro germânico que foi decapitado por uma bala de canhão durante a Revolução. No pano de fundo, há também o contexto histórico da ocupação holandesa nos EUA.



ILUSTRAÇÃO BASEADA EM F.O.C. DARLEY, 1850

Cabe aqui um breve comentário a respeito da adaptação cinematográfica de Tim Burton, de 1999. Ainda que preserve a atmosfera gótica e as brumas de mistério do conto de Irving, o filme percorre vias bem mais sinistras e violentas. O triângulo amoroso dá lugar a uma complexa rede de intrigas que culmina em um pacto fáustico; e o Ichabod Crane interpretado por Johnny Depp, embora um tanto picaresco, transforma-se no herói acidental de uma sangrenta história.

Já a narrativa de “Rip Van Winkle” é alimentada por fontes ainda mais diversas. Nela, há traços da lenda germânica de Frederico Barbarossa, segundo a qual o imperador, cercado pelos companheiros, dorme continuamente em uma caverna da montanha Kyffhäuser, enquanto sua barba cresce em volta de uma mesa de pedra. No entanto, a influência mais notável é a de “Peter Klaus, o Pastor de Cabras”, conto do folclore alemão de estrutura bastante semelhante à da narrativa de Irving: um jovem pastor que, certo dia, tendo perdido uma das cabras de seu rebanho, vai procurar por ela nas montanhas. Lá, depara-se com criaturas estranhas, que o convidam para tomar um certo vinho. Ao fazê-lo, Peter adormece e acorda vinte anos depois.

Embora a semelhança tenha rendido alguma polêmica a Irving, a leitura atenta de “Rip Van Winkle” sugere que o autor possa ter se apropriado do conto alemão para elaborar uma curiosa sátira histórica de traços políticos. Nela, o preguiçoso Rip escapa para as montanhas Catskills porque quer fugir de sua esposa rabugenta e mandona. Uma vez lá, encontra o que parecem duendes ou gnomos, que lhe oferecem uma estranha beberagem. Após experimentá-la, dorme por vinte anos. Quando acorda e volta à sua aldeia, vê tudo transformado. As casas, as vestimentas, os costumes, as pessoas; nada mais era como antes. Mas a principal mudança escapa aos olhos: fervoroso súdito do rei britânico George III, Rip descobre que durante seu sono deflagrou-se a revolução de independência do país.

Chama a atenção, também, a credibilidade que Irving procura conferir a esse conto específico. O título completo do relato é “Rip Van Winkle, Um Escrito Póstumo de Diedrich Knickerbocker”; ou seja, a persona Geoffrey Crayon encontrou o registro deste que é outro personagem fictício de Irving, o historiador de origem holandesa Knickerbocker. Sua autoria salienta o

caráter histórico da narrativa, uma vez que, como nos lembra a pesquisadora Sigrid Renaux, Knickerbocker era

> um estudioso da história holandesa da província de Nova York; ao associar o relato que vem a seguir a *History of New York... by Diedrich Knickerbocker* (1809), obra cujo mérito principal era sua "exatidão escrupulosa" e "inquestionável autoridade", Crayon confere a "Rip Van Winkle" a mesma veracidade histórica atribuída àquela obra;[3]

Cabe, ainda, um breve comentário a respeito de um curioso diálogo proposto pelo conto de Irving. Trata-se da relação com o romance de ficção científica distópica *O Dorminhoco* (*The Sleeper Awakes*), do inglês H.G. Wells. Publicada pela primeira vez em 1899, a narrativa nos apresenta um homem que dorme não por vinte, mas por 203 anos, e acorda em um mundo completamente transformado, no qual é a pessoa mais rica e poderosa.

Já no relato "O Noivo Espectral", assim como em "A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça ", são mais evidentes as tonalidades escuras das narrativas góticas. Mas, diferentemente da aventura de Sleepy Hollow (e de "Rip Van Winkle"), esse conto se passa na Europa, em meio a montanhas alemãs, onde vivem o Barão Von Landshort e sua filha, cuja mão é prometida ao filho de uma rica família. No dia marcado para o casamento, o rapaz empreende uma longa cavalgada da cidade em que vive até o castelo de Landshort. No caminho, encontra um amigo, que passa a viajar a seu lado. Mas ambos sofrem uma emboscada; ferido de morte, o noivo encarrega o companheiro de avisar à futura esposa do ocorrido. Entretanto, a figura que surge no castelo é misteriosa e sinistra…



ILUSTRAÇÃO DE ASTRID E. GESCHEIDT, 1932

Trata-se de um dos poucos relatos de Irving situados fora dos EUA. Nele, notamos novamente a influência de Gottfried August Bürger — mais especificamente de sua balada “Lenore”, publicada pela primeira vez em 1774, em que uma jovem chora pelo desaparecimento do noivo, supostamente morto durante uma guerra, até que um estranho cavaleiro surge em sua vida. No conto, também é perceptível a incidência de um procedimento intitulado “sobrenatural explicado”, bastante recorrente entre as narrativas góticas, em especial aquelas da autora britânica Clara Reeve (1729 – 1807). Por meio desse recurso, os eventos fantásticos justificam-se por cadeias de coincidências, mal-entendidos, engenhocas cenográficas e outros motivos.

Por fim, temos “O Diabo e Tom Walker”, narrativa de teor fáustico cujo centro é o tesouro que um pirata, William Kidd, escondeu em Massachusetts. A riqueza será oferecida ao personagem-título por uma estranha figura, que, em troca, exige-lhe a alma. O problema é que a esposa de Tom Walker, feita da mesma substância mesquinha e avarenta, também negocia com a criatura. Na sequência da história, Walker prospera imensamente, graças sobretudo à especulação que grassou na província de Massachusetts durante o governo de Jonathan Belcher — e nesse ponto a história assume evidentes contornos histórico-políticos.

Em suma, este é o rico panorama da obra de Washington Irving oferecido pelas páginas deste livro. Consagrado em sua época, tido como o “pai dos contos estadunidenses” e o primeiro autor best-seller daquele país, Irving é aqui apresentado com características que justificam um maior conhecimento de sua obra no Brasil. Seja pela combinação de ficcionista e historiador, resultando em narrativas que propõem, acerca dos fatos, aquela reflexão crítica de que só a criação literária é capaz; seja pela apropriação de lendas e contos do Velho Mundo, recriadas com as cores e os traços do Novo, Irving mostra-se à altura da fama que conquistou em vida, e que até hoje se mantém vigorosa em países anglófonos. Prova-se, também, merecedor do respeito de seus colegas e conterrâneos — como Edgar Allan Poe, que muito raramente empregava o termo “magistral” para qualificar uma obra literária.

Oscar Nestarez é escritor e pesquisador da literatura de horror. Publicou a coletânea “Horror adentro” e “Bile negra” — que recebeu o prêmio

ABERST de melhor romance de horror em 2018 —, além de contos em diversas antologias. Também é colunista das revistas Galileu e Vício Velho.



INTRODUÇÃO

A Questão racial na época de Irving

JIM ANOTSU

Meu primeiro contato com o trabalho de Washington Irving foi há quase vinte anos, durante as férias escolares de 2000. Assim como para inúmeras pessoas da minha geração, meu primeiro contato com a história do Cavaleiro Sem Cabeça se deu através do filme de Tim Burton, lançado em 1999. Pouco tempo depois, coloquei as mãos num exemplar de *A Lenda do Cavaleiro Sem Cabeça e Outras Histórias* que encontrei na biblioteca da minha escola, numa edição em papel jornal, amarelada e de cheiro pestilento. No entanto, eu tinha gostado tanto do filme que fiquei curioso — adianto que o filme não tem nada a ver com o livro.

Lembro de ter lido as poucas páginas em menos de um dia. Gostei particularmente de "O Mistério de Sleepy Hollow" — o conto do nosso conhecido Cavaleiro Sem Cabeça — e de "Rip Van Winkle", o homem que dorme por vinte anos e, quando desperta, descobre que ocorreu a Revolução Americana. Como um jovem fã de The Smashing Pumpkins e The Cure, me senti atraído por aquele conto de fadas sombrio e pelo ar sobrenatural que rondava a cidadezinha de Sleepy Hollow — fosse a história verdadeira ou apenas folclore. Não é surpresa que eu também fosse um leitor fiel de Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne, Henry James e H. P. Lovecraft — que, por sua vez, beberam da fonte de Washington Irving.

Washington Irving foi uma celebridade em sua época, viajou pela Europa e, durante muito tempo, foi considerado um dos fundadores da literatura norte-americana. Sua lista de admiradores e amigos incluía Walter Scott — com quem teve uma amizade próxima —, Edgar Allan Poe, Lord Byron, Nathaniel Hawthorne, Mark Twain, Henry Wadsworth Longfellow, Mary Shelley e Charles Dickens. Contudo, seu status decaiu no decorrer do tempo, de modo que Washington Irving acabou relegado a um relicário

inócuo do passado. Era considerado “demasiado europeu” para representar os Estados Unidos e sem a “bravura indômita” que veríamos mais tarde nos modernistas como Hemingway e Faulkner — os “verdadeiros americanos”. Alguns críticos passaram a julgá-lo como um escritor de segunda categoria, algo parecido com o que aconteceu ao escocês Robert Louis Stevenson no início do século XX. Eram escritores “inofensivos” de outra época, destinados aos jovens, mas não aos leitores “sérios”.

Foi só em meados do século passado que essa percepção começou a mudar e Irving recuperou parte do prestígio entre os críticos — é importante acrescentar que ele nunca sumiu dos olhos do público; sempre esteve presente em filmes, fantasias de Halloween e seriados — o último, *A Lenda de Sleepy Hollow* (2013), bem recente, trazendo Ichabod Crane e o Cavaleiro Sem Cabeça para um contexto moderno.

Durante as minhas leituras de férias, em 2000, algo me escapou por razão de ignorância histórica e por causa das adaptações diluídas em outras mídias. Eu passei despercebido pelas “insensibilidades” raciais presentes nos contos. No caso específico de Washington Irving, o racismo aparece de forma elusiva, quase incidental. Mas, ainda assim, não encontrei nele algo tão direto e virulento quanto o poema “*On the Creation of Niggers”* de H.P. Lovecraft — mesmo que Irving tenha morrido 31 anos *antes* do nascimento de Lovecraft. Washington Irving não cortejava a polêmica e guardava muitas de suas opiniões acerca do assunto para si próprio. Por isso, foi bem fácil para o meu eu infantil não perceber as conotações racistas em partes do texto.

A visão racial em Irving aparece de forma velada, como na sua descrição de um lar médio do século XIX no livro *A History of New York from the Beginning of the World to the End of the Dutch Dynasty by Diedrich Knickerbocker* (1809). Ele descreve uma família branca reunida ao redor de uma lareira, ouvindo histórias folclóricas narradas por uma negra, que é mencionada como parecendo um “corvo” perto das chamas, fiando sobre indígenas e feitiçaria. A mulher não fala, mas “grasna”, atuando como um “oráculo” familiar, que traz histórias “exóticas” para o divertimento da família branca. Ela simplesmente está ali, aninhada num canto, afastada dos outros como um animal nas sombras. Da mesma maneira, os personagens negros da obra de Irving aparecem como figuras anônimas em sua maior parte, vistos de longe ou desempenhando papéis irrelevantes para a trama,

meros elementos que *estão* por ali, mas não são vistos nem ouvidos. No livro que você tem em mãos, Ichabod Crane recebe o convite para uma festa por meio de um mensageiro negro. A narrativa de Irving é zombeteira e trata o emissário como um pobre coitado que improvisa ares de sofisticação, mas não o suficiente para esconder suas origens de negro simplório — o que o transforma numa criatura cômica. A narrativa se detém sobre ele apenas o suficiente para vê-lo chegar em cima de um animal mirrado e meio selvagem, e partir de forma caricata.



ILUSTRAÇÃO DE AUGUSTUS HOPPIN, 1864

A história artística norte-americana possui a tendência de tratar os negros como figuras de humor — fosse na época dos *minstrel shows*[4] ou no cinema e programas de tevê do século XX (até os dias de hoje, inclusive) — ou predadores perigosos que se esgueiravam por entre o "bom povo". Nessa linha, *O Nascimento de Uma Nação*, filme roteirizado e dirigido por D.W. Griffith, é o primeiro exemplo que me surge, seguido pelas alegorias de *King Kong* e *Ingagi*. Irving não era imune a essas visões e isso transparece em seus escritos mais na forma de *ausência* do que de humor depreciativo.

Depois de dezessete anos na Inglaterra, Irving retornou para os Estados Unidos e realizou uma viagem para o oeste, onde se encontrou com os povos nativos e as lideranças deles. Embora pouco se saiba de suas opiniões acerca da população afro-americana, existem muitos escritos de sua autoria sobre os nativos e o tratamento que o governo dispensava a eles na época — um olhar surpreendentemente simpático, como pode ser visto em seu ensaio *Traits of Indian Character*:

> Muitos dos infelizes aborígines da América, nos primeiros períodos da colonização, foram duplamente prejudicados pelos homens brancos. Eles foram despojados de seus bens hereditários por guerras mercenárias e frequentemente brutais, e seus personagens foram difamados por escritores fanáticos e cheios de interesses. O colono muitas vezes os trata como feras selvagens, e o autor tenta justificá-lo em seus ultrajes.

Foi também durante essa viagem que Irving teve um contato maior com a vergonha da escravidão. Numa parada, ele conheceu uma mulher escravizada que relatou a separação de sua família. O biógrafo de Irving, Brian Jay Jones, narra essa história para a revista governamental *National Endowment for the Humanities*:

> Histórias verdadeiras e tão dolorosas reviraram o estômago dele. Ainda assim, Washington Irving nunca arriscou sua reputação defendendo visões políticas controversas. Suas opiniões continuaram sendo suas.[5]

É preciso lembrar que, durante toda a vida de Irving, a escravidão foi um fato comum e diário. Ainda existia quando Irving morreu, em 1859, a despeito da força e do barulho do movimento abolicionista nessa época[6]. A Proclamação de Emancipação do presidente Abraham Lincoln só veio em 1863 — o mesmo Lincoln que declarou apenas um ano antes: “Se eu pudesse salvar a União sem libertar escravos, eu o faria; e se pudesse salvá-la libertando todos os escravos, faria isso; e, se pudesse salvá-la libertando alguns e deixando outros em paz, também faria isso”.

Outro fator importante para contextualizar a obra de Irving é a Guerra Civil Americana, na qual se enfrentaram o norte abolicionista e o sul escravagista. A guerra começou em 1861 e durou até 1865, anos depois da morte de Washington Irving, que não chegou a testemunhar os novos rumos de seu país, não participou das discussões da esfera cívica, nem tomou lado na guerra. A vida de Washington Irving, tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, foi uma em que os “grandes dramas” não tinham participação ativa. Não é de surpreender que Irving, durante toda sua carreira, tenha sido omisso e que, nas poucas vezes em que ousou sondar o tema da escravidão, o tenha feito da forma mais bege e insípida possível.

No entanto, a título de curiosidade, seu racismo é menos pernicioso do que aquele de Thomas Dixon Jr. no romance *The Clansman: A Historical Romance of the Ku Klux Klan* (1905), que, por sua vez, inspirou o filme *O Nascimento de uma Nação*, um clássico do cinema. Isso nos mostra que nem sempre a linha do tempo histórica serve como justificativa para comportamentos retrógados. Atualmente existem debates acerca do que fazer com livros que contenham exibições de racismo — seja na obra de Monteiro Lobato, Mark Twain, H. P. Lovecraft e muitos outros. Alguns sugerem que esses livros sejam banidos; outros, que os trechos com conteúdo racista sejam removidos; e há ainda uma porção que acredita que o melhor caminho seja não ler nada que qualquer autor do passado — ou com valores diferentes dos nossos atuais — escreveu.

De minha parte, discordo educadamente de algumas dessas abordagens. Acredito que o passado existe e não podemos apagá-lo, porque apagar o passado é nos arriscarmos a repetir o que ocorreu antes. As obras antigas servem para nos mostrar o que já foi e também indicar o quanto avançamos. Servem para nos mostrar que personagens como a empregada Mammy de *E o Vento Levou* não teriam lugar nos dias de hoje — assim espero. Não se

trata de idolatrar figuras abjetas, de erguer estátuas para crenças furadas, mas de sempre manter a guarda. E os livros, mais do que tudo, são pequenas janelas para mundos diferentes que existem ou ainda vão existir.

Jim Anotsu é escritor, roteirista e tradutor. Sua obra “A Batalha do Acampamonstro é referência em literatura juvenil no Brasil, além de ter publicado livros em outros 13 países.” Leitor de Shakespeare e fã de jogos eletrônicos, é formado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, com habilitação voltada para o estudo de clássicos da literatura inglesa.

Washington Irving

A LENDA DO Cavaleiro SEM Cabeça



THE LEGEND OF
SLEEPY HOLLOW
| 1820 |

A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça

ENCONTRADO ENTRE OS DOCUMENTOS DO FALECIDO DIEDRICH KNICKERBOCKER

Que terra agradável de almas dormentes,

De sonhos que ondulam à frente do olhar

E belos castelos nas nuvens rubentes,

P'ra sempre no céu de verão a passar[7]

The Castle of Indolence, James Thomson

No seio de uma daquelas enseadas vastas que recortam a margem oriental do Hudson, na ampla extensão do rio que os antigos navegadores holandeses denominavam Tappan Zee e onde sempre baixavam as velas, prudentes, implorando a proteção de São Nicolau quando passavam, há uma cidadezinha mercantil ou porto rural que alguns chamam de Greensburgh, mas que é conhecida, de maneira geral e mais apropriada, pelo nome de Tarry Town. Esse nome foi dado, segundo dizem, pelas boas donas de casa da região adjacente em tempos passados, pela propensão inveterada de seus maridos de permanecer[8] na taberna do povoado nos dias de feira. Seja como for, não garanto o fato, somente aludo a ele por uma questão de precisão e autenticidade.



ILUSTRAÇÃO DE J. H. HILL E WM. HART

Não muito longe desse povoado, talvez cerca de três quilômetros, há um valezinho, ou melhor, uma porção de terra entre montanhas, que é um dos lugares mais sossegados do mundo. Um pequeno riacho corre por ele, murmurando o suficiente apenas para embalar o repouso de alguém, e o assobio ocasional de uma codorna ou o bicar de um pica-pau são quase os únicos sons que invadem a tranquilidade total.

Recordo-me de que, quando moço, minha primeira expedição de caça ao esquilo foi num bosque de nogueiras altas que sombreiam um lado do vale. Caminhei até lá ao meio-dia, quando toda a natureza mergulha numa quietude peculiar, e me assustei com o rugido da minha própria arma quando rompeu a calma do sábado, prolongando-se e reverberando em ecos zangados. Se um dia quisesse um refúgio onde pudesse me furtar ao mundo e às suas distrações, e sonhar em silêncio pelo resto de uma vida conturbada, não conheço nenhum mais promissor do que esse valezinho.

Em razão da tranquilidade apática do lugar e do caráter peculiar de seus habitantes, que descendem dos colonos holandeses originais, esse vale isolado é conhecido há muito tempo pelo nome de Sleepy Hollow[9], e seus rapazes rústicos são chamados de Moços do Vale Sonolento em toda a região vizinha. Uma influência sonífera e sonhadora parece pairar sobre a terra e impregnar a própria atmosfera. Há quem diga que o local foi enfeitiçado por um médico da Alemanha, nos primórdios da colonização; outros, que um antigo cacique, profeta ou mago da sua tribo, fazia seus *powwows*[10] lá antes que a região fosse descoberta pelo mestre Hendrick Hudson. O certo é que o lugar permanece sob o poder de alguma espécie de encantamento, que mantém domínio sobre a mente daquela boa gente, fazendo com que andem num devaneio contínuo. São propensos a todo tipo de crenças maravilhosas, sujeitos a transes e miragens, têm estranhos vislumbres e ouvem música e vozes no ar. Toda a vizinhança é repleta de histórias locais, lugares assombrados e superstições obscuras, estrelas riscam o céu e meteoros se acendem com mais frequência no vale do que em qualquer outra parte do país, e o pesadelo, com todo o seu séquito, parece fazer dele o cenário favorito para suas cabriolas.

O principal espírito, contudo, que assombra essa região encantada, e parece ser o comandante em chefe de todos os poderes do ar, é a aparição de uma figura a cavalo, sem cabeça. Dizem alguns que é o fantasma de um

soldado hessiano[11], cuja cabeça foi levada por uma bala de canhão em alguma batalha anônima durante a Guerra da Independência, e o povo do campo o vê sempre e amiúde, percorrendo as trevas da noite como se nas asas do vento. A assombração não se limita ao vale, mas às vezes chega às estradas adjacentes e principalmente aos arredores de uma igreja pouco distante. Na verdade, alguns dos historiadores mais autênticos da região, que tiveram o cuidado de coletar e conferir os fatos flutuantes a respeito desse espectro, alegam que, estando o corpo do soldado enterrado no cemitério da igreja, o fantasma cavalga até o local da batalha numa busca noturna por sua cabeça, e a velocidade impetuosa com que às vezes passa pelo vale, como uma ventania à meia-noite, se deve ao fato de estar atrasado e ter pressa de voltar ao cemitério antes do amanhecer.

Tal é o teor geral dessa lendária superstição, que forneceu material para muitas histórias desvairadas naquela região de sombras. O espectro é conhecido em todas as lareiras das cercanias pelo nome de Cavaleiro sem Cabeça de Sleepy Hollow.

É notável que a propensão visionária que citei não se restrinja aos habitantes nativos do vale, mas seja inconscientemente absorvida por todos que lá residem por algum tempo. Por mais despertos que possam estar antes de entrar nessa região sonolenta, logo passam a inalar a influência feiticeira do ar e começam a ficar imaginativos, ter sonhos e ver aparições.

Cito esse local pacato com todo o louvor possível, pois é em tais valezinhos holandeses reservados, albergados aqui e ali no grande estado de Nova York, que a população, as maneiras e os costumes permanecem fixos, enquanto a grande torrente de migração e progresso, que tem feito mudanças incessantes em outras partes deste país inquieto, passa despercebida por elas. São como aqueles pequenos recantos de água parada, à beira de rápidos riachos, onde podemos ver a palha e as bolhas ancoradas em silêncio, ou girando devagar em sua imitação de porto, indiferentes ao ímpeto da corrente que avança. Embora muitos anos tenham se passado desde que caminhei pelas sombras sonolentas de Sleepy Hollow, ainda imagino se não encontraria as mesmas árvores e as mesmas famílias vegetando em seu seio protegido.

Nesse local ermo da natureza residia, num período remoto da história americana, ou seja, cerca de trinta anos atrás, uma digna figura com o nome de Ichabod Crane, que passava uma temporada ou, como ele expressou,

“demorava-se” em Sleepy Hollow, com o objetivo de instruir as crianças da vizinhança. Ele nascera em Connecticut, estado que fornece pioneiros à União, tanto para o intelecto quanto para a floresta, e envia anualmente suas legiões de madeireiros da fronteira e mestres-escolas para o campo. O sobrenome Crane[12] era muito adequado à sua pessoa. Era alto, mas extremamente delgado, de ombros estreitos, braços e pernas compridos, mãos que pendiam um quilômetro além das mangas, pés que poderiam ter servido como pás, e todas as partes de sua constituição se uniam de maneira muito frouxa. A cabeça era pequena e achatada no alto, com orelhas enormes, olhos grandes, verdes e vítreos, e um longo nariz de narceja, de modo que parecia um galo dos ventos empoleirado em seu pescoço de vareta para informar em que direção soprava a brisa. Ao vê-lo caminhar pela crista de uma colina num dia de ventania, com as roupas folgadas esvoaçando em torno dele, alguém poderia confundi-lo com o espírito da fome descendo à terra, ou com um espantalho em fuga do milharal.

Sua escola era uma casa baixa com uma única sala grande, feita de toras rústicas, as janelas em parte envidraçadas e em parte remendadas com folhas de cadernos antigos. Era protegida de modo muito engenhoso nas horas vagas por uma tira de vime enrolada na maçaneta da porta e estacas apoiadas às folhas das janelas, para que, embora um ladrão pudesse entrar com facilidade, teria certa dificuldade para sair — ideia que o arquiteto Yost Van Houten provavelmente tomou emprestada do truque de uma armadilha para enguias.

A escola ficava numa localização um tanto solitária, mas agradável, bem ao pé de uma colina arborizada, com um regato próximo e uma bétula formidável crescendo num dos lados. Dali se podia ouvir o murmúrio baixo das vozes dos pupilos memorizando as lições num dia sonolento de verão, como o zumbido de uma colmeia, interrompido de quando em quando pela voz autoritária do mestre, em tom de ameaça ou comando, ou, porventura, pelo som apavorante da bétula, enquanto ele instigava algum indolente vagaroso a percorrer a estrada florida do conhecimento. Verdade seja dita, ele era um homem escrupuloso e sempre tinha em mente a máxima de ouro: “Quem poupa a vara estraga a criança”[13]. Ichabod Crane certamente não estragava seus alunos.



ILUSTRAÇÃO DE OERTELL

Eu não imaginaria, porém, que ele era um daqueles cruéis potentados da escola que se deleitam com a dor de seus subordinados; ao contrário, administrava a justiça com mais discernimento que severidade, tirando o fardo das costas dos fracos e pousando-o nas dos fortes. O rapazote débil, que estremecia ao menor floreio da vara, era tratado com indulgência. Mas o clamor pela justiça era satisfeito ao infligir um castigo duplo a um traquinas holandês resistente e obstinado de casaco largo, que ficava amuado e inchado, e punha-se debaixo da bétula, teimoso e taciturno. A tudo isso ele chamava “cumprir seu dever para com os pais das crianças”, e nunca infligia um castigo sem acompanhá-lo da garantia, tão consoladora para o rapazote dolorido, de que “ele se lembraria da punição e agradeceria por ela até o último dia de sua vida”.

Quando as aulas terminavam, ele era até mesmo o companheiro de brincadeiras dos meninos maiores, e, nas tardes de folga, escoltava alguns dos menores até em casa, se por acaso tivessem irmãs bonitas ou mães que fossem boas donas de casa, notórias pela generosidade à mesa. De fato, convinha-lhe ter boas relações com os pupilos. A renda proveniente da escola era pequena e mal bastava para fornecer-lhe o pão de cada dia, pois ele era um grande glutão e, embora delgado, tinha os poderes de dilatação de uma anaconda. Mas, para ajudar no seu sustento, ficava, de acordo com o costume interiorano da região, hospedado nas casas dos agricultores cujos filhos instruía. Com eles vivia sucessivamente, uma semana por vez, assim percorrendo a vizinhança, com todos os seus bens materiais embalados num lenço de algodão.

Para evitar que tudo isso fosse oneroso demais para as bolsas de seus benfeitores rústicos, que tendem a considerar os custos da educação escolar um fardo pesado e os mestres-escolas como simples vadios, ele tinha vários modos de se tornar útil e agradável. De vez em quando, auxiliava os agricultores nas tarefas mais leves das fazendas, ajudava a fazer feno, consertava as cercas, levava os cavalos para beber água, tirava as vacas do pasto e cortava lenha para o fogo do inverno. Também deixou de lado toda a dignidade dominante e o controle absoluto com que governava seu pequeno império, a escola, e tornou-se maravilhosamente gentil e cativante. Caiu nas graças das mães ao acarinhar as crianças, principalmente as mais novas, e, como o bravo leão, que outrora segurou, tão magnânimo, o cordeiro[14], ele se

sentava com uma criança no joelho e balançava um berço com o pé por horas seguidas.

Além de suas outras vocações, ele era o professor de canto da vizinhança e recebia muitos xelins brilhantes ao instruir os jovens nos salmos. Aos domingos, era questão de certa vaidade tomar seu posto na frente da galeria da igreja, com uma banda de cantores seletos, onde, na sua própria opinião, ele triunfava por completo sobre o pároco. O certo é que sua voz ressoava muito acima de toda a congregação, e ainda há trinados peculiares a se ouvir naquela igreja, e que se podem ouvir mesmo a um quilômetro de distância, no outro lado da lagoa do moinho, numa manhã pacata de domingo, e os quais são considerados descendentes legítimos do nariz de Ichabod Crane. Assim, por meio de expedientes diversos, à maneira engenhosa que geralmente se denomina “de um jeito ou de outro”, o digno pedagogo vivia de modo tolerável, e todos aqueles que não entendiam nada dos esforços do trabalho intelectual pensavam que levava uma vida maravilhosamente fácil.

O mestre-escola geralmente é um homem de certa importância no círculo feminino de uma vizinhança rural, considerado uma espécie de personagem desocupado e cavalheiresco, de gosto e cultura amplamente superiores aos dos campônios rústicos e erudição superada apenas pela do pároco. Sua aparição, portanto, tende a causar certo rebuliço à mesa do chá de uma fazenda e o acréscimo de um prato supranumerário de bolinhos ou gulodices, ou, porventura, a exibição de um bule de prata.



Nosso homem de letras, assim, ficava especialmente feliz com o sorriso de todas as donzelas do campo. Que bela figura fazia entre elas no cemitério, entre os cultos aos domingos, colhendo uvas das videiras silvestres que cobriam as árvores das cercanias para elas, recitando, para diverti-las, todos os epitáfios nas lápides, ou passeando, com todo um cortejo delas, às margens da lagoa do moinho, enquanto os matutos mais acanhados da região ficavam para trás, tímidos, invejando sua elegância e modos superiores.

Em razão da sua vida semi-itinerante, ele era também uma espécie de jornal ambulante, levando todo o sortimento de mexericos locais de casa em casa, de modo que era sempre recebido com satisfação. Além disso, era estimado pelas mulheres como um homem de grande saber, pois havia lido muitos livros até o fim e dominava à perfeição a *História da Bruxaria na Nova Inglaterra*, de Cotton Mather, na qual, a propósito, acreditava firme e fervorosamente.

Ichabod era, de fato, uma estranha mistura de um pouco de astúcia e simples credulidade. Seu apetite pelo maravilhoso e sua capacidade de digeri-lo eram igualmente extraordinários, e ambos foram ampliados por sua permanência nessa região enfeitiçada. Nenhuma história era vulgar ou monstruosa demais para sua vasta capacidade de devorá-la. Era seu deleite frequente, depois de dispensar a classe à tarde, espreguiçar-se no farto canteiro de trevos margeando o riachinho que passava lamurioso ao lado da escola e lá memorizar as horrendas histórias do velho Mather, até o crepúsculo da noite vindoura fazer da página impressa mera névoa diante dos olhos. Então, enquanto se encaminhava por pântano, riacho e mata medonha até a fazenda onde por acaso estivesse alojado, cada som da natureza, naquela hora das bruxas, atiçava sua imaginação — o gemido da ave noturna na encosta, o grito agourento da rã-arborícola, aquele prenúncio de tempestade, o pio lúgubre da coruja ou o farfalhar repentino no matagal de pássaros assustados deixando seu abrigo. Os vaga-lumes também, brilhando de modo mais vívido nos lugares mais escuros, eventualmente o assustavam, quando um deles, de brilho incomum, cruzava seu caminho; e se, por acaso, um besouro gigantesco alçasse um voo desajeitado contra ele, o pobre patife estava pronto para entregar a alma, com a ideia de que fora atingido pela marca de uma bruxa. Seu único recurso em tais ocasiões, ou para acalmar a mente ou para afastar os maus espíritos, era cantar salmos, e a boa gente de Sleepy Hollow, sentada à porta das casas à noite, admirava-se

com frequência ao ouvir sua melodia nasal, “com doçura reunida e prolongada[15]”, flutuar desde a colina distante ou pela estrada escura.

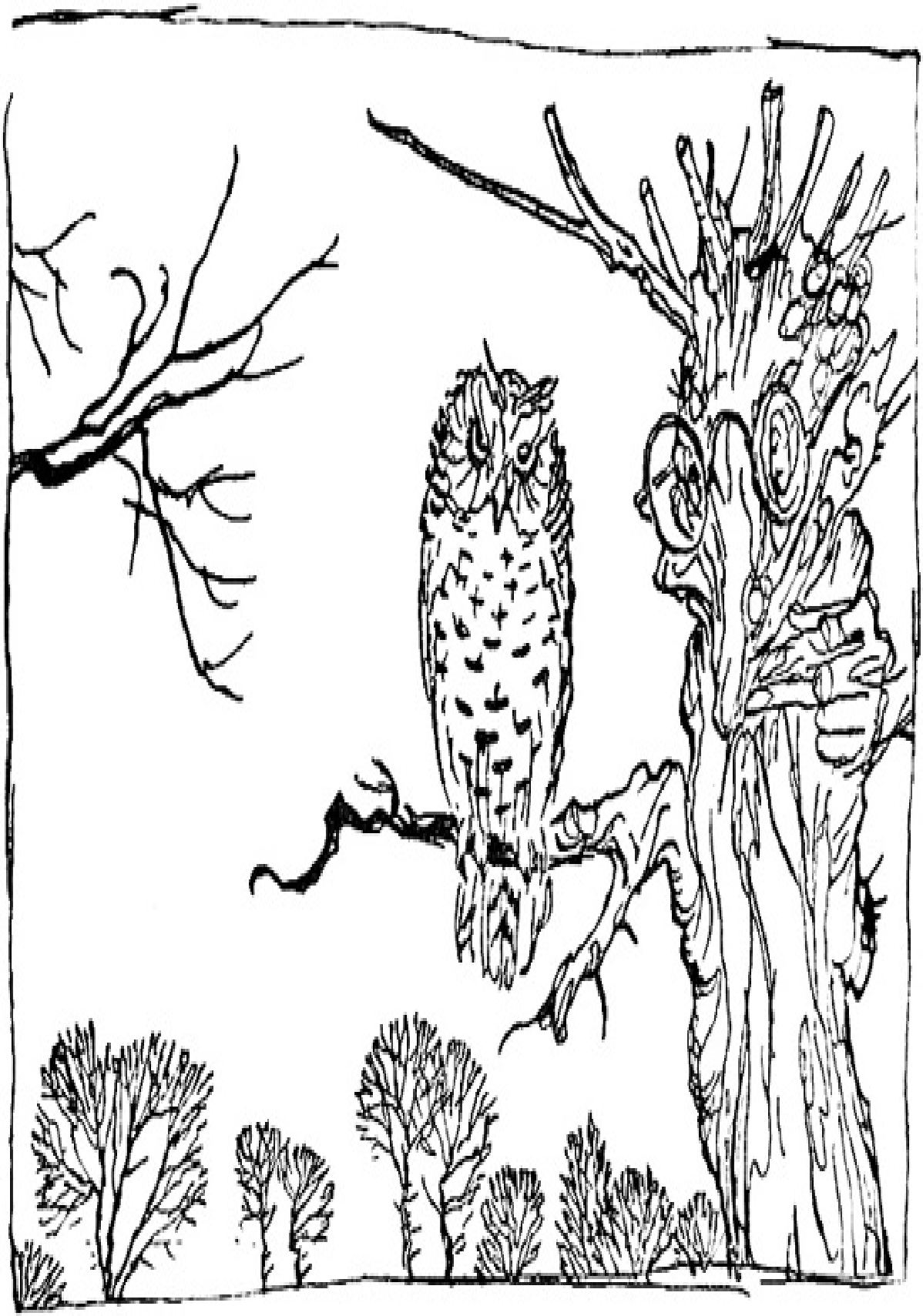


ILUSTRAÇÃO DE ARTHUR RACKHAM,1928

Outra de suas fontes de prazer assustador era passar longas noites de inverno com as velhas senhoras holandesas, enquanto, sentadas, fiavam junto ao fogo, com uma fileira de maçãs assando e estalando na lareira, e ouvir suas histórias maravilhosas de fantasmas e espíritos, e campos assombrados, e riachos assombrados, e pontes assombradas, e casas assombradas, e principalmente do cavaleiro sem cabeça, ou Hessiano Galopante de Hollow, como o chamavam às vezes. Ele as deliciava igualmente com suas anedotas de bruxaria, presságios terríveis, visões e sons portentosos no ar, que prevaleciam nos primórdios de Connecticut, e as deixava amedrontadas e aflitas com especulações sobre cometas e estrelas cadentes, e com o fato alarmante de que o mundo certamente girava e elas passavam a metade do tempo de pernas para o ar!

Mas se havia um prazer em tudo isso, enquanto ele se aconchegava no canto da chaminé de uma sala tomada pelo fulgor rubro da lareira crepitante, e onde, é claro, nenhum fantasma ousava mostrar a cara, era comprado a um alto preço pelos terrores de sua caminhada subsequente para casa. Que formas e sombras temíveis cercavam seu caminho, em meio ao resplendor fantasmagórico e horripilante da neve noturna! Que olhar desejoso lançava a cada raio trêmulo de luz que fluía de uma janela distante por sobre os campos desolados! Quantas vezes ficou horrorizado diante de um arbusto coberto de neve que, como um espectro pálido, cercava seu caminho! Quantas vezes encolheu-se de medo paralisante ao ouvir os próprios passos na crosta gelada debaixo dos pés, e de pavor ao olhar para trás, esperando não ver nenhuma criatura bruta bem às suas costas! E com que frequência era atirado no terror absoluto por uma rajada de vento, uivando entre as árvores, imaginando que fosse o Hessiano Galopante numa de suas cavalgadas noturnas!

Todos esses, porém, eram meros terrores da noite, fantasmas da mente que andam nas trevas. Apesar de ter visto muitos espectros na vida e de ter sido acossado mais de uma vez por Satanás de diversas formas em suas perambulações solitárias, a luz do dia dava cabo de todos esses males, e ele teria vivido uma vida agradável assim, apesar do Diabo e de todas as suas obras, se seu caminho não tivesse sido cruzado por um ser que causa mais perplexidade ao homem mortal do que fantasmas, espíritos e toda a raça das bruxas juntos: uma mulher.

Entre os alunos de música que se reuniam, uma noite a cada semana, para receber as instruções na salmodia, estava Katrina Van Tassel, filha única de um importante fazendeiro holandês. Era uma moça viçosa de dezoito anos recém-completados, roliça como uma perdiz, madura, terna e rosada como um dos pêssegos de seu pai, e universalmente afamada, não apenas por sua beleza, mas por suas grandes expectativas. Além disso, era um pouco coquete, como se podia perceber até em seu vestido, que era uma mistura de modas antiga e moderna, de modo a melhor realçar seus encantos. Usava ornamentos de ouro puro e amarelo que sua trisavó trouxera de Saardam, o tentador peitilho dos tempos antigos e, além de tudo, uma saia curta e provocante, para exibir os pés e tornozelos mais belos da região.

Ichabod Crane tinha coração mole e tolo em relação ao belo sexo, e não é de admirar que um achado tão tentador logo tenha caído nas suas graças, ainda mais depois que ele a visitou na mansão paterna.



O velho Baltus Van Tassel era a imagem perfeita de um fazendeiro próspero, contente e generoso. É verdade que raramente ele lançava o olhar ou os pensamentos para além dos limites de sua própria fazenda, mas dentro deles tudo era confortável, feliz e em boas condições. Estava satisfeito com sua riqueza, mas não se orgulhava dela; gabava-se da fartura mais que do requinte com que vivia. Sua fortaleza situava-se às margens do Hudson, num daqueles recantos verdes, protegidos e férteis em que os agricultores holandeses tanto gostam de se aninhar. Um grande olmo espalhava os galhos largos sobre ela, e a seus pés borbulhava uma fonte da água mais fresca e doce, num pequeno poço formado por um barril, que depois fugia cintilando pela grama até um riacho vizinho, murmurejando entre amieiros e salgueiros-anões. Perto da casa havia um celeiro tão amplo que poderia ter servido de igreja; todas as suas janelas e frestas pareciam transbordar os tesouros da fazenda; o mangual ressoava dentro dele da manhã até a noite; andorinhas e martinetes sobrevoavam os beirais, gorjeando; e fileiras de pombos, alguns com os olhos voltados para cima, como se observassem o tempo, outros com a cabeça embaixo da asa ou enterrada no peito, e outros se empertigando, arrulhando e curvando-se para suas damas, aproveitavam o sol no telhado.

Porcos elegantes e volumosos grunhiam no repouso e na fartura de seus chiqueiros, de onde saíam, de vez em quando, tropas de leitões, como se para farejar o ar. Um imponente esquadrão de gansos alvíssimos flutuava numa lagoa adjacente, escoltando frotas inteiras de patos; regimentos de perus gorgolejavam no pátio e galinhas-d’angola faziam uma azáfama, como donas de casa mal-humoradas, com seu grito descontente e irritadiço. Perante a porta do celeiro desfilava o galo galante, aquele exemplo de marido, guerreiro e bom cavalheiro, batendo as asas lustrosas e cantando o orgulho e a alegria de seu coração — às vezes rasgando a terra com as patas e, depois, generosamente chamando sua família, sempre faminta, de esposas e filhos para desfrutar do rico banquete que ele descobrira.

O pedagogo sentiu água na boca ao olhar para essa promessa suntuosa de mesa farta no inverno. Em sua mente voraz, vislumbrou cada porco assado correndo com um pudim na barriga e uma maçã na boca, os pombos foram postos para dormir numa torta confortável e cobertos com uma colcha de crosta, os gansos nadavam em seu próprio molho e os patos formavam pares em pratos, num aconchego de casal, com a competência decente de um molho de cebola. Nos porcos, ele viu destacar-se a fatia elegante de toicinho

e o presunto suculento e saboroso; nenhum peru deixou de vir graciosamente ajeitado, com a moela embaixo da asa e, porventura, um colar de salsichas condimentadas; e até o próprio galo cantor estava deitado de costas, num prato de acompanhamento, com as garras erguidas, como se buscasse a clemência que seu espírito nobre não se dignou a pedir em vida.

Enquanto o embevecido Ichabod fantasiava tudo isso, e seus grandes olhos verdes percorriam as terras fartas do prado, os ricos campos de trigo, centeio, trigo-sarraceno e milho flint, e os pomares carregados de frutos rubros que cercavam a residência calorosa de Van Tassel, seu coração ansiava pela donzela que herdaria esses domínios, e sua imaginação se expandia com a ideia de como poderiam transformá-los facilmente em dinheiro, e investi-lo em imensas áreas de terra selvagem e palácios de pedra no bosque. Ora, sua imaginação vivaz já concretizava suas esperanças e apresentava a exuberante Katrina, com toda uma família de crianças, montada no alto de uma carroça carregada de bugigangas domésticas, com panelas e chaleiras penduradas embaixo; e viu-se cavalgando uma égua a caminhar com um potro atrás de si, partindo para o Kentucky, o Tennessee ou Deus sabe onde!

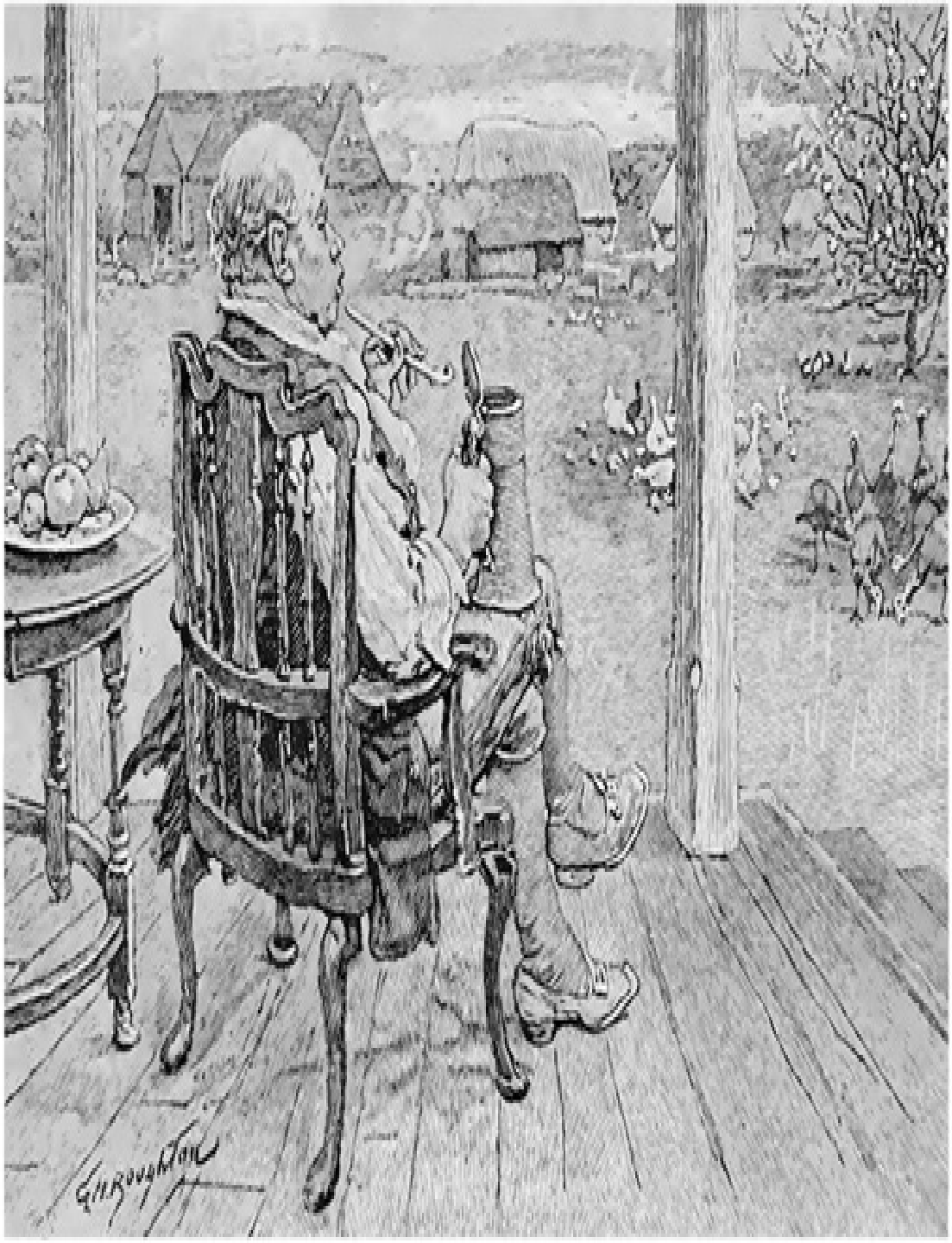


ILUSTRAÇÃO DE GEORGE H. BOUGHTON, 1907

Quando ele entrou na casa, a conquista do seu coração estava completa. Era uma daquelas construções de fazenda espaçosas, com cumeeiras altas e telhados bem inclinados, erguida no estilo dos primeiros colonos holandeses, os beirais baixos e salientes formando uma varanda na frente, que se podia fechar nos dias frios. Debaixo dela pendiam manguais, arreios, vários utensílios de criação de gado e redes para pescar no rio próximo. Nas laterais havia bancos que eram usados no verão; uma grande roca numa extremidade e uma batedeira de manteiga na outra mostraram as várias utilidades às quais essa importante varanda poderia ser dedicada. Dessa área o admirado Ichabod entrou no salão, que formava o centro da mansão e o lugar de residência habitual. Ali, objetos de estanho resplandecente, enfileirados num longo aparador, deslumbraram seus olhos. Num canto, havia um enorme saco de lã pronta para ser fiada; em outro, uma quantidade de droguete recém-saído do tear; espigas de milho flint e cordões com maçãs e pêssegos secos pendiam das paredes em alegres festões, entremeados a pimentões vermelhos; e uma porta entreaberta permitia espiar a melhor sala de visitas, onde as cadeiras com patas de leão e as mesas escuras de mogno reluziam como espelhos; os cães da lareira, com suas pás e pinças a acompanhá-los, brilhavam abrigados debaixo de aspargos; silindras e conchas decoravam a cornija da lareira, cordões com ovos de várias cores pendurados acima dela; um grande ovo de avestruz estava suspenso no centro da sala, e um guarda-louça de canto, deixado aberto de propósito, exibia imensos tesouros de prata antiga e porcelana bem reparada.

Desde o momento em que Ichabod pôs os olhos nesse território de deleites, sua paz de espírito teve fim e seu único interesse foi conquistar a afeição da inigualável filha de Van Tassel. Nessa empreitada, porém, ele teve dificuldades mais verdadeiras do que geralmente cabiam ao cavaleiro errante de outrora, que raramente precisava enfrentar algo além de gigantes, feiticeiros, dragões flamejantes e adversários fáceis de derrotar, e devia abrir caminho através de portões de ferro e bronze, e muralhas de rocha dura até a torre do castelo, onde a dona de seu coração estava confinada. Tudo isso ele realizava com a facilidade de um homem que corta uma torta natalina[16]; depois a dama, por sobremesa, concedia-lhe sua mão.

Ichabod, ao contrário, tinha que abrir caminho até o coração de uma coquete do campo, cercada por um labirinto de caprichos e extravagâncias

que sempre apresentavam novas dificuldades e impedimentos, e precisava enfrentar uma hoste de adversários temíveis de carne e osso: os numerosos e rústicos admiradores que sitiavam cada portal para o coração da jovem, mantendo o olhar atento e zangado uns sobre os outros, mas prontos para agir em causa comum contra qualquer novo rival.

Entre eles, o mais formidável era um rapaz robusto, ruidoso e fanfarrão de nome Abraham, ou, conforme a alcunha holandesa, Brom Van Brunt, o herói da região, que ecoava seus feitos de força e audácia. Tinha ombros largos e articulações flexíveis, cabelos pretos, curtos e anelados, e semblante rude, mas não desagradável, com um ar misto de gracejo e arrogância. Por sua compleição hercúlea e grande força nos membros, tinha ganhado o apelido de Brom Bones, pelo qual era universalmente conhecido. Era famoso por seu grande conhecimento e competência em equitação, sendo tão hábil a cavalo quanto um tártaro. Era o primeiro em todas as corridas e rinhas de galos, e, com a supremacia que a força física sempre adquire na vida rústica, era o árbitro em todas as disputas, deixando o chapéu de lado e tomando decisões com o ar e o tom de quem não admite oposição nem apelo. Estava sempre pronto para briga ou brincadeira, mas tinha mais travessura que malícia em seu caráter, e, apesar de toda a aspereza autoritária, havia uma generosa pitada de bom humor e zombaria no fundo.

Tinha três ou quatro companheiros de farra que o consideravam seu modelo e à frente dos quais percorria a região, tomando parte de cada cena de rixa ou diversão por muitos quilômetros. No tempo frio, ele se distinguia por um gorro de pele, encimado por um exuberante rabo de raposa. Quando as pessoas numa reunião rural avistavam esse distinto penacho ao longe, agitando-se entre um pelotão de fortes cavaleiros, preparavam-se para uma tempestade. Às vezes, ouvia-se o bando passar veloz pelas casas das fazendas à meia-noite, com gritos e urras, como uma tropa de cossacos do Don; e as velhas matronas, despertando de susto, escutavam por um tempo até que o alvoroço terminasse e depois exclamavam:

— É, lá vai Brom Bones com seu bando!

Os vizinhos o olhavam com um misto de espanto, admiração e boa vontade, e, quando qualquer brincadeira desvairada ou contenda rústica acontecia nas proximidades, sempre balançavam a cabeça e afiançavam que Brom Bones estava envolvido.

Havia um tempo esse herói turbulento escolhera a viçosa Katrina como objeto de seus rudes galanteios. Embora seus flertes amorosos tivessem a suavidade das carícias e do afeto de um urso, ainda se dizia aos sussurros que ela não chegava a desestimular suas esperanças. O certo é que suas investidas eram um sinal para os candidatos rivais se retirarem se não estivessem inclinados a atrapalhar o romance de um leão; de modo que, quando seu cavalo era visto amarrado à cerca de Van Tassel, numa noite de domingo, sinal claro de que seu mestre estava lá dentro fazendo a corte ou, como se diz, “namorando”, todos os outros pretendentes passavam longe, desesperançados, e levavam a guerra para outro lugar.

Tal era o rival formidável com quem Ichabod Crane tinha que lutar. Considerando tudo, um homem mais vigoroso do que ele teria abandonado a competição e um homem mais sábio teria perdido a esperança. Ele tinha, porém, uma feliz mistura de maleabilidade e perseverança em sua natureza. Era, em forma e espírito, como uma planta trepadeira — flexível, mas forte; podia se dobrar, mas nunca quebrava; curvava-se à menor pressão e, ainda assim, no momento em que se libertava — um salto! —, empertigava-se e erguia a cabeça mais do que nunca.

Ir a campo abertamente contra o rival teria sido loucura, pois esse não era um homem a quem se frustram os amores, assim como aquele amante colérico, Aquiles. Ichabod, portanto, fazia suas investidas de modo discreto e sutilmente insinuante. Sob o disfarce de professor de canto, fazia visitas frequentes à fazenda; não que tivesse algo a temer da interferência dos pais, que tantas vezes é um obstáculo no caminho dos amantes. Balt Van Tassel era uma alma tranquila e indulgente; amava a filha mais até do que o seu cachimbo e, como homem razoável e excelente pai, deixava-a ter tudo o que quisesse. Sua notável mulherzinha também tinha muito que fazer, administrando a casa e tratando das aves, pois, como observava sabiamente, os patos e gansos são criaturas tolas e precisam de cuidados, mas as moças podem cuidar de si mesmas.

Assim, enquanto a dama ocupada ia de um lado a outro da casa ou manobrava sua roca num canto da varanda, o honesto Balt sentava-se fumando o cachimbo à noite, observando os feitos de um pequeno guerreiro de madeira, que, armado com uma espada em cada mão, combatia bravamente o vento no pináculo do celeiro. Nesse ínterim, Ichabod cortejava

a filha ao lado da nascente debaixo do grande olmo ou passeando com ela ao crepúsculo, naquela hora tão favorável à eloquência dos amantes.

Admito não saber como se alcança e conquista o coração das mulheres. Para mim, sempre foi caso de mistério e admiração. Alguns corações parecem ter um único ponto vulnerável, ou porta de acesso; outros têm mil vias e podem ser capturados de mil maneiras diferentes. É um grande triunfo de habilidade ganhar o primeiro, mas uma prova ainda maior de engenhosidade tomar posse do segundo, pois o homem deve lutar por sua fortaleza a cada porta e janela. Quem conquista mil corações comuns tem, portanto, direito a certo renome, mas quem mantém o domínio inconteste sobre o coração de uma coquete é de fato um herói. O certo é que esse não era o caso do portentoso Brom Bones. A partir do momento em que Ichabod Crane fez suas investidas, o interesse pelo primeiro declinou visivelmente; não se via mais seu cavalo amarrado à cerca nas noites de domingo, e uma rixa mortal surgiu gradualmente entre ele e o preceptor de Sleepy Hollow.



Brom, que tinha certo cavalheirismo rude em sua natureza, teria de bom grado feito da questão uma guerra aberta e estabelecido suas pretensões à dama, conforme o modo de raciocinar mais conciso e simples dos cavaleiros errantes de outrora — por combate singular. Mas Ichabod conhecia bem demais o poder superior do adversário para entrar numa luta contra ele; tinha ouvido Bones alardear que "dobraria o mestre-escola ao meio e o guardaria numa prateleira da própria escola" e era cauteloso demais para dar-lhe a oportunidade de fazer isso. Havia algo muitíssimo provocador nesse sistema obstinadamente pacífico, que não deixava alternativa para Brom senão recorrer aos fundos de jocosidade rústica à sua disposição e pregar peças grosseiras no rival.

Ichabod tornou-se objeto da caprichosa perseguição de Bones e seu bando de cavaleiros rudes. Depredaram seus domínios até então pacatos; defumaram sua aula de canto bloqueando a chaminé; invadiram a escola à noite, apesar das formidáveis trancas de vime e estacas nas janelas, e viraram tudo de cabeça para baixo, de modo que o pobre mestre-escola começou a pensar que todas as bruxas da região se reuniam lá. Mas o mais irritante era que Brom aproveitava todas as oportunidades de ridicularizá-lo na presença de sua pretendida, e mandou um cão vadio que ele ensinou a ganir da maneira mais cômica, apresentando-o como rival de Ichabod, para instruí-la na salmodia.

Desse modo as coisas seguiram por um tempo, sem causar nenhum efeito material nas situações relativas dos poderes oponentes. Numa bela tarde de outono, Ichabod, pensativo, estava entronizado no banquinho alto de onde geralmente observava todos os súditos de seu pequeno reino literário. Na mão, ele balançava um férula, aquele cetro de poder despótico; o vidoeiro da justiça repousava sobre três pregos atrás do trono, um terror constante para os malfeitores, enquanto na mesa diante dele podiam-se ver diversos artigos de contrabando e armas proibidas, detectados na posse dos traquinas preguiçosos, como maçãs meio mastigadas, espingardinhas de ar comprimido, cata-ventos, gaiolas de moscas e legiões inteiras de galinhos lutadores de papel. Ao que parecia, algum ato de justiça terrível fora infligido recentemente, pois todos os seus alunos estavam atentos aos livros, ou cochichando maliciosamente atrás de si, sem deixar de olhar o mestre; e uma espécie de tranquilidade sussurrante reinava na sala de aula.

De repente, foi interrompida pela chegada de um negro com jaqueta e calças de linho grosseiro, um fragmento arredondado de chapéu, como o capacete de Mercúrio, e montado nas costas de um potro esfarrapado, selvagem e meio domesticado, que ele manejava com uma corda à guisa de cabresto. Ele veio ruidosamente até a porta da escola com um convite para Ichabod participar de um divertimento ou festinha a realizar-se naquela noite em casa de *Mynheer*[17] Van Tassel, e, tendo entregado a mensagem com aquele ar de importância e dedicação à linguagem refinada, que um negro é apto a exibir em tarefas triviais desse tipo, ele correu por sobre o riacho e foi visto a galope pelo vale, cheio da importância e da pressa de sua missão.[18]



Agora, tudo era alvoroço e tumulto na escola antes silenciosa. Os alunos tiveram que fazer as lições às pressas, sem se deter em ninharias. Os que eram velozes pularam mais da metade impunemente, e os vagarosos receberam um golpe agudo de vez em quando no traseiro, para acelerar a velocidade ou ajudá-los a escrever uma palavra longa. Os livros foram jogados de lado sem serem guardados nas prateleiras, os tinteiros derrubados, os bancos abaixados, e toda a classe foi liberada uma hora antes do horário de costume, irrompendo como uma legião de jovens diabretes, uivando e fazendo uma algazarra na relva, felizes por sua emancipação precoce.

O galante Ichabod agora passava pelo menos meia hora extra em seu lavatório, escovando e lustrando seu melhor, e na verdade único, terno preto desbotado, e arrumando suas madeixas diante de um caco de espelho pendurado na parede da escola. Para fazer uma aparição diante da sua pretendida no estilo genuíno de um cavaleiro, pegou emprestado um cavalo do fazendeiro com quem estava residindo, um holandês velho e colérico chamado Hans Van Ripper, e assim, galantemente montado, seguiu como um cavaleiro errante em busca de aventuras.

Mas é adequado que, no verdadeiro espírito de uma história romântica, eu descreva a aparência e os equipamentos de meu herói e seu corcel. O animal que ele montava era um cavalo de tração alquebrado que sobrevivera a quase tudo, exceto à sua indocilidade. Era magro e desgrenhado, com pescoço de ovelha e cabeça de martelo; sua crina e cauda desbotadas estavam emaranhadas e repletas de carrapichos; um dos olhos perdera a pupila, era pálido e espectral, mas o outro tinha o brilho de um legítimo diabo. Ainda assim, devia ter tido ardor e ímpeto na juventude, se pudermos julgar pelo nome que ostentava: Gunpowder, ou Pólvora. Tinha sido, na verdade, o corcel favorito de seu mestre, o colérico Van Ripper, que era um cavaleiro furioso, e infundira, muito provavelmente, um pouco de seu próprio espírito ao animal, pois, por mais velho e alquebrado que estivesse, tinha mais demônios à espreita dentro de si do que qualquer jovem potro da região.

Ichabod era um par adequado para tal corcel. Cavalgava com estribos curtos, que traziam os joelhos quase até a maçaneta da sela; os cotovelos pontudos projetavam-se para fora como os de um gafanhoto; trazia o chicote perpendicularmente na mão, como um cetro, e, enquanto o cavalo trotava, o

movimento dos braços se assemelhava ao bater de asas. Um chapeuzinho de lã repousava no alto do nariz, pois assim devia chamar-se a faixa apertada da sua testa, e a cauda do casaco preto flutuava quase até a do cavalo. Assim era a aparência de Ichabod e seu corcel quando saíram do portão de Hans Van Ripper, e era uma visão que raramente se tem em plena luz do dia.

Era, como eu disse, um belo dia de outono. O céu estava limpo e sereno, e a natureza usava aquela libré rica e dourada que sempre associamos à ideia de fartura. As florestas tinham vestido seus marrons e amarelos sóbrios, enquanto algumas árvores do tipo mais tenro haviam sido cobertas pelas geadas em vívidos tons de laranja, roxo e escarlate. Fileiras de patos selvagens começaram a aparecer nas alturas, o clamor dos esquilos vinha dos bosques de faias e nogueiras, e ouvia-se o assobio pensativo da codorna a intervalos no campo de restolho próximo.

Os passarinhos faziam banquetes de despedida. Na plenitude de sua folia, voejavam, cantando e brincando de arbusto em arbusto, de árvore em árvore, inconstantes pela própria profusão e variedade ao seu redor. Havia o honesto tordo, a caça favorita dos jovens esportistas, com sua nota alta e lastimosa; e os melros gorjeando em nuvens de sable; e o pica-pau de asas douradas com sua crista carmesim, seu gorjal largo e preto, e a esplêndida plumagem; e o picoteiro-americano, com asas de ponta vermelha, cauda de ponta amarela e chapeuzinho de penas; e o gaio-azul, aquele janota barulhento com seu belo casaco azul-claro e calções brancos, gritando e tagarelando, balançando a cabeça, sacudindo-se e curvando-se, fingindo ter boas relações com todos os cantores do bosque.

Enquanto Ichabod cavalgava, seus olhos, sempre atentos a todos os sintomas da abundância culinária, pairavam com prazer nos tesouros do alegre outono. Por toda parte, via um vasto estoque de maçãs, algumas penduradas nas árvores numa opulência opressiva, ou reunidas em cestas e barris para o mercado, e outras arrumadas em pilhas copiosas para a prensa de cidra. Mais adiante, viu grandes campos de milho, as espigas douradas saindo de seus abrigos nas folhas e cumprindo a promessa de bolos e mingaus; e as abóboras amarelas deitadas abaixo deles, expondo as belas barrigas redondas ao sol e gerando grande expectativa da mais suntuosa das tortas; e ele logo passou pelos campos perfumados de trigo-sarraceno, inalando o odor da colmeia, e, enquanto os contemplava, a sutil antecipação tomou sua mente com panquecas saborosas, bem amanteigadas e

guarnecidas de mel ou melaço, servidas pela mão delicada e rechonchuda de Katrina Van Tassel.

Assim, alimentando a mente com muitos pensamentos doces e suposições açucaradas, ele viajou pela encosta de uma cadeia de montanhas de onde se veem algumas das paisagens mais graciosas do poderoso Hudson. O sol gradualmente baixou seu amplo disco no oeste. O seio largo do Tappan Zee jazia imóvel e vítreo, exceto quando, aqui e ali, uma ondulação suave agitava e prolongava a sombra azul da montanha distante. Algumas nuvens ambarinas flutuavam no céu, sem vento para movê-las. O horizonte tinha um belo tom dourado, transformando-se pouco a pouco num verde-maçã puro, e deste para o azul-escuro do meio do céu. Um raio inclinado demorou-se nas cristas florestais dos precipícios que assomavam sobre algumas partes do rio, dando maior profundidade ao cinza e ao roxo escuros de suas encostas rochosas. Uma chalupa vagava ao longe, baixando devagar com a maré, a vela pendendo inutilmente contra o mastro; enquanto o reflexo do céu cintilava na água parada, o barco parecia suspenso no ar.

Foi no final da tarde que Ichabod chegou ao castelo de *Heer*[19] Van Tassel, encontrando-o repleto da flor e da nata da região adjacente. Velhos fazendeiros, raça esparsa com rosto de couro, casacos e calças feitos em casa, meias azuis, sapatos enormes e magníficas fivelas de estanho. Suas damas, pequeninas, vivazes e mirradas, com gorros justos e pregueados, vestidos curtos de cintura longa, anáguas feitas em casa, com tesouras e almofadas de alfinetes, e bolsos vistosos de calicô do lado de fora. Moças roliças, quase tão antiquadas quanto as mães, a não ser onde um chapéu de palha, uma bela fita ou talvez um vestido branco indicasse sintomas de inovação urbana. Os filhos, com casacos curtos de cauda quadrada e fileiras de estupendos botões de latão, e os cabelos geralmente trançados à moda da época, principalmente se conseguissem adquirir uma pele de enguia para esse fim, estimada em todo o país como um poderoso nutriente e fortalecedor do cabelo.

Brom Bones, porém, era o herói da cena, tendo chegado à reunião em seu corcel favorito, Daredevil, uma criatura, como ele, cheia de ímpeto e malícia, que ninguém senão ele próprio conseguia manejar. Brom era, de fato, conhecido por preferir animais indóceis, dados a todos os tipos de truques que mantivessem o cavaleiro em risco constante de quebrar o

pescoço, pois achava que um cavalo dócil e domesticado não era digno de um rapaz de coragem.

De bom grado eu pararia para me debruçar no mundo de encantos que irromperam ao olhar extasiado do meu herói quando ele entrou no salão da mansão de Van Tassel. Não os do grupo de moças fornidas, com sua luxuosa exibição de vermelho e branco, mas os amplos encantos de uma verdadeira mesa de chá holandesa do campo, no suntuoso período do outono. Que travessas fartas de bolos de tipos diversos, quase indescritíveis, conhecidos apenas por donas de casa holandesas experientes! Havia a rosquinha robusta, o macio *oly koek*[20] e o *cruller*[21] crocante e quebradiço; bolos doces e bolos de morango, bolos de gengibre e bolos de mel, e toda a variedade de bolos. E ainda havia tortas de maçã, pêssego e abóbora, além de fatias de presunto e carne defumada, e, ademais, pratos deliciosos de ameixas, pêssegos, peras e marmelos em conserva, para não falar do sável grelhado e do frango assado, bem como das tigelas de leite e creme, todos misturados na maior confusão, exatamente como eu os enumerei, com o bule maternal lançando nuvens de vapor do meio... Valha-me Deus! Faltam-me fôlego e tempo para falar desse banquete como merece, e anseio por prosseguir com minha história.

Felizmente, Ichabod Crane não tinta tanta pressa quanto seu historiador e deu o tratamento justo a cada iguaria. Era uma criatura gentil e grata, cujo coração se dilatava na proporção em que o corpo se enchia de boa comida e cujo humor melhorava com a comilança, como o de alguns homens faz com a bebida. Tampouco pôde deixar de passar os grandes olhos em torno de si enquanto comia e rir com a possibilidade de um dia ser o senhor de toda essa visão de luxo e esplendor quase inimagináveis. Então, pensou, logo daria as costas à velha escola, desprezaria Hans Van Ripper e todos os outros benfeitores mesquinhos, e lançaria porta afora qualquer pedagogo itinerante que se atrevesse a chamá-lo de colega!

O velho Baltus Van Tassel andava entre seus convidados com o rosto dilatado de satisfação e bom humor, redondo e alegre como a lua cheia. Suas atenções hospitaleiras foram breves, mas expressivas, limitando-se a um aperto de mão, um tapa no ombro, uma risada alta e um convite premente a “servir-se à vontade”.

E agora a música da sala comunal, ou salão, convocava a dançar. O músico era um velho negro de cabelos grisalhos, que era a orquestra itinerante da vizinhança havia mais de meio século. Seu instrumento era tão

velho e desgastado quanto ele. Na maior parte do tempo ele tocava duas ou três cordas, acompanhando cada movimento do arco com um meneio da cabeça, curvando-se quase até o chão e batendo com o pé sempre que era a vez de um novo casal começar a dançar.

Ichabod orgulhava-se tanto de sua habilidade como dançarino quanto de seus poderes vocais. Nem um membro, nem uma fibra de seu ser ficava ociosa. Ao ver seu corpo frouxo em movimento total, tremelicando por todo o salão, você pensaria que era o próprio São Vito, o abençoado padroeiro da dança, que surgia à sua frente. Era admirado por todos os negros, que, reunidos em todas as idades e tamanhos, da fazenda e da vizinhança, formavam uma pirâmide de rostos escuros e lustrosos em cada porta e janela, contemplando a cena com prazer, movendo os olhos brancos e exibindo fileiras sorridentes de marfim de orelha a orelha.

Como poderia estar o flagelo dos traquinas, senão animado e jubiloso? A dona do seu coração era sua parceira na dança e sorria com graça em resposta a todos os seus olhares amorosos, enquanto Brom Bones, violentamente ferido de amor e ciúmes, sentava-se num canto, sozinho e sorumbático.

Quando a dança terminou, Ichabod foi atraído por um grupo de sábios que, com o velho Van Tassel, fumavam sentados num lado da varanda, tagarelando sobre os tempos antigos e narrando longas histórias da guerra.

Essa vizinhança, na época a que me refiro, era um daqueles lugares favorecidos pela fartura de crônicas e grandes homens. A fronteira inglesa e americana passara perto dali durante a guerra; tinha sido, portanto, palco de pilhagens, infestado de refugiados, vaqueiros e todo tipo de cavalaria fronteiriça. Passara-se tempo bastante apenas para que cada contador de histórias cobrisse seu relato com um pouco de ficção conveniente, e, na confusão de sua lembrança, se tornasse o herói de cada façanha.

Havia a história de Doffue Martling, um grande holandês de barba azul, que quase destruíra uma fragata britânica com um velho canhão de ferro de nove libras numa barricada de barro, só que a arma tinha arrebentado no sexto disparo. E havia um velho cavalheiro que permanecerá anônimo, um *mynheer* rico demais para ser mencionado sem a devida consideração, que, na Batalha de White Plains, sendo um grande mestre da defesa, aparou um projétil de mosquete com uma pequena espada, de modo que chegou a senti-

la zunir em torno da lâmina e resvalar no punho; como prova, estava pronto para mostrar o punho amassado da espada a qualquer momento. Viam-se muitos outros que foram igualmente grandiosos em batalha, todos convencidos de que tinham mérito considerável no final feliz da guerra.

Mas nada disso se comparava às histórias de fantasmas e aparições que se seguiram. A vizinhança é rica nesse tipo de tesouros lendários. Contos e superstições locais prosperam melhor nesses retiros isolados e há muito estabelecidos, mas são pisoteados pela multidão cambiante que forma a população da maior parte das nossas zonas rurais. Além disso, na maioria dos nossos vilarejos os fantasmas não têm incentivo, pois mal tiveram tempo de terminar o primeiro cochilo e se virar nos túmulos antes que seus amigos sobreviventes deixassem a região. Assim, quando saem à noite para suas excursões, não têm mais conhecidos a quem visitar. Talvez essa seja a razão pela qual é raro ouvir falar de fantasmas, a não ser em nossas comunidades holandesas mais antigas.

Contudo, a causa imediata da prevalência de histórias sobrenaturais nessa área deveu-se, sem dúvida, à proximidade de Sleepy Hollow. O próprio ar que soprava daquela região assombrada era contagiante, exalava uma atmosfera de sonhos e fantasias que infectava toda a terra. Várias pessoas de Sleepy Hollow estavam presentes na casa de Van Tassel e, como sempre, distribuíram lendas doidas e deslumbrantes. Narraram-se muitos contos sinistros sobre trens funerários e falou-se de prantos e lamúrias em torno da grande árvore onde o infeliz major André[22] fora capturado, nas cercanias. Também foi citada a mulher de branco que assombrava o vale escuro de Raven Rock e costumava gritar nas noites de inverno antes de uma tempestade, tendo perecido ali na neve. A maior parte das histórias, porém, falava do espectro favorito de Sleepy Hollow, o Cavaleiro sem Cabeça, que ultimamente fora ouvido várias vezes patrulhando a região. Dizia-se que amarrava o cavalo toda noite entre os túmulos no cemitério da igreja.



A situação isolada dessa igreja parece sempre ter feito dela o local favorito dos espíritos perturbados. Fica num monte, cercada por acácias-bastardas e olmos imponentes, entre os quais suas respeitáveis paredes caiadas brilham com a modéstia da pureza cristã, reluzindo nas sombras do seu retiro. Uma encosta suave desce até uma lagoa prateada, cercada por árvores altas por entre as quais se podem ver as montanhas azuis do Hudson. Ao olhar para o cemitério coberto de grama, onde os raios do sol parecem dormir tranquilamente, pensar-se-ia que pelo menos os mortos podem descansar em paz. De um lado da igreja há um vale amplo e arborizado, ao longo do qual corre um grande riacho entre rochas partidas e troncos caídos. Sobre uma parte escura e funda do regato, não muito longe da igreja, estendia-se antes uma ponte de madeira. A estrada que levava até ela e a própria ponte eram sombreadas por árvores pendentes, que a lançavam na penumbra mesmo durante o dia, mas criavam uma escuridão medonha à noite. Esse era um dos antros favoritos do Cavaleiro sem Cabeça e o lugar onde mais aparecia. Ouviu-se a história do velho Brouwer, um herege que não acreditava em fantasmas, mas conheceu o Cavaleiro ao voltar de sua incursão a Sleepy Hollow e foi obrigado a montar na sua garupa. Galoparam por sobre arbustos e espinheiros, colinas e pântanos, até chegarem à ponte, quando o Cavaleiro de repente se transformou num esqueleto, jogou o velho Brouwer no riacho e saltou por cima das copas das árvores com o ribombar de um trovão.

Essa história foi confrontada na mesma hora por uma aventura triplamente maravilhosa de Brom Bones, que escarneceu do Hessiano Galopante como trapaceiro rematado. Ele afirmou que, uma noite, ao voltar do vilarejo vizinho de Sing Sing, fora surpreendido por esse cavalariano da meia-noite; Brom se oferecera para apostar uma corrida com ele em troca de uma tigela de ponche, e deveria ter vencido, pois Valente ultrapassou completamente o cavalo espectral, mas, assim que chegaram à ponte da igreja, o Hessiano fugiu e desapareceu num clarão de fogo.



ILUSTRAÇÃO DE ARTHUR RACKHAM, 1928

Todas essas histórias, contadas naquele tom sonolento com o qual os homens falam no escuro, os semblantes só de vez em quando recebendo a luz casual da flama de um cachimbo, afundaram na mente de Ichabod. Ele as retribuiu em espécie com grandes extratos de seu inestimável autor, Cotton Mather, e acrescentou muitos acontecimentos maravilhosos ocorridos em seu estado natal, Connecticut, e visões medonhas que tivera em suas caminhadas noturnas por Sleepy Hollow.

Agora o festim se dissipava pouco a pouco. Os velhos fazendeiros reuniram as famílias em suas carroças e por um tempo foi possível ouvi-los chocalhando pelas estradas baixas e colinas distantes. Algumas donzelas montaram de banda na garupa de seus admiradores favoritos, e suas risadas descontraídas, misturadas ao estalido dos cascos, ecoaram pela floresta silenciosa, cada vez mais fracas, até esmorecerem — e o cenário, outrora de barulho e festejo, tornou-se silencioso e deserto.

Ichabod só ficou para trás, conforme o costume dos amantes do campo, para conversar em particular com a herdeira, totalmente convencido de que estava no caminho certo para o sucesso. O que se passou nessa entrevista não pretendo contar, pois na verdade não sei. Algo, porém, deve ter dado errado, pois ele certamente se retirou com ímpeto, após um breve instante, um tanto abatido e cabisbaixo.

Ah, essas mulheres! Essas mulheres! Estivera a moça pregando uma de suas peças coquetes? Seu incentivo ao pobre pedagogo fora apenas uma farsa para garantir sua conquista do rival? Só Deus sabe, eu não! Basta dizer que Ichabod partiu com o ar de quem vinha saqueando um galinheiro, em vez do coração de uma bela dama. Sem olhar nem à direita nem à esquerda o cenário de riqueza rural no qual tantas vezes se regozijara, foi logo para o estábulo e, com várias palmadas e chutes vigorosos, tirou seu corcel sem a menor cortesia dos aposentos confortáveis em que dormia profundamente, sonhando com montanhas de milho e aveia e vales inteiros de capim e trevo.

Foi precisamente na hora das bruxas que Ichabod, triste e consternado, fez a viagem para casa, ao longo da encosta das montanhas que assomam sobre Tarry Town, por onde passeara tão alegremente à tarde. A hora era tão infeliz quanto ele. Muito abaixo, o Tappan Zee esbanjava suas águas escuras e indistintas. Aqui e ali, via-se o mastro alto de uma chalupa ancorada em silêncio junto da terra. Na quietude morta da meia-noite, conseguiu até ouvir

o latido de um cão de guarda na outra margem do Hudson, mas tão vago e esmaecido que dava apenas uma ideia da distância desse fiel companheiro do homem. Vez por outra, também, o canto prolongado de um galo, por acaso acordado, vinha de muito, muito longe, de alguma fazenda entre as montanhas — mas a seus ouvidos era como um som vindo dos sonhos. Não havia sinais de vida perto dele, mas às vezes o cricrilar melancólico de um grilo, ou talvez o ronco gutural de uma rã-touro num brejo próximo, como se estivesse dormindo sem conforto e se virasse de repente na cama.

Todas as histórias de fantasmas e espíritos que ele ouvira à tarde agora acorriam juntas à sua memória. A noite ficava cada vez mais escura; as estrelas pareciam afundar no céu e, às vezes, nuvens poderosas as escondiam da vista. Ele nunca se sentira tão só e entristecido. Além disso, estava se aproximando do mesmo lugar em que muitas das cenas das histórias fantasmagóricas se haviam dado. No meio da estrada, havia um enorme tulipeiro que se erguia como um gigante acima de todas as outras árvores da vizinhança, formando uma espécie de marco. Seus galhos eram retorcidos e fantásticos, grandes o bastante para equivaler aos troncos das árvores comuns, espiralando quase até a terra e subindo novamente pelo ar. Estava relacionado à história trágica do infeliz André, que fora feito prisioneiro nas proximidades, e era universalmente conhecido como Árvore do Major André. As pessoas comuns a encaravam com um misto de respeito e superstição, em parte por comiseração pelo destino do seu desditoso homônimo e em parte por causa dos relatos de estranhas visões e de lamentos dolorosos a respeito dela.

Quando Ichabod se aproximou daquela árvore medonha, começou a assobiar; pensou que o assobio recebia resposta; foi apenas o vento soprando agudo entre os galhos secos. Ao se aproximar um pouco mais, imaginou ter visto alguma coisa branca pendurada no meio da árvore; parou e deixou de assobiar, mas, olhando com mais atenção, percebeu que era um ponto onde a casca tinha sido atingida por um raio, e a madeira branca jazia desnudada. De repente, ouviu um gemido — seus dentes trepidaram e os joelhos bateram na sela; foi só o atrito de um galho enorme contra o outro, enquanto a brisa os balançava. Ele passou pela árvore em segurança, mas novos perigos o aguardavam.

A cerca de duzentos metros da árvore, um pequeno riacho cruzava a estrada e chegava a um vale alagadiço e densamente arborizado, conhecido

como Pântano de Wiley. Alguns troncos brutos, dispostos lado a lado, serviam de ponte sobre esse regato. Naquele lado da estrada, onde o riacho entrava na mata, um bosque de carvalhos e castanheiras, emaranhados com videiras silvestres, lançava uma escuridão cavernosa sobre ela. Passar por essa ponte era a provação mais severa. Foi nesse mesmíssimo local que o infeliz André fora capturado, e ocultos sob essas castanheiras e videiras estavam os milicianos vigorosos que o surpreenderam. Desde então, considera-se o riacho assombrado, e são de temor os sentimentos do garoto que precisa cruzá-lo sozinho depois do anoitecer.

Ao se aproximar do riacho, o coração de Ichabod começou a palpitar. Ele reuniu, porém, toda a sua determinação, deu ao cavalo meia dúzia de chutes nas costelas e tentou passar velozmente pela ponte. Em vez de avançar, o velho animal perverso fez um movimento lateral e correu de encontro à cerca. Ichabod, cujos medos aumentaram com a demora, puxou as rédeas do outro lado e chutou vigorosamente com o pé contrário. Foi tudo em vão; o cavalo correu, é verdade, mas apenas para lançar-se no lado oposto da estrada num matagal de espinhos e amieiros. Agora o mestre-escola aplicava o chicote e os calcanhares nas costelas salientes do velho Gunpowder, que avançou, fungando e bufando, mas parou bem diante da ponte tão subitamente que quase atirou o cavaleiro de cabeça no chão.

Nesse exato momento, um som de chapinhar ao lado da ponte chegou aos ouvidos sensíveis de Ichabod. Na sombra escura do bosque, na margem do regato, ele viu uma coisa enorme, deformada e imponente. Não se mexia, mas parecia encolher-se na escuridão, como um monstro gigantesco pronto para saltar sobre o viajante.

Os cabelos do pedagogo apavorado se arrepiaram de terror. O que fazer? Era tarde demais para virar-se e fugir, e, além disso, que chance havia de escapar de um fantasma ou espírito, se assim fosse, capaz de cavalgar nas asas do vento? Armando, portanto, uma exibição de coragem, ele inquiriu com notas gaguejantes:

— Quem é você?

Não recebeu resposta. Repetiu a pergunta com uma voz ainda mais perturbada. Continuou sem resposta. Mais uma vez, fincou os calcanhares no corpo do inflexível Gunpowder e, fechando os olhos, irrompeu com fervor involuntário na melodia de um salmo. Foi então que o objeto sombrio de seu

alarme colocou-se em movimento e, com uma corrida e um salto, pôs-se de pé no meio da estrada.

Embora a noite estivesse escura e lúgubre, agora se podia apurar a forma do desconhecido até certo grau. Parecia um cavaleiro de grandes dimensões, montado num cavalo preto de compleição poderosa. Não ofereceu insulto nem cortesia, mas manteve-se distante, num lado da estrada, trotando pelo lado cego do velho Gunpowder, que agora havia superado seu temor e sua teimosia.



ARTISTA DESCONHECIDO, 1907

Ichabod, que não tinha o menor apreço por esse estranho companheiro da meia-noite e refletia a respeito da aventura de Brom Bones com o Hessiano Galopante, agora apressava seu corcel na esperança de deixá-lo para trás. O estranho, no entanto, apressou o próprio cavalo a um ritmo igual. Ichabod puxou as rédeas e fez Gunpowder andar devagar, pensando em ficar para trás — o outro fez o mesmo. Seu coração começou a afundar no peito. Empenhou-se em retomar a melodia do salmo, mas a língua ressecada colou-se ao céu da boca e ele não conseguiu pronunciar nem um verso. Havia algo no silêncio melancólico e obstinado desse companheiro pertinaz que o intrigava e aterrorizava.

Logo o medonho motivo se apresentou. Ao subir um declive, que contornou a figura de seu companheiro de viagem em realce contra o céu, gigantesca na altura e envolta numa capa, Ichabod ficou horrorizado ao perceber que ele não tinha cabeça! Mas seu horror cresceu ainda mais ao ver que a cabeça, que deveria repousar sobre os ombros, era levada diante dele na maçaneta da sela!

O terror tornou-se desespero. Ichabod despejou uma chuva de chutes e golpes em Gunpowder, esperando, com o movimento súbito, escapar do companheiro, mas o espectro o acompanhou no mesmo salto. Para longe, então, correram por campos e florestas, pedras voando e fagulhas brilhando a cada salto. As roupas puídas de Ichabod tremulavam no ar enquanto ele esticava o corpo comprido e esguio por sobre a cabeça do cavalo, na ânsia de fugir.

Agora, haviam chegado à estrada que leva a Sleepy Hollow, mas Gunpowder, que parecia possuído por um demônio, em vez de tomá-la, fez a curva contrária e mergulhou de cabeça à esquerda, colina abaixo. Essa estrada passa por um vale arenoso e sombreado por árvores durante cerca de meio quilômetro, onde atravessa a ponte famosa nas histórias de fantasmas, e logo depois sobe o monte verde onde fica a igreja caiada.

Até então, o pânico do corcel tinha dado a seu cavaleiro inábil uma aparente vantagem na perseguição, mas, assim que cruzou a metade do vale, a cilha da sela cedeu e ele a sentiu escorregar debaixo de si. Pegou a sela pela maçaneta e empenhou-se em mantê-la firme, mas em vão; teve apenas tempo de se salvar agarrando-se ao pescoço do velho Gunpowder quando a sela caiu por terra, e ele ouviu seu perseguidor pisoteá-la. Por um momento,

um terror da ira de Hans Van Ripper passou por sua mente — pois era a sela que ele usava aos domingos —, mas não era hora de medos triviais: o espírito estava logo atrás dele, e (cavaleiro inábil que era!) teve muita dificuldade para manter-se montado, às vezes escorregando de um lado, às vezes do outro, às vezes trepidando na espinha protuberante do cavalo com uma violência que ele temia ser mesmo capaz de parti-lo em pedaços.



Uma abertura nas árvores agora o animava com a esperança de estar perto da ponte da igreja. O reflexo ondulante de uma estrela prateada no seio do riacho informou que não se enganava. Viu as paredes da igreja luzindo vagamente debaixo das árvores adiante. Lembrou-se do lugar onde o concorrente fantasmagórico de Brom Bones havia desaparecido.

Se ao menos conseguir chegar à ponte, pensou Ichabod, *estarei salvo.*

Foi então que ouviu o corcel negro ofegando e bufando logo atrás de si; até imaginou sentir seu hálito quente. Outro chute convulsivo nas costelas e o velho Gunpowder pulou sobre a ponte, ressoou sobre as tábuas retumbantes e alcançou o lado oposto. Agora Ichabod olhava para trás para ver se o perseguidor desapareceria, conforme a regra, num clarão de fogo e enxofre. Foi quando viu o espírito pôr-se de pé nos estribos e, no mesmo ato, arremessar sua cabeça nele.

Ichabod tentou se desviar do horrendo míssil, mas tarde demais. A cabeça encontrou seu crânio numa tremenda colisão. Ele foi jogado de cabeça na terra, e Gunpowder, o corcel negro e o cavaleiro fantasma passaram como um vendaval.

Na manhã seguinte, o velho cavalo foi encontrado sem a sela e com as rédeas debaixo das patas, aparando a grama calmamente junto ao portão de seu mestre. Ichabod não apareceu no desjejum. Chegou a hora do jantar, mas não Ichabod. Os meninos reuniram-se na escola e passearam à toa pelas margens do regato, mas nada do mestre-escola. Agora, Hans Van Ripper começava a sentir certa inquietação quanto ao destino do pobre Ichabod — e de sua sela. Iniciou-se uma busca e, após diligente investigação, encontraram seus rastros. Numa parte da estrada que levava à igreja, acharam a sela pisoteada na terra; seguiram as marcas dos cascos dos cavalos, profundamente fincados na estrada e obviamente numa velocidade furiosa, até a ponte, além da qual, na margem de uma parte larga do regato, onde a água corria funda e escura, encontraram o chapéu do infeliz Ichabod e, logo ao lado, uma abóbora despedaçada.

O riacho foi vasculhado, mas ninguém encontrou o corpo do mestre-escola. Hans Van Ripper, como executor de sua propriedade, examinou o embrulho que continha todos os seus bens materiais. Consistiam em duas camisas e meia, dois lenços para o pescoço, um ou dois pares de meias de lã, um velho par de calções de veludo *cotelê*, uma navalha enferrujada, um livro

de melodias sálmicas cheio de orelhas e um diapasão de sopro quebrado. Quanto aos livros e móveis da escola, pertenciam à comunidade, a não ser a *História da Bruxaria* de Cotton Mather, um *Almanaque da Nova Inglaterra* e um livro de sonhos e previsão do futuro, dentro do qual havia uma folha de papel pautado muito rabiscada e manchada em várias tentativas infrutíferas de escrever versos em homenagem à herdeira de Van Tassel.

Hans Van Ripper entregou esses livros de magia e rabiscos poéticos imediatamente às chamas. A partir de então, decidiu não mandar mais seus filhos à escola, observando que essas mesmas leituras e escrita nunca tinham resultado em nada de bom. Qualquer dinheiro que o mestre-escola possuísse, e recebera o salário apenas um ou dois dias antes, ele devia ter levado consigo na hora do desaparecimento.

No domingo seguinte, o acontecimento misterioso causou muita especulação na igreja. Grupos de observadores e bisbilhoteiros reuniram-se no cemitério, na ponte e no local onde o chapéu e a abóbora foram encontrados. Relembraram as histórias de Brouwer, Bones e de toda uma profusão de pessoas, e, depois de avaliar todas elas com diligência, comparando-as aos sintomas do presente caso, balançaram a cabeça e chegaram à conclusão de que Ichabod fora levado pelo Hessiano Galopante. Como era solteiro e não deixara dívidas, ninguém mais se incomodou em pensar nele. A escola foi deslocada para um ponto diferente do vale e outro pedagogo reinou em seu lugar.



É verdade que um velho fazendeiro, que visitou Nova York muitos anos depois e de quem recebi este relato da aventura fantasmagórica, levou para casa a informação de que Ichabod Crane ainda vivia, que tinha deixado a vizinhança em parte por medo do espírito e de Hans Van Ripper, e em parte pelo sofrimento de ter sido dispensado subitamente pela herdeira; havia se mudado para uma parte distante do país, ensinado numa escola enquanto estudava Direito e sido admitido na ordem dos advogados; tornara-se político, angariara votos, escrevera para os jornais e, finalmente, fora nomeado juiz do Tribunal de Dez Libras[23]. De Brom Bones, que logo após o desaparecimento do rival levara a viçosa Katrina em triunfo até o altar, diz-se que assumia um ar muitíssimo sabido toda vez que a história de Ichabod era narrada e sempre ria à menção da abóbora. Isso levou alguns a desconfiar de que ele sabia mais sobre o assunto do que queria contar.

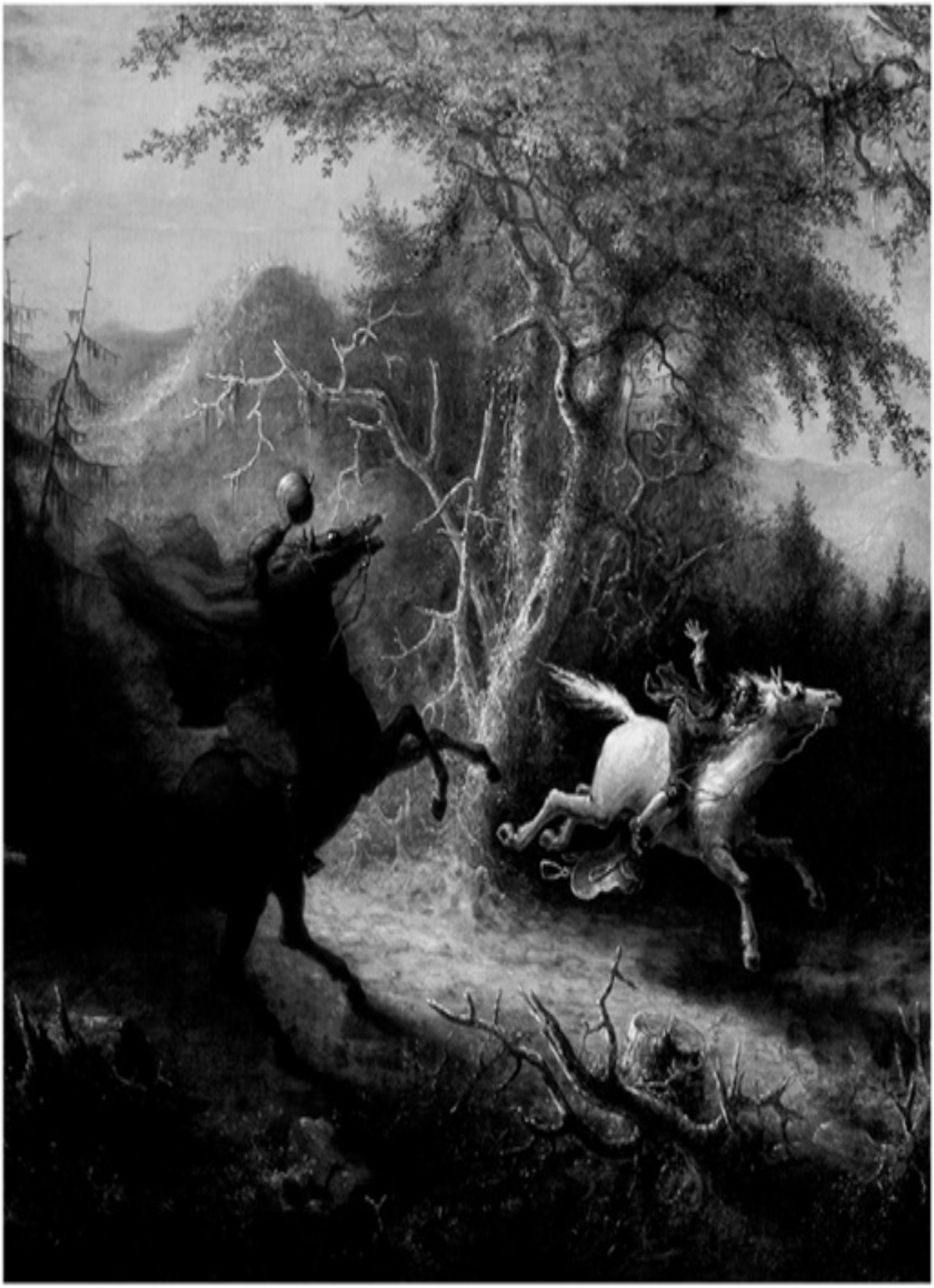


ILUSTRAÇÃO DE JOHN QUIDOR, 1858

As velhas senhoras do campo, contudo, são as melhores juízas dessas questões e afirmam até hoje que Ichabod foi arrebatado por meios sobrenaturais. Essa é uma das histórias favoritas sobre a região, contada com frequência ao pé do fogo nas noites de inverno. A ponte tornou-se mais do que nunca objeto de reverência supersticiosa, e essa pode ser a razão pela qual a estrada foi desviada nos últimos anos, de modo a levar à igreja pela margem da lagoa do moinho. A escola abandonada logo se deteriorou. Houve relatos de que era assombrada pelo fantasma do infeliz pedagogo, e um jovem lavrador, vagando rumo à sua casa numa noite tranquila de verão, muitas vezes imaginou sua voz ao longe, cantando um salmo melancólico entre os ermos plácidos de Sleepy Hollow.

PÓS-ESCRITO

ANOTAÇÃO ENCONTRADA NA LETRA DE MÃO DO SR. KNICKERBOCKER

O relato anterior é apresentado quase nas exatas palavras em que o ouvi, narrado numa reunião da câmara municipal na antiga cidade de Manhattoes, na qual estavam presentes muitos de seus cidadãos mais sábios e ilustres. O narrador era um sujeito velho, amável, roto e cavalheiresco, com roupas de tecido rústico e um rosto tristemente cômico, e eu desconfiava firmemente de que era pobre, tanto esforço fazia para ser divertido. Quando concluiu a história, houve muitas risadas e louvores, principalmente por parte de dois ou três vice-vereadores que tinham passado a maior parte do tempo dormindo.

Havia, porém, um cavalheiro alto, de aparência reservada e sobrancelhas espessas, que mantivera uma expressão grave e um tanto severa o tempo todo, de vez em quando cruzando os braços, inclinando a cabeça e olhando para o chão, como se revirasse uma dúvida na mente. Era um desses homens prudentes que nunca riem se não por um bom motivo — quando têm a razão e a lei a seu lado. Quando a alegria do resto do grupo se abrandou e restaurou-se o silêncio, ele apoiou um braço no encosto da cadeira e a outra mão na cintura, franziu a testa e perguntou, com um movimento da cabeça leve, mas muitíssimo solene, qual era a moral da história e o que ela pretendia provar.

O narrador, que estava levando uma taça de vinho aos lábios, como um refresco após a labuta, parou por um momento, olhou para o inquiridor com um ar de deferência infinita e, baixando a taça lentamente até a mesa, observou que a história pretendia, logicamente, provar...

— Que não há situação na vida sem vantagens e prazeres, basta que saibamos rir da piada ao encontrá-la; que, portanto, aquele que aposta corrida com um cavaleiro fantasma há de passar por maus bocados. *Ergo*, quando um mestre-escola rural é rejeitado por uma herdeira holandesa, dá um passo certo rumo a um alto cargo no estado.

O cavalheiro prudente franziu as sobrancelhas dez vezes mais depois dessa explicação, profundamente intrigado com o raciocínio do silogismo, enquanto o de traje rústico pareceu-me olhar para ele com certo ar de triunfo. Por fim, observou que tudo aquilo era muito bom, mas ainda achava a história um tanto extravagante — havia um ou dois pontos a respeito dos quais tinha lá suas dúvidas.

— De fato, senhor — respondeu o narrador —, quanto a esse assunto, eu mesmo não acredito nem na metade.

D. K.

The End

Washington Irving

Rip VAN Winkle



RIP VAN WINKLE

| 1819 |

Rip Van Winkle

Por Wodan, deus dos saxões,

De onde vem Wensday, isto é, o Dia de Wodan.

A verdade é algo que sempre guardarei

Até o dia em que rastejar para

Meu sepulcro[24].

William Cartwright

INTRODUÇÃO

A seguinte história foi encontrada entre os documentos do falecido Diedrich Knickerbocker, um velho cavalheiro de Nova York, muito curioso quanto à história holandesa da província e aos costumes dos descendentes de seus primeiros colonos. Suas pesquisas históricas, porém, ocorreram menos entre os livros e mais entre os homens, pois os primeiros são lamentavelmente raros em seus tópicos favoritos, ao passo que os velhos cidadãos, e além deles suas mulheres, são ricos nesse saber lendário, tão inestimável para a verdadeira história. Portanto, sempre que ele se deparava com uma família holandesa genuína, trancada confortavelmente em sua casa de fazenda com telhado baixo sob um sicômoro frondoso, ele a via como um pequeno volume em letras góticas e a estudava com o fervor de um erudito.

O resultado de todas essas pesquisas foi uma história da província durante o domínio dos governadores holandeses, que ele publicou há alguns anos. Há várias opiniões sobre o caráter literário de sua obra e, para dizer a verdade, não é nem um bocado melhor do que deveria ser. Seu principal mérito é a precisão escrupulosa, que de fato foi um pouco questionada em sua primeira edição, mas desde então foi completamente estabelecida, e

agora o livro é admitido em todas as coleções históricas como uma obra de autoridade inquestionável.

O velho cavalheiro morreu logo após publicar seus escritos. Agora que está morto e enterrado, não deve causar grande mal à sua memória dizer que poderia ter empregado seu tempo muito melhor em trabalhos mais importantes. Ele, contudo, estava disposto a conduzir tal passatempo à sua maneira, e, embora de vez em quando aborrecesse os vizinhos e afligisse o espírito de alguns amigos, pelos quais tinha a mais verdadeira deferência e afeição, seus erros e tolices são lembrados “com mais tristeza que raiva”[25], e começa-se a suspeitar de que ele nunca teve a intenção de ferir nem ofender. Mas, por mais que os críticos prezem sua memória, ela ainda é apreciada por muitas pessoas em cujas graças vale a pena cair, principalmente certos confeiteiros, que chegaram ao ponto de estampar o semblante dele nos bolos de ano-novo, e lhe deram uma chance de ser imortal, quase equivalente a ser gravado numa medalha de Waterloo ou na moeda da Rainha Ana.

Quem quer que tenha viajado pelo Hudson rumo ao norte deve se lembrar das montanhas Kaatskill[26]. São um ramo destacado da grande família dos Apalaches e visíveis a oeste do rio, elevando-se a nobres alturas e dominando a região circundante. Cada mudança de estação, cada mudança de tempo, de fato, cada hora do dia produz alguma transformação nos tons e formas mágicos dessas montanhas, e todas as boas senhoras, de longe e de perto, as consideram barômetros perfeitos. Quando o tempo está bom e tranquilo, as montanhas se vestem de azul e roxo, e cravam seus contornos nítidos no céu limpo da tarde. Mas, às vezes, quando o resto da paisagem está sem nuvens, elas juntam um capuz de vapores cinzentos sobre seus picos, que, aos últimos raios do sol poente, reluzem e se iluminam como uma coroa de glória.

No sopé dessas montanhas encantadas, o viajante pode ter avistado a fumaça clara subir de um vilarejo, cujos telhados de madeira cintilam entre as árvores, bem no ponto onde os matizes azuis do planalto se fundem ao verde fresco da paisagem mais próxima. É um povoadozinho de grande antiguidade, fundado por alguns dos colonos holandeses nos primórdios da província, perto do início do governo do bom Peter Stuyvesant (que descanse em paz!), e lá, havia anos, resistiam algumas casas dos colonos

originais, construídas com pequenos tijolos amarelos trazidos da Holanda, com janelas de treliça e gablete na fachada, encimadas por um galo dos ventos.

Nesse vilarejo e numa dessas mesmas casas (que, para dizer a verdade exata, estava tristemente desgastada pelo tempo e pelo clima) viveu, muitos anos atrás, quando o país ainda era uma província da Grã-Bretanha, um sujeito simples e de boa índole chamado Rip Van Winkle. Era descendente dos Van Winkles que figuravam tão galantes na época cavalheiresca de Peter Stuyvesant e o acompanharam no cerco ao Forte Christina[27]. Ele, no entanto, herdou pouco do caráter marcial de seus ancestrais. Eu disse que esse era um homem simples e de boa índole; além disso, era um vizinho gentil e um marido obediente, dominado pela mulher. De fato, à última circunstância pode dever-se a personalidade branda que lhe rendeu popularidade universal, pois tende a ser obsequioso e conciliador fora de casa o homem que dentro dela vive sob a disciplina de uma megera. Seu temperamento, sem dúvida, torna-se complacente e maleável na fornalha ardente das tribulações domésticas, e uma reprimenda entre quatro paredes vale tanto quanto todos os sermões do mundo para ensinar as virtudes da paciência e da resignação. Uma esposa rabugenta pode, portanto, em alguns aspectos, ser considerada uma bênção tolerável. Se assim for, Rip Van Winkle foi muitíssimo abençoado.



O certo é que ele era um grande favorito entre todas as boas senhoras do vilarejo, que, como sempre acontece com o sexo mais amável, tomavam o partido dele em todas as contendas familiares e, sempre que discutiam essas questões nos cochichos da noite, nunca deixavam de pôr toda a culpa em Dona Van Winkle. As crianças do vilarejo também gritavam de alegria sempre que Rip se aproximava. Ele as ajudava em seus divertimentos, fazia-lhes brinquedos, ensinava-as a empinar pipas e atirar bolas de gude, e contava longas histórias de fantasmas, bruxas e índios. Sempre que vinha perambular no vilarejo, era cercado por uma tropa de pequeninos, pedurados no seu casaco, escalando suas costas e pregando-lhe mil peças com impunidade. Nem um único cachorro latia para ele em toda a vizinhança.

O grande defeito na constituição de Rip era uma aversão insuperável a todo tipo de trabalho lucrativo. Não poderia ser por falta de assiduidade ou perseverança, pois ele sentava-se numa pedra molhada, com uma vara longa e pesada como a lança de um tártaro, e pescava o dia todo sem o menor resmungo, mesmo que não houvesse uma única mordidela para incentivá-lo. Carregava uma espingarda no ombro por horas seguidas, cruzando bosques e pântanos, morro acima e vale abaixo, para caçar uns poucos esquilos ou pombos silvestres. Nunca se recusava a ajudar um vizinho, mesmo nos trabalhos mais árduos, e tomava a frente em todas as brincadeiras campestres de debulha de milho ou construção de cercas de pedra. As mulheres do vilarejo também o ocupavam com incumbências e trabalhinhos ocasionais que seus maridos, menos prestativos, não faziam por elas. Em resumo, Rip estava pronto para cuidar das tarefas de todos, menos das suas; cumprir seu dever familiar, mantendo a fazenda em ordem, ele achava impossível.

Na verdade, declarava que não adiantava trabalhar na fazenda. Era o pedacinho de terra mais pestilento de toda a região e tudo ali dava errado, malgrado seu. Suas cercas estavam sempre caindo aos pedaços, sua vaca fugia ou invadia a horta de repolhos, as ervas daninhas certamente cresciam com mais rapidez em seus campos do que em qualquer outro lugar e a chuva fazia questão de começar exatamente quando ele tinha um trabalho ao ar livre para fazer. Assim, embora a propriedade de Rip tivesse diminuído sob sua administração, acre após acre, até restar pouco mais do que um mero roçado de milho e batatas, ainda era a fazenda mais malcuidada da vizinhança.



Seus filhos também eram esfarrapados e incivilizados, como se não tivessem família. Seu filho Rip, um menino travesso criado à sua semelhança, prometia herdar os hábitos, assim como as roupas velhas, do pai. Geralmente trotava como um potro no encalço da mãe, equipado com um par de calções velhos do pai, que ele tinha grande dificuldade para segurar com uma só mão, como uma dama segura a cauda do vestido num dia de chuva.

Rip Van Winkle, porém, era um daqueles mortais felizes, de temperamento tolo ou tranquilo, que encaram o mundo com leveza, comem pão branco ou integral, o que puderem obter com o menor esforço, e preferem morrer de fome com um centavo a trabalhar por uma libra. Se o deixassem quieto, passaria a vida a assobiar na mais perfeita satisfação, mas a esposa martelava seus ouvidos a respeito de sua indolência, seu descuido e da ruína que estava trazendo à família. De manhã, ao meio-dia e à noite, a língua da mulher matraqueava sem cessar, e tudo o que ele dizia ou fazia gerava uma torrente de eloquência doméstica. Rip tinha só uma maneira de responder a todas essas repreensões, e tal maneira, pelo uso frequente, tornara-se hábito. Encolhia os ombros, balançava a cabeça e erguia o olhar por um instante, mas não dizia nada. Isso, contudo, sempre provocava uma nova saraivada da esposa, de modo que ele era obrigado a reunir forças e se retirar para o lado de fora da casa — o único lado que, na verdade, pertence a um marido dominado.

O único aliado doméstico de Rip era seu cachorro Wolf, tão dominado quanto o seu mestre, pois Dona Van Winkle os considerava companheiros na indolência e até encarava Wolf com um olhar maligno, como a causa do desleixo tão frequente do mestre. A verdade é que, em todos os aspectos espirituais condizentes com um cão honrado, ele era o animal mais corajoso que já desbravara a floresta — mas que coragem pode suportar os tormentos e terrores persistentes da língua de uma mulher? No momento em que Wolf entrava na casa, seu peito murchava, a cauda caía no chão ou se enrolava entre as pernas, ele se arrastava com o ar de quem vai para a forca, lançando muitos olhares de soslaio para Dona Van Winkle, e, ao menor gesto com uma vassoura ou concha, fugia para a porta, ganindo em antecipação.



ILUSTRAÇÃO DE GEORGE H. BOUGHTON, 1907

A vida piorou cada vez mais para Rip Van Winkle com o passar dos anos de matrimônio; nenhum temperamento azedo adoça com a idade, e a língua afiada é a única ferramenta de corte que o uso constante aguça ainda mais. Por muito tempo ele se consolava, quando expulso de casa, frequentando uma espécie de clube perpétuo de sábios, filósofos e outras personagens desocupadas da aldeia, que se reunia num banco diante de uma pequena estalagem, assinalada por um retrato rubicundo de Sua Majestade George III. Lá, costumavam sentar-se na sombra durante um dia longo e lento de verão, distraídos, falando sobre os mexericos do vilarejo ou contando histórias intermináveis e sonolentas sobre nada. Mas teria valido o dinheiro de qualquer estadista ouvir os debates profundos que às vezes aconteciam, quando por acaso um jornal velho caía em suas mãos por meio de algum viajante. Com que solenidade ouviam o conteúdo, conforme enunciado por Derrick Van Bummel, o mestre-escola, um homenzinho garboso e erudito, que não se deixava intimidar pela palavra mais gigantesca do dicionário. Com que sabedoria meditavam sobre os acontecimentos públicos alguns meses depois de terem ocorrido!

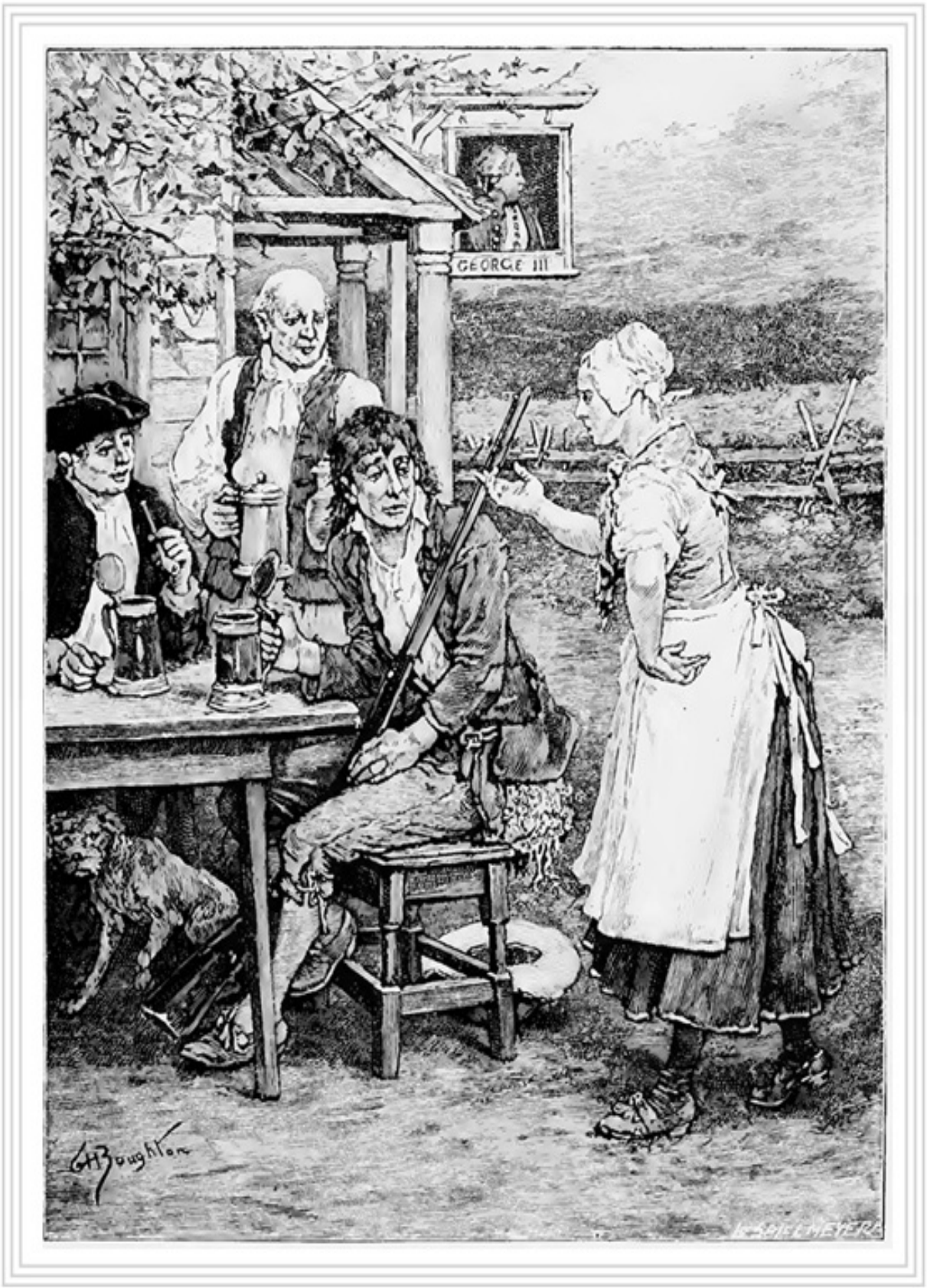


ILUSTRAÇÃO DE GEORGE H. BOUGHTON, 1907

As opiniões desse concílio eram completamente controladas por Nicholas Vedder, um patriarca do vilarejo e senhorio da estalagem, à porta da qual ele sentava-se da manhã até a noite, deslocando-se o bastante apenas para evitar o sol e continuar à sombra de uma grande árvore; desse modo os vizinhos conseguiam saber as horas a partir de seus movimentos com a mesma precisão de um relógio de sol. É verdade que ele raramente falava, mas fumava o cachimbo sem cessar. Seus partidários, porém (pois todo grande homem tem partidários), entendiam-no perfeitamente e sabiam inferir suas opiniões. Quando qualquer coisa lida ou relatada o desagradava, observava-se que ele fumava o cachimbo com veemência e emitia baforadas curtas, frequentes e zangadas. Mas, quando contente, inalava a fumaça com vagar e tranquilidade, emitindo-a em nuvens leves e plácidas; às vezes, tirando o cachimbo da boca e deixando o vapor perfumado enovelar-se ao redor do nariz, abanava gravemente a cabeça em sinal de aprovação total.

Mesmo dessa fortaleza, o azarado Rip era afinal expulso por sua mulher rabugenta, que de repente invadia a tranquilidade da assembleia e reduzia todos os integrantes a nada. Nem aquela augusta personagem, o próprio Nicholas Vedder, era poupada da língua intrépida dessa terrível virago, que o acusava abertamente de incentivar no marido os hábitos indolentes.

Por fim, o pobre Rip era quase levado ao desespero. Sua única alternativa para fugir do trabalho na fazenda e da fúria da mulher era pegar uma arma e passear na floresta. Lá, às vezes, sentava-se ao pé de uma árvore e compartilhava o conteúdo de sua sacola com Wolf, de quem se condoía como colega sofredor da perseguição.

— Pobre Wolf — dizia ele —, tua senhora te impõe uma vida de cão. Mas não te aflijas, meu rapaz; enquanto eu viver, nunca faltará um amigo que fique ao teu lado!

Wolf abanava o rabo e, tristonho, olhava o rosto de seu mestre. Se um cão é capaz de se compadecer, acredito verdadeiramente que ele retribuía o sentimento com todo o seu coração.

Numa dessas longas caminhadas, num belo dia de outono, Rip subiu sem dar por si numa das partes mais altas das montanhas Kaatskill. Estava entretido com seu esporte favorito, a caça ao esquilo, e os ermos sossegados ecoavam e reecoavam com os disparos de sua arma. Ofegante e fatigado, ele

se jogou, no final da tarde, num monte verde, coberto com a pastagem das montanhas, coroando a borda de um precipício. Por uma abertura entre as árvores, conseguia ver muitos quilômetros de fartas florestas por toda a região mais baixa. Viu o nobre Hudson, muito ao longe e abaixo dele, seguindo seu curso silente, mas majestoso, com o reflexo de uma nuvem roxa ou a vela de uma barca vagarosa, dormindo, aqui e ali, em seu seio vítreo e por fim perdendo-se nas colinas azuis.

Do outro lado ele via um vale profundo entre as montanhas, selvagem, desolado e áspero, o fundo cheio de fragmentos dos penhascos suspensos, mal iluminado pelos raios refletidos do sol poente. Por algum tempo Rip ficou deitado, meditando nessa cena; a noite avançava gradualmente, as montanhas começavam a lançar suas longas sombras azuis sobre os vales; ele viu que escureceria muito antes de chegar ao vilarejo e suspirou profundamente ao pensar em enfrentar os terrores de Dona Van Winkle.

Quando estava prestes a descer, ouviu uma voz ao longe, bradando:

— Rip Van Winkle! Rip Van Winkle!

Ele olhou à sua volta, mas não viu nada além de um corvo seguindo em seu voo solitário pela montanha. Pensou que sua imaginação devia tê-lo enganado e voltou-se novamente para descer, quando ouviu o mesmo grito ecoar no ar sereno da noite:

— Rip Van Winkle! Rip Van Winkle!

Ao mesmo tempo, Wolf eriçou os pelos das costas e soltou um rosnado baixo, esgueirando-se para o lado do mestre e olhando temeroso para o vale. Agora Rip sentia uma vaga apreensão tomar conta de si. Olhou com ansiedade na mesma direção e percebeu uma figura estranha escalando as rochas devagar, curvada debaixo de um peso que carregava nas costas. Surpreendeu-se ao ver outro humano nesse lugar solitário e isolado, mas, supondo que fosse alguém da vizinhança precisando de sua assistência, apressou-se a descer para ajudá-lo.

Aproximando-se, ficou ainda mais surpreso com a singularidade da aparência do estranho. Era um sujeito baixo, de constituição atarracada, cabelos grossos e fartos, e barba grisalha. Seu traje era à moda holandesa antiga: uma jaqueta de tecido com fecho na cintura e algumas camadas de calções, o exterior com amplo volume, decorado com fileiras de botões nas

laterais e pregas nos joelhos. Trazia no ombro um sólido barril, que parecia cheio de bebida, e fez sinais para Rip vir auxiliá-lo com a carga. Embora um pouco tímido e desconfiado de seu novo conhecido, Rip aquiesceu com a vivacidade costumeira. Ajudando-se mutuamente, os dois escalaram um barranco estreito, aparentemente o leito seco de uma curso d'água na montanha. Enquanto subiam, Rip ouvia, de vez em quando, clangores longos e estrondosos, como trovões distantes, que pareciam vir de uma ravina profunda, ou melhor, de uma fenda, entre rochas elevadas, para as quais seu caminho irregular os conduzia. Ele parou por um instante, mas, supondo que fosse o murmúrio de uma daquelas tempestades transitórias que geralmente ocorrem nas montanhas, prosseguiu. Atravessando a ravina, chegaram a uma depressão, como um pequeno anfiteatro, cercada por precipícios perpendiculares, por sobre os quais árvores suspensas espalhavam os galhos, de modo que só se podiam entrever o céu azul e as nuvens claras do entardecer. Durante todo o tempo, Rip e seu companheiro trabalharam em silêncio; embora o primeiro se admirasse imensamente de qual poderia ser o propósito de carregar um barril de bebida por aquela montanha selvagem, ainda havia algo estranho e incompreensível naquele desconhecido que inspirava reverência e freava a intimidade.

Ao entrar no anfiteatro, novos motivos de espanto se apresentaram. Num ponto nivelado no centro havia um grupo de personagens de aparência ímpar jogando bolão, um boliche com nove pinos. Vestiam trajes singulares e esquisitos; alguns usavam gibão curto; outros, jaquetas, com facas longas no cinto, e a maioria tinha calções enormes, de estilo semelhante ao do guia. Os semblantes também eram peculiares: um tinha barba grande, rosto largo e olhos pequeninos, ávidos; o rosto de outro parecia consistir inteiramente do nariz, encimado por um chapéu branco de copa alta e cônica, ornado com as penas da cauda de um galinho vermelho. Todos tinham barbas, de várias formas e cores. Havia um que parecia ser o comandante. Era um cavalheiro velho e robusto, de feições castigadas pelo tempo; usava um gibão fechado por cordões, cinto largo e sabre, chapéu de copa alta e pluma, meias vermelhas e sapatos de salto alto com rosas. Todo o grupo lembrava a Rip as figuras numa antiga pintura flamenga, na sala de Van Shaick, o pároco do vilarejo, que fora trazida da Holanda na época da colonização.

O que parecia mais estranho para Rip era que essa gente obviamente estava se divertindo, mas mantinha as expressões mais graves, o silêncio mais misterioso, e era, além disso, o grupo de recreio mais melancólico que

ele jamais testemunhara. Nada interrompia a quietude da cena, a não ser o barulho das bolas, que, sempre que rolavam, ecoavam pelas montanhas como o clangor estrondoso do trovão.

Quando Rip e seu companheiro se aproximaram, os homens deixaram o jogo subitamente e o encararam com olhos tão fixos e estáticos, e com semblantes tão estranhos, rudes e embaciados, que seu coração se encolheu dentro do peito e os joelhos bateram um no outro. Agora seu companheiro esvaziava o conteúdo do barril em grandes jarras e sinalizava para que ele servisse o grupo. Ele obedeceu com medo e tremor; eles tragaram a bebida num silêncio profundo e depois voltaram ao jogo.

Aos poucos, o espanto e a apreensão de Rip cederam. Até se arriscou, quando não havia nenhum olho fixo nele, a provar a beberagem, cujo sabor lhe pareceu muito semelhante ao de uma excelente genebra[28]. Era uma alma naturalmente sedenta e logo ficou tentado a repetir o gesto. Um gole provocou outro, e ele reiterou suas visitas à jarra tantas vezes que por fim seus sentidos foram subjugados, os olhos giraram na cabeça, a cabeça gradualmente se inclinou e ele caiu num sono profundo.

Ao acordar, viu-se no monte verde de onde vira o velho sair do vale. Esfregou os olhos — era uma manhã ensolarada. Os pássaros pulavam e gorjeavam entre os arbustos, e uma águia dava voltas nas alturas, enfrentando a brisa pura das montanhas. *Tenho certeza*, pensou Rip, *de que não dormi aqui a noite toda.* Recordou os acontecimentos antes de adormecer. O estranho com um barril de bebida alcoólica... a ravina nas montanhas... o refúgio selvagem entre as rochas... os jogadores de boliche acabrunhados... a jarra... *Oh! Aquela jarra! Aquela jarra maldita!*, pensou Rip. *Que desculpa darei a Dona Van Winkle?*

Olhou à sua volta em busca da espingarda, mas, no lugar da peça limpa e bem lubrificada, encontrou uma arma velha ao seu lado, o cano incrustado de ferrugem, o fecho caindo e a coronha devorada por carunchos. Agora, desconfiava que os jogadores sérios das montanhas lhe haviam pregado uma peça e, depois de fazê-lo beber, roubaram-lhe a arma. Wolf também havia desaparecido, mas poderia ter escapulido atrás de um esquilo ou perdiz. Ele assobiou e chamou seu nome, mas tudo em vão; os ecos repetiram o assobio e o grito, mas não se viu cachorro nenhum.

Decidiu revisitar o cenário do festejo da noite anterior e, se encontrasse alguém do grupo, exigir seu cachorro e sua arma. Quando se levantou para andar, percebeu-se rijo nas articulações e desprovido da agilidade costumeira. *Essas camas na montanha não combinam comigo*, pensou, *e, se essa brincadeira tiver me causado um ataque de reumatismo, hei de sofrer com Dona Van Winkle*. Com certa dificuldade, desceu até o vale e encontrou o barranco por onde ele e seu companheiro haviam subido na noite anterior, mas, para sua surpresa, um riacho agora borbulhava por ele, pulando de pedra em pedra e enchendo o vale de murmúrios. Ele, porém, encontrou um modo de subir pelas laterais, traçando uma rota difícil por um matagal de bétulas, sassafrás e hamamélis, e às vezes tropeçava ou se engalfinhava com as videiras silvestres que torciam seus ramos e gavinhas de árvore em árvore e espalhavam uma espécie de rede no caminho.



ILUSTRAÇÃO DE GEORGE H. BOUGHTON, 1907

Por fim, chegou onde a ravina se abrira por entre os penhascos até o anfiteatro, mas não restava nenhum vestígio dessa abertura. As rochas formavam um muro alto e impenetrável, sobre o qual a torrente desabava numa camada de espuma leve e caía numa bacia ampla e funda, enegrecida pelas sombras da floresta circundante. Ali, então, o pobre Rip se deteve. Mais uma vez, assobiou e chamou pelo cachorro. Foi atendido apenas pelo crocitar de um bando de corvos desocupados, entretendo-se no ar em torno de uma árvore seca que pairava sobre um precipício ensolarado. A salvo nas alturas, os corvos pareciam olhar para baixo e zombar da perplexidade do pobre homem. O que fazer? A manhã estava passando, e Rip estava faminto por falta de desjejum. Lamentou desistir do cachorro e da arma, e temia encontrar-se com a mulher, mas não adiantaria morrer de fome nas montanhas. Balançou a cabeça, apoiou a espingarda enferrujada no ombro e, com o coração atormentado e ansioso, dirigiu os passos para casa.

Ao se aproximar do vilarejo, encontrou diversas pessoas, mas nenhuma que conhecesse, o que o surpreendeu, pois julgara-se familiarizado com todos na região. As roupas dessas pessoas também diferiam daquelas a que ele se acostumara. Todas o fitavam com expressões idênticas de surpresa e, quando lançavam-lhe um olhar, invariavelmente coçavam o queixo. A recorrência desse gesto induziu Rip, involuntariamente, a fazer o mesmo, e, para seu espanto, descobriu que a barba tinha crescido mais de um palmo!

Agora, tinha chegado ao limite do vilarejo. Uma tropa de crianças desconhecidas corria atrás dele, vaiando e apontando para sua barba grisalha. Os cães também, nenhum dos quais ele reconheceu, latiam enquanto passava. O próprio vilarejo havia mudado; estava maior e mais populoso. Havia fileiras de casas que ele nunca vira, e as que tinha frequentado desapareceram. Via nomes estranhos acima das portas, rostos estranhos nas janelas — tudo era estranho. Agora, sua mente o atemorizava; começou a imaginar se ele e o mundo ao seu redor não estariam enfeitiçados. Certamente aquele era seu vilarejo natal, do qual havia saído no dia anterior. Lá estavam as montanhas Kaatskill, lá corria o Hudson prateado ao longe, lá estavam todas as colinas e vales exatamente como sempre. Rip estava absolutamente perplexo. *Aquela jarra na noite passada*, pensou, *escangalhou minha pobre cabeça!*

Foi com certa dificuldade que encontrou o caminho para sua própria casa, da qual se aproximou com reverência silenciosa, esperando a cada momento ouvir a voz estridente de Dona Van Winkle. Encontrou a casa decadente — o telhado havia desabado, as janelas se quebraram e as portas caíram das dobradiças. Um cachorro faminto que parecia Wolf a rondava. Rip o chamou pelo nome, mas o cão rosnou, mostrou os dentes e foi-se embora. Era de fato um cão descortês. *Meu próprio cachorro*, suspirou o pobre Rip, *me esqueceu!*

Entrou na casa, que, para dizer a verdade, Dona Van Winkle sempre mantivera em ordem. Estava vazia, miserável e aparentemente abandonada. Essa desolação superou todos os seus medos conjugais. Ele chamou em voz alta a mulher e os filhos. Sua voz ressoou nos quartos solitários por um instante, depois tudo silenciou mais uma vez.

Rip saiu velozmente e correu para seu antigo refúgio, a estalagem do vilarejo — mas esta também desaparecera. Em seu lugar estava um edifício grande e precário de madeira, com janelas amplas e escancaradas, algumas delas quebradas e remendadas com chapéus velhos e anáguas, e por cima da porta lia-se: “Hotel Union, de Jonathan Doolittle”. Em vez da grande árvore que abrigara a pequena estalagem holandesa de outrora, agora se erguia um poste alto e nu, com algo no alto que parecia uma touca de dormir vermelha, e ali tremulava uma bandeira, na qual se via uma reunião singular de estrelas e listras. Tudo era tão estranho e incompreensível! Ele reconheceu na placa, porém, o rosto rubi do rei George, sob o qual havia fumado tantos cachimbos em paz, mas até isso estava singularmente metamorfoseado. O casaco vermelho fora trocado por um azul e amarelo, havia uma espada na mão em vez de um cetro, a cabeça fora decorada com um chapéu tricorne e, por baixo, lia-se em letras grandes: “**GENERAL WASHINGTON**”.

Havia, como sempre, uma multidão de pessoas à porta, mas Rip não se recordava de nenhuma. O próprio caráter do povo parecia ter mudado. Havia uma atmosfera ocupada, irrequieta e polêmica, em vez da fleuma habitual e da tranquilidade sonolenta. Ele procurou em vão o sábio Nicholas Vedder, com o rosto largo, o queixo duplo e o cachimbo longo, emitindo nuvens de fumaça de tabaco em vez de discursos indolentes, ou Van Bummel, o mestre-escola, oferecendo o conteúdo de um jornal antigo. No lugar deles, um sujeito magro e de aparência irascível, com os bolsos cheios de folhetos, arengava com veemência sobre direitos dos cidadãos, eleições, membros do

congresso, liberdade, Bunker’s Hill[29], heróis de 1776[30] e outras palavras, que eram um jargão babilônico absoluto para o perplexo Van Winkle.

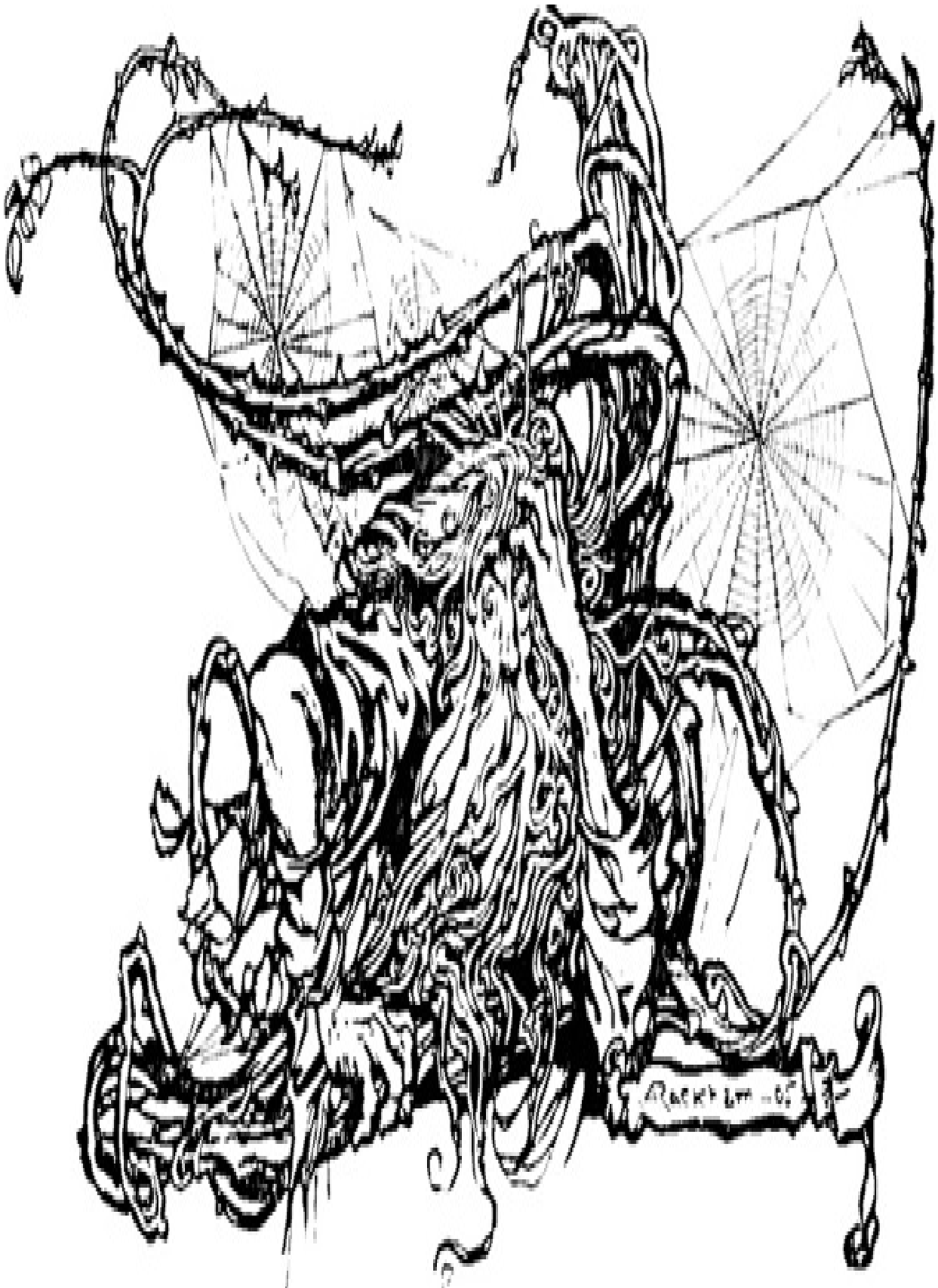


ILUSTRAÇÃO DE ARTHUR RACKHAM, 1916

A aparição de Rip, com a barba grisalha e comprida, a espingarda enferrujada, o traje grosseiro e um exército de mulheres e crianças a segui-lo, logo atraiu a atenção dos políticos de botequim. Eles o rodearam, olhando-o da cabeça aos pés com grande curiosidade.

O orador aproximou-se dele e, puxando-o parcialmente de lado, perguntou:

— Em que lado vota?

Rip o olhou com ar vago e estúpido. Outro sujeito baixo mas agitado puxou-o pelo braço e, ficando na ponta dos pés, perguntou em seu ouvido:

— É Federalista ou Democrata?



Rip era igualmente incapaz de entender essa pergunta. Foi quando um velho cavalheiro sabido e presunçoso, de chapéu tricorne pontudo, atravessou a multidão, empurrando uns à direita e outros à esquerda com os cotovelos e pondo-se diante de Van Winkle, com uma das mãos na cintura e a outra apoiada numa bengala, os olhos aguçados e o chapéu pontudo penetrando, daquela maneira, em sua própria alma. Ele inquiriu, num tom austero:

— O que o traz à eleição com uma arma no ombro e uma multidão a segui-lo? Pretende criar tumulto no vilarejo?

— Ai! Cavalheiros! — exclamou Rip, um tanto consternado. — Sou um homem pobre e pacato, nascido neste lugar e súdito leal do rei, que Deus o abençoe!

Os espectadores irromperam num grito:

— É lealista! Lealista! Espião! Fugitivo! Peguem-no! Fora com ele!

Foi com grande dificuldade que o homem presunçoso de chapéu tricorne restaurou a ordem, e, tendo assumido uma postura dez vezes mais austera, questionou novamente o réu desconhecido: por que tinha ido para lá e a quem procurava? O pobre homem humildemente lhe assegurou de que não pretendia fazer mal, mas viera simplesmente à procura de alguns vizinhos, que costumavam ficar na taverna.

— Bem... quem são eles? Nomeie-os.

Rip pensou um pouco e perguntou:

— Onde está Nicholas Vedder?

Houve um momento de silêncio, depois um velho respondeu, com voz fina e estridente:

— Nicholas Vedder! Ora, ele está morto e enterrado há dezoito anos! Havia uma lápide de madeira no cemitério da igreja que contava tudo sobre ele, mas apodreceu e não existe mais.

— Onde está Brom Dutcher?

— Ah, ele foi para o exército no começo da guerra. Alguns dizem que morreu no ataque a Stony Point, outros dizem que se afogou numa tempestade ao pé de Antony’s Nose. Não sei... ele nunca mais voltou.

— Onde está Van Bummel, o mestre-escola?

— Também partiu para a guerra, foi um grande general da milícia e agora está no Congresso.

O coração de Rip esmoreceu ao ouvir sobre essas tristes mudanças em seu lar e seus amigos, vendo-se tão sozinho no mundo. Cada resposta o intrigava também, ao tratar desses enormes lapsos de tempo e de assuntos que ele não conseguia entender: guerra, Congresso, Stony Point. Não teve coragem de perguntar mais sobre os amigos, mas gritou em desespero:

— Ninguém aqui conhece Rip Van Winkle?

— Ah, Rip Van Winkle! — exclamaram dois ou três. — Ah, com certeza! Lá está Rip Van Winkle, encostado na árvore.

Rip olhou e viu uma duplicata precisa de si mesmo quando subira a montanha; parecia tão preguiçosa quanto ele e igualmente esfarrapada. Agora o pobre coitado estava completamente aturdido. Duvidava da própria identidade e se era ele mesmo ou outro homem. Em meio à sua perplexidade, o homem de chapéu tricorne inquiriu quem era ele e qual era seu nome.



— Só Deus sabe! — exclamou, prestes a perder o juízo. — Eu não sou eu, sou outra pessoa, aquele ali sou eu, não, é outro que tomou meu lugar, eu era eu ontem à noite, mas adormeci na montanha, e trocaram minha arma, e tudo mudou, e não sei dizer qual é o meu nome nem quem sou!

Os espectadores começaram a se entreolhar, abanar a cabeça, piscar sugestivamente e bater os dedos na testa. Houve um sussurro, também, sobre pegar a arma e impedir que o velho fizesse mal a alguém, e bastou essa sugestão para que o homem presunçoso de chapéu tricorne se retirasse com pressa. Nesse momento crítico, uma mulher jovem e graciosa cruzou a multidão para ver o homem de barba grisalha. Trazia nos braços uma criança roliça, que, assustada com a aparência dele, começou a chorar.

— Calma, Rip — disse ela. — Calma, seu tolinho, o velho não vai machucá-lo.

O nome da criança, o aspecto da mãe, o tom de sua voz, tudo despertou uma torrente de lembranças na mente de Rip.

— Qual é o seu nome, minha boa senhora? — perguntou ele.

— Judith Gardenier.

— E o nome do seu pai?

— Ah, pobre homem, seu nome era Rip Van Winkle, mas faz vinte anos que saiu de casa com a arma e nunca mais se ouviu falar dele desde então... O cachorro voltou para casa sem ele. Se ele se matou ou foi levado pelos índios, ninguém sabe. Na época, eu era só uma menininha.

Rip tinha só mais uma pergunta, mas a fez com voz hesitante:

— Onde está sua mãe?

— Ah, ela também morreu pouco tempo depois. Rompeu um vaso sanguíneo num ataque de fúria contra um mascate da Nova Inglaterra.

Havia um pingo de conforto, pelo menos, nessa informação. O homem honesto não pôde mais se conter. Tomou a filha e o bebê nos braços.

— Eu sou seu pai! — gritou ele. — Antes, Rip Van Winkle jovem... agora, Rip Van Winkle velho! Ninguém reconhece o pobre Rip Van Winkle?

Todos permaneceram atônitos, até que uma velha, saindo a cambalear da multidão, pôs a mão na testa e, espiando por baixo dela o rosto dele, exclamou:

— Com certeza! É Rip Van Winkle... é ele mesmo! Bem-vindo de volta, velho vizinho. Ora, por onde esteve nesses longos vinte anos?

Logo Rip contou sua história, pois aqueles vinte anos pareceram-lhe uma única noite. Os vizinhos o fitavam enquanto ouviam, alguns piscavam uns para os outros e escarneciam, e o homem presunçoso de chapéu tricorne, que, acabado o alarme, voltara à roda, torceu os cantos da boca para baixo e balançou a cabeça — gesto que desencadeou um movimento geral de cabeças por todo o grupo.

Decidiu-se, contudo, pedir a opinião do velho Peter Vanderdonk, que chegava devagar pela estrada. Peter era descendente do historiador homônimo, que escrevera um dos primeiros relatos sobre a província, e o morador mais antigo do vilarejo, bem versado em todos os acontecimentos e tradições maravilhosas da vizinhança. Lembrou-se de Rip assim que o viu e corroborou sua história da maneira mais satisfatória. Garantiu à multidão que era um fato, transmitido por seu ancestral historiador, que as montanhas Kaatskill sempre foram assombradas por seres estranhos. Que se afirmava que o grande Hendrick Hudson, descobridor do rio e da região, guardava uma espécie de vigília lá a cada vinte anos, com a tripulação do seu navio, Meia-Lua, podendo, assim, rever as cenas de sua empreitada e lançar o olhar protetor sobre o rio e a grande cidade que levam seu nome. Que seu pai já os vira em seus velhos trajes holandeses, jogando boliche numa depressão nas montanhas, e que ele próprio ouvira, numa tarde de verão, o som das bolas a rolar, como o clangor longínquo dos trovões.

Para resumir a história, o grupo se separou e voltou ao assunto mais importante da eleição. A filha de Rip o levou para morar com ela. Tinha uma casa confortável e bem mobiliada, e um agricultor robusto e alegre como marido, de quem Rip se lembrava como um dos traquinas que escalavam suas costas. Quanto ao filho e herdeiro de Rip, que era sua cópia, encostado na árvore, fora contratado para trabalhar na fazenda, mas demonstrava aquela disposição hereditária para cuidar de qualquer coisa que não suas tarefas.

Agora Rip retomava suas antigas caminhadas e hábitos. Logo encontrou muitos de seus antigos camaradas, embora estivessem em mau estado devido à ação do tempo, e preferiu fazer amizades entre a nova geração, da qual logo caiu nas graças.

Sem nada que fazer em casa, e tendo chegado àquela idade feliz em que um homem pode ser preguiçoso impunemente, tomou mais uma vez seu lugar no banco à porta da estalagem e foi reverenciado como um dos patriarcas do vilarejo, testemunha dos velhos tempos “antes da guerra”. Levou algum tempo até que conseguisse acompanhar a trilha normal dos mexericos e compreender os estranhos acontecimentos que ocorreram durante seu torpor. Acontecera uma guerra revolucionária, o país se libertara do jugo da velha Inglaterra e, em vez de súdito de Sua Majestade George III, ele agora era um cidadão livre dos Estados Unidos. Rip, na verdade, não era político. As mudanças de estados e impérios causavam-lhe pouca admiração. Mas havia uma espécie de despotismo sob a qual tinha sofrido por muito tempo: o governo da esposa. Felizmente isso chegara ao fim; ele se livrara do jugo do matrimônio e podia ir e vir conforme quisesse, sem recear a tirania de Dona Van Winkle. Sempre que alguém citava o nome dela, contudo, ele balançava a cabeça, encolhia os ombros e erguia o olhar, o que podia passar por expressão de resignação ao seu destino ou de alegria por sua libertação.



ILUSTRAÇÃO DE GEORGE H. BOUGHTON, 1907

Costumava contar sua história a todo estranho que chegasse ao hotel do sr. Doolittle. Observou-se, a princípio, que ele alterava alguns pontos a cada vez que contava, o que se devia, sem dúvida, ao fato de ter acordado muito recentemente. Por fim, estabeleceu-se precisamente como a história que narrei, e não havia homem, mulher ou criança na região que não a soubesse de cor. Alguns sempre fingiam duvidar da sua veracidade, insistindo que Rip tinha perdido o juízo e que esse era um ponto em que ele continuava estouvado. Os antigos moradores holandeses, porém, eram quase unânimes em acreditar completamente. Até hoje, nas tardes de verão, nunca ouvem uma tempestade nas Kaatskill sem dizer que Hendrick Hudson e sua tripulação estão jogando boliche, e é o sonho comum de todo marido dominado pela mulher na vizinhança, quando a vida parece um fardo, tomar um gole tranquilizador da jarra de Rip Van Winkle.

NOTAS

Pode-se desconfiar que o sr. Knickerbocker tenha inspirado o conto anterior numa superstição alemã a respeito do imperador Frederico Barbarossa e a montanha Kypphäuser; porém a nota que ele anexou à história mostra que é um fato absoluto, narrado com sua fidelidade habitual.

“A história de Rip Van Winkle pode parecer inacreditável para muitos. Todavia, acredito plenamente nela, pois sei que a região de nossas antigas colônias holandesas era muito sujeita a acontecimentos e aparições maravilhosas. De fato, ouvi muitas histórias mais estranhas do que essa nos vilarejos ao longo do Hudson, todas autenticadas demais para admitir a dúvida. Cheguei mesmo a conversar pessoalmente com Rip Van Winkle, que, quando o vi pela última vez, era um ancião venerável, tão perfeitamente racional e coerente em cada ponto do relato, que acho que nenhuma pessoa ajuizada poderia se recusar a aceitá-lo. Mais ainda, vi uma certidão sobre o assunto ser levada perante um juiz rural e assinada com uma cruz, na caligrafia do próprio juiz. A história, portanto, está além de qualquer dúvida.

D. K.

PÓS-ESCRITO

As notas a seguir são de um diário de viagens do sr. Knickerbocker.

As montanhas Kaatsberg ou Catskill sempre foram uma região cheia de fábulas. Os índios as consideravam morada de espíritos que influenciavam o clima, espalhando luz solar ou nuvens sobre a paisagem e mandando temporadas de caça boas ou ruins. Eram governadas pelo espírito de uma velha índia, que diziam ser sua mãe. Ela morava no pico mais alto dos Catskills e se encarregava das portas do dia e da noite, abrindo-as e fechando-as na hora certa. Pendurava as luas novas nos céus e cortava as antigas na forma de estrelas. Em época de seca, se apaziguada corretamente, ela fiava nuvens leves de verão a partir de teias de aranha e do orvalho da manhã, lançando-as do alto da montanha, camada por camada, como algodão cardado, para pairar no ar, até que, dissolvidas pelo calor do sol, caíssem em chuvas leves, fazendo a grama brotar, os frutos amadurecer e o milho crescer dois centímetros por hora. Quando descontente, porém, preparava nuvens escuras como piche, sentada entre elas como uma aranha de ventre rotundo no meio de sua teia; e, quando essas nuvens se rompiam, ai dos vales!



ILUSTRAÇÃO DE ARTHUR RACKHAM, 1916

Antigamente, dizem as tradições indígenas, havia uma espécie de Manitou ou Espírito que habitava os recantos mais selvagens das montanhas Catskill e tinha um prazer travesso em causar todo tipo de males e aborrecimentos aos peles-vermelhas. Às vezes, ele assumia a forma de um urso, pantera ou cervo, levava o caçador confuso a uma perseguição exaustiva pelas florestas emaranhadas e entre rochas pontiagudas, e no fim saltava fazendo um *ho! ho!* estrondoso, deixando-o horrorizado à beira de um precipício saliente ou corredeira furiosa.

Ainda se vê a morada favorita desse Manitou. É uma grande rocha ou penhasco na parte mais isolada das montanhas, e, pelas trepadeiras floridas que a escalam e flores silvestres que povoam suas cercanias, é conhecida pelo nome de Pedra do Jardim. Perto da sua base existe um pequeno lago, o refúgio do abetouro solitário, com cobras-d'água se aquecendo ao sol nas folhas das ninfeias que jazem na superfície. Os índios tinham grande reverência por esse lugar, tanto que o caçador mais valente não perseguia a caça em seus arredores. Era uma vez, no entanto, um caçador que se perdeu no caminho e chegou à Pedra do Jardim, onde viu diversas cabaças deixadas nas forquilhas das árvores. Ele apanhou uma delas e fugiu, mas, na pressa de se retirar, deixou-a cair entre as rochas, e foi quando um grande riacho jorrou, arremessando-o precipício abaixo, onde se partiu em pedaços. O riacho alcançou o Hudson e continua a correr até os dias de hoje, sendo o mesmíssimo regato conhecido pelo nome de Kaaters-kill.

The End

Washington Irving

O Noivo Espectral

E A COZINHA DA ESTALAGEM



THE INN KITCHEN | 1819 |

THE SPECTRE BRIDEGROOM | 1819 |

A cozinha da estalagem

Não posso repousar na hospedaria que frequento?[31]

Falstaff

Uma vez, durante uma viagem que fiz pela Holanda, cheguei uma noite à Pomme d'Or, a principal estalagem de um pequeno vilarejo flamengo. Passava da hora do jantar dos hóspedes, de modo que fui obrigado a comer uma ceia solitária feita dos restos de uma mesa mais farta. Estava frio. Eu me sentara sozinho num canto da sala de jantar grande e sombria, e, terminando a refeição, deparei-me com a perspectiva de uma noite longa e tediosa, sem nenhum modo de animá-la. Chamei o estalajadeiro e pedi algo para ler; ele me trouxe todo o estoque literário de sua casa, uma Bíblia de família holandesa, um almanaque na mesma língua e vários jornais velhos de Paris. Enquanto eu quase adormecia sobre um deles, lendo notícias antigas e críticas obsoletas, de vez em quando atingiam meus ouvidos gargalhadas que pareciam vir da cozinha. Quem já viajou pelo continente europeu deve saber que a cozinha é o refúgio favorito, numa estalagem rural, dos viajantes de classes média e baixa, principalmente naquele tipo de clima duvidoso em que o fogo fica mais agradável conforme anoitece. Deixei o jornal de lado e me dirigi à cozinha para espiar o grupo que parecia estar tão alegre. Era composto em parte por viajantes que haviam chegado algumas horas antes numa diligência, e em parte pelos funcionários e frequentadores habituais das estalagens. Estavam sentados em volta de um fogão grande e lustroso, que poderia ter sido confundido com um altar diante do qual eles se prostravam em adoração. Diversas panelas de cozinha resplandecentes o cobriam, e entre elas vaporava e assobiava uma enorme chaleira de cobre. Uma grande lâmpada iluminava o grupo intensamente, destacando muitos traços incomuns em alto-relevo. Seus raios amarelos clareavam parte da cozinha espaçosa, esmorecendo como o crepúsculo em cantos remotos, a não ser onde se instalavam com um brilho suave na lateral de uma manta de toicinho ou se refletiam em utensílios bem lavados que reluziam na penumbra. Uma vigorosa moça flamenga, com longos brincos de ouro nas

orelhas e um colar com pingente de coração dourado, era a sacerdotisa conduzindo o culto.



Muitos do grupo estavam munidos de cachimbos. A maioria sorvia alguma beberagem noturna. Descobri o que causava sua alegria: as anedotas que um francês pequenino de pele morena, rosto esguio e bigodes imensos contava de suas aventuras amorosas. No final de cada história, havia uma daquelas gargalhadas sinceras e sem cerimônia às quais um homem se entrega nesse templo da verdadeira liberdade, a estalagem.

Como eu não tinha nenhum jeito melhor de passar aquela noite maçante e tempestuosa, sentei-me perto do fogão e ouvi uma série de histórias de viajantes, algumas extravagantes, a maioria enfadonha. Todas, porém, desapareceram da minha memória traiçoeira, a não ser uma, que me esforçarei para relatar. Receio, contudo, que seu maior encanto derive do modo como foi contada, do ar e da aparência curiosa do narrador. Era um velho suíço corpulento que parecia um viajante veterano. Usava um casaco de viagem verde e manchado, com um cinto largo na cintura e um guarda-pó com botões que iam dos quadris aos tornozelos. Tinha semblante largo e rubicundo, com queixo duplo, nariz aquilino e olhos agradáveis, brilhantes. Seus cabelos eram claros e anelados debaixo um velho gorro de veludo verde inclinado na cabeça. Foi interrompido mais de uma vez pela chegada de hóspedes ou por comentários de seus ouvintes, e parava de vez em quando para reabastecer o cachimbo. Nessas horas, geralmente lançava um olhar jocoso e uma piada maliciosa para a robusta copeira.

Gostaria que meus leitores imaginassem o velho camarada sentado numa enorme poltrona, uma das mãos na cintura, a outra segurando um cachimbo curiosamente retorcido, formado por sepiolita genuína, decorado com corrente de prata e borlas de seda, a cabeça inclinada para o lado e uma piscadela caprichosa de quando em quando, ao contar a seguinte história:

O Noivo Espectral

História de um viajante[32]

No alto de uma das montanhas Odenwald, um ponto selvagem e romântico da Alta Alemanha que não dista muito da confluência dos rios Meno e Reno, muitos e muitos anos atrás, ficava o castelo do Barão Von Landshort. Agora está em ruínas, quase enterrado entre faias e abetos escuros. Acima deles, porém, ainda se vê a antiga torre de vigia, lutando, como o antigo proprietário, para continuar de cabeça erguida e olhar, altiva, os campos que a rodeiam.



ILUSTRAÇÃO DE WM. HART

O barão era um ramo seco da grande família Katzenellenbogen[33] que herdou as relíquias da propriedade e todo o orgulho de seus ancestrais. Embora o temperamento belicoso de seus antecessores tivesse diminuído muito as posses da família, o barão ainda se esforçava para manter parte da rica aparência anterior. Era uma época de paz, e os nobres alemães em geral haviam abandonado a inconveniência de seus antigos castelos, empoleirados como ninhos de águia nas montanhas, e construído residências mais convenientes nos vales. Ainda assim, o barão permanecia orgulhoso em sua pequena fortaleza, cultivando com os costumes hereditários todas as antigas inimizades entre famílias, de modo que tinha péssimo relacionamento com alguns dos vizinhos mais próximos, em razão de contendas entre seus trisavós.

O barão tinha uma única filha, mas a Natureza, quando concede apenas uma criança, sempre compensa o número tornando-a um prodígio. Assim era a filha do barão. Todas as amas, os bisbilhoteiros e camponeses garantiam ao pai que ninguém se equiparava a ela em beleza em toda a Alemanha, e quem poderia saber mais do que eles? Além disso, fora educada com grande cuidado sob a supervisão de duas tias solteiras, que haviam passado alguns anos da infância numa pequena corte alemã e dominavam todos os ramos do conhecimento necessários à educação de uma dama. Sob as instruções delas, a moça tornou-se um milagre consumado. Aos dezoito anos, sabia fazer bordados admiráveis e trabalhara histórias completas dos santos em tapeçaria, com expressões tão poderosas nos semblantes que eles pareciam uma multidão de almas no purgatório. Sabia ler sem grande dificuldade. Havia percorrido as páginas de muitas lendas da Igreja e quase todas as façanhas de cavalaria do *Heldenbuch*[34]. Tinha até proficiência considerável na escrita: sabia assinar o próprio nome com todas as letras e de modo tão legível que suas tias conseguiam lê-lo sem óculos. Destacava-se em fazer todo tipo de bugigangas elegantes e inúteis, era versada nas danças mais abstrusas da época, tocava diversas árias na harpa e no violão e conhecia de cor todas as ternas baladas dos *Minnelieders*[35].

As tias, também tendo sido grandes namoradoras e coquetes na juventude, eram admiravelmente capazes como guardiãs atentas e censoras rigorosas da conduta de sua sobrinha, pois não existe aia mais prudente e inexoravelmente decorosa que uma coquete aposentada. A moça raramente

saía de suas vistas. Nunca ia além das terras do castelo a menos que estivesse bem acompanhada ou então muito bem vigiada. Liam-lhe sermões infinitos sobre decoro estrito e obediência implícita. Quanto aos homens — rá! —, ela foi ensinada a mantê-los à distância e vê-los com tamanha desconfiança que, se não recebesse a devida autorização, não olharia nem mesmo para o cavaleiro mais belo do mundo — nem se ele estivesse morrendo aos seus pés.

Os bons efeitos desse sistema eram maravilhosamente visíveis. A jovem era um modelo de docilidade e decência. Enquanto outras desperdiçavam sua doçura à vista do mundo, e qualquer mão podia tomá-las e deixá-las de lado, sua feminilidade fresca e bela florescia sob a proteção daquelas solteironas imaculadas, como um botão de rosa ganhando cor entre os espinhos guardiões. As tias a olhavam com orgulho e exultação, vangloriando-se; ainda que todas as outras jovens do mundo seguissem um mau caminho, graças a Deus nada disso poderia acontecer à herdeira de Katzenellenbogen.

Contudo, por mais escassa que fosse a prole do Barão Von Landshort, sua família não era nada pequena, pois a Providência o enriquecera com um bom número de parentes pobres. Todos tinham o temperamento afetuoso comum aos parentes humildes: eram imensamente apegados ao barão e aproveitavam toda ocasião possível para vir como um enxame animar o castelo. Todas as festas da família eram comemoradas por essa boa gente às custas do barão; quando repletos de bom humor, declaravam que não havia nada no mundo mais prazeroso que essas reuniões, esses jubileus do coração.

O barão, embora fosse pequeno, tinha alma grande e inchava de satisfação com a consciência de ser o maior homem no mundo pequenino a seu redor. Adorava contar longas histórias sobre os guerreiros velhos e decididos cujos retratos o olhavam das paredes, austeros, e não encontrava ouvintes melhores que aqueles que comiam às suas custas. Era propenso ao maravilhoso e acreditava firmemente em todos os contos sobrenaturais que vicejam em cada montanha e vale da Alemanha. A fé de seus convidados excedia até a sua: ouviam todos os contos maravilhosos com os olhos e a boca abertos, e nunca deixavam de se surpreender, ainda que a história fosse repetida pela centésima vez. Assim vivia o Barão Von Landshort, o oráculo

da sua mesa, o monarca absoluto do seu pequeno território, feliz, acima de tudo, com a convicção de que era o homem mais sábio da época.

Na época em que minha história se passa, houve uma grande reunião de família no castelo por uma questão de extrema importância: receber o noivo destinado à filha do barão. Tinha ocorrido uma negociação entre o pai e um velho nobre da Baviera para unir a dignidade de suas casas por meio do casamento dos filhos. A organização fora conduzida com a formalidade adequada. Os jovens foram prometidos sem se conhecer, e marcou-se a data para a cerimônia de casamento. O jovem Conde Von Altenburg fora convocado do exército para esse fim e estava a caminho do castelo do barão para receber sua noiva. Ele mandara missivas de Wurtzburg, onde ficara acidentalmente detido, informando o dia e a hora em que esperava chegar.

O castelo estava tumultuado com os preparativos para dar-lhe uma recepção adequada. A bela noiva fora enfeitada com extraordinário cuidado. As duas tias haviam supervisionado sua vestimenta e discutiram a manhã inteira a respeito de cada peça de roupa. A jovem se aproveitara do debate para adotar suas próprias preferências, que felizmente eram de bom-gosto. Estava tão linda quanto o jovem noivo poderia desejar, e o alvoroço da expectativa realçou o esplendor de seus encantos.

O rubor que cobria seu rosto e pescoço, o arfar leve do peito, os olhos de vez em quando perdidos em devaneios, tudo denunciava o tumulto brando que tomava seu pequeno coração. As tias pairavam continuamente em torno dela, pois as tias solteiras tendem a se interessar muito por assuntos dessa natureza. Despejavam conselhos antiquados sobre como se portar, o que dizer e de que modo receber o amante esperado.

O barão estava igualmente ocupado com os preparativos. Na verdade, ele não tinha nada para fazer, mas era um homenzinho agitado e nervoso por natureza e não conseguia ficar passivo quando o mundo inteiro andava às pressas. Percorria o castelo de cima a baixo com ar de ansiedade infinita, interrompia o trabalho dos empregados o tempo todo para exortá-los a serem diligentes e passava por todos os corredores e câmaras tão inquieto e inoportuno quanto uma mosca-varejeira num dia quente de verão.

Enquanto isso, o novilho gordo tinha sido morto, as florestas ressoavam com o clamor dos caçadores, a cozinha estava cheia de boa comida, as adegas haviam entregado oceanos inteiros de vinho do Vale do Reno e outros

de safra recente, e até o grande Barril de Heidelberg[36] dera sua contribuição. Tudo estava pronto para receber o ilustre convidado com *Saus und Braus*[37] no verdadeiro espírito da hospitalidade alemã, mas ele demorava a chegar. Horas e horas se passaram. O sol que lançara raios descendentes sobre as ricas florestas do Odenwald agora só brilhava nos picos das montanhas. O barão subiu à torre mais alta e forçou os olhos, na esperança de avistar o conde e sua comitiva ao longe. Uma vez, pensou que os contemplava; o som de cornetas vinha flutuando do vale, prolongado pelos ecos das montanhas. Viu um grupo de cavaleiros a distância, avançando devagar pela estrada, mas, quando quase alcançavam o sopé da montanha, partiram subitamente em outra direção. O último raio de sol partiu, os morcegos começaram a voar no crepúsculo, a estrada ficou cada vez mais escura à vista e nada mais se mexeu nela, a não ser, de vez em quando, um camponês demorando a voltar para casa depois do trabalho.

Enquanto o antigo castelo de Landshort estava nesse estado de perplexidade, uma cena muito interessante se desenrolava em outra parte de Odenwald.

O jovem Conde Von Altenburg seguia sua rota tranquilamente, naquele trote sóbrio em que um homem segue rumo ao matrimônio depois que os amigos tiraram todas as dificuldades e incertezas do cortejo de suas mãos, e ele tem certeza de que uma noiva o espera, tanto quanto um jantar no final da jornada. Encontrara em Wurtzburg um jovem companheiro de armas com quem havia servido na fronteira — Herman Von Starkenfaust, uma das mãos mais fortes e corações mais dignos da cavalaria alemã — que agora voltava do exército. O castelo de seu pai não ficava muito longe da antiga fortaleza de Landshort, embora uma inimizade hereditária tornasse as famílias hostis e estranhas uma à outra.

No momento caloroso em que se reconheceram, os jovens amigos contaram todas as suas aventuras e sortes passadas, e o conde narrou toda a história de suas futuras núpcias com uma jovem a quem ele nunca tinha visto, mas de cujos encantos recebera as descrições mais arrebatadoras.

Enquanto a rota dos amigos seguia na mesma direção, concordaram em fazer o resto da viagem juntos. Para seguir com mais tranquilidade, partiram muito cedo de Wurtzburg, depois que o conde deu instruções para sua comitiva segui-lo e alcançá-lo.

Ocuparam o tempo da jornada com lembranças de suas campanhas e aventuras militares, mas de vez em quando o conde era um tanto enfadonho ao falar dos encantos afamados de sua noiva e da felicidade que o esperava.

Assim, chegaram às montanhas de Odenwald e estavam atravessando uma das passagens mais isoladas e densamente arborizadas. Sabe-se que as florestas da Alemanha sempre foram tão infestadas por ladrões quanto seus castelos por fantasmas, e nessa época os primeiros eram especialmente numerosos, em razão das hordas de soldados dispensados a vagar pelo país. Portanto, não foi nada extraordinário que os cavaleiros tenham sido atacados por um bando desses salteadores no meio da floresta.

Defenderam-se com bravura, mas estavam à beira da derrota quando a comitiva do conde chegou em seu socorro. Ao vê-los, os ladrões fugiram, mas não antes de o conde receber um ferimento mortal. Foi levado de volta à cidade de Wurtzburg com vagar e cuidado, e convocou-se um frade de um convento vizinho que era famoso por sua habilidade em cuidar tanto da alma quanto do corpo. Mas metade dessa habilidade foi supérflua: as horas da infeliz conde estavam contadas.

Com seu último alento, pediu ao amigo que fosse imediatamente ao castelo de Landshort e explicasse o motivo fatal de não ter cumprido o compromisso com a noiva. Embora não fosse o mais ardente dos amantes, era um dos homens mais escrupulosos e insistiu, seriamente ansioso, que essa missão fosse executada com rapidez e cortesia.

— Do contrário — disse ele —, não dormirei em paz no meu túmulo. — E repetiu as últimas palavras com solenidade peculiar.

Um pedido num momento tão comovente não admitia hesitação. Starkenfaust se esforçou para acalmá-lo, jurou cumprir fielmente seu desejo e deu-lhe a mão numa promessa solene. O moribundo apertou sua mão, concordante, mas logo passou a delirar. Resmungou sobre a noiva, o compromisso, a palavra empenhada, exigiu seu cavalo para sair rumo ao castelo de Landshort e expirou no ato imaginário de subir na sela.

Starkenfaust suspirou e derramou uma lágrima de soldado pelo destino precoce do camarada. Depois, ponderou sobre a desagradável missão que havia aceitado. Seu coração pesava e sua mente estava perplexa, pois deveria se apresentar como visita indesejada a pessoas hostis e arruinar a comemoração com notícias fatais para as esperanças de todos. Ainda assim,

a curiosidade de ver a famosa beldade de Katzenellenbogen, tão cuidadosamente apartada do mundo, sussurrava em seu peito; era um admirador entusiasmado do belo sexo, e seu caráter tinha um quê de excêntrico e aventureiro que o impulsionava a toda aventura singular.

Antes de partir, fez todos os devidos preparativos com a santa fraternidade do convento para as solenidades fúnebres do amigo, que seria enterrado na catedral de Wurtzburg, perto de alguns parentes ilustres, e a comitiva do conde cuidou dos seus restos mortais.

Agora é hora de voltarmos à antiga família Katzenellenbogen, que esperava impaciente pelo convidado, e ainda mais pelo jantar, e ao digno barãozinho que deixamos ao ar livre na torre de vigia.

Anoiteceu, mas o convidado não chegou. O barão desceu da torre, desesperado. O banquete, que tinha sido adiado de hora em hora, não podia mais ser postergado. As carnes já estavam assadas demais, a cozinheira aflita, e toda a família parecia uma tropa assolada pela fome. O barão, relutante, foi obrigado a mandar servir o banquete sem a presença do convidado.

Todos estavam sentados à mesa e prestes a começar quando o som de uma corneta vinda de fora do portão anunciou a chegada de um estranho. Mais um longo clamor ecoou pelos pátios antigos do castelo e foi respondido por um sentinela na muralha. O barão correu a receber seu futuro genro.

A ponte levadiça fora baixada e o estranho já estava diante do portão. Era um cavaleiro alto e galante, montado num cavalo preto. Tinha o semblante pálido, mas também um olhar radiante e romântico e um ar de nobre melancolia. O barão sentiu-se um tanto humilhado por vê-lo chegar sem companhia nem luxo. Por um momento, ficou ofendido em sua dignidade e disposto a ver naquela atitude falta do devido respeito à importante ocasião e à importante família com a qual o jovem se uniria. Apaziguou-se, porém, ao concluir que devia ter sido a impaciência juvenil que o induzira a chegar mais cedo do que seus acompanhantes.

— Lamento muito — disse o estranho — por minha chegada inoportuna...

Aqui o barão o interrompeu com uma profusão de elogios e saudações, pois, para dizer a verdade, ele se orgulhava de sua cortesia e eloquência. O

estranho tentou, uma ou duas vezes, conter a torrente de palavras, mas foi em vão. Então, inclinou a cabeça e deixou que fluísse. Quando o barão parou, eles já haviam chegado ao pátio interno do castelo, e o estranho tentou falar novamente quando foi, mais uma vez, interrompido pelo aparecimento da parte feminina da família, conduzindo adiante a noiva recatada e corada. Ele a contemplou por um momento como se enfeitiçado; foi como se toda a sua alma se transportasse no olhar e repousasse naquela figura adorável.

Uma das tias solteiras sussurrou alguma coisa ao ouvido da moça. Esta se esforçou para falar, seus olhos azuis e úmidos ergueram-se, hesitantes, lançaram um olhar tímido de indagação ao estranho e baixaram mais uma vez ao chão. As palavras desapareceram, mas um sorriso doce tocava seus lábios e uma covinha nas faces mostrava que o olhar não fora desagradável. Era impossível para uma moça de dezoito anos, muitíssimo predisposta ao amor e ao matrimônio, não apreciar um cavaleiro tão galante.

O atraso do hóspede não deixou tempo para debate. O barão foi intransigente e adiou toda conversa em particular até a manhã seguinte, seguindo na frente até o banquete intocado.

A comida foi servida no grande salão do castelo. Das paredes pendiam os retratos severos dos heróis da casa de Katzenellenbogen e os troféus que ganharam na guerra e na caça. Couraças arranhadas, lanças de justa estilhaçadas e bandeiras esfarrapadas se misturavam aos espólios de batalhas silvestres: as mandíbulas do lobo e as presas do javali sorriam horrivelmente entre bestas e machados de guerra, e um enorme par de galhadas brotava logo acima da cabeça do jovem noivo.

O cavaleiro deu pouca atenção à companhia e ao entretenimento. Mal provou o banquete, parecendo absorto em admirar sua noiva. Conversava num tom baixo que os outros não ouviam, pois a linguagem do amor nunca é ruidosa. Que ouvido feminino é tão surdo que não consiga captar o menor sussurro do amante? Havia um misto de ternura e gravidade nos modos do rapaz que parecia ter um efeito poderoso sobre a moça. Enquanto ela ouvia com toda a atenção, a cor ia e vinha de suas faces. De vez em quando, ela dava uma resposta corada, e, quando ele desviava o olhar, ela olhava de soslaio aquele semblante romântico, suspirando de terna felicidade. Era óbvio que o jovem casal estava completamente apaixonado. As tias, muito

versadas nos mistérios do coração, declararam que eles haviam se enamorado um do outro à primeira vista.



ILUSTRAÇÃO DE CHARLES O. MURRAY, 1907

O banquete seguiu alegre, ou pelo menos barulhento, pois todos os convidados foram abençoados com aquele apetite aguçado que vem com a bolsa leve e o ar da montanha. O barão contou suas melhores e maiores histórias com mais ânimo do que nunca e ótimo efeito. Se havia algo de maravilhoso, seus ouvintes ficavam aturdidos; se algo era ridículo, podia-se contar com eles para rir no ponto certo. É verdade que o barão, como a maioria dos grandes homens, era respeitável demais para contar qualquer piada que não a mais boba; porém sempre era reforçada por uma taça cheia de excelente vinho Hockheimer, e até mesmo uma piada boba à mesa, servida com um bom vinho, é irresistível. Bocas mais pobres e mordazes disseram muitas coisas boas que não se devem repetir, a não ser em ocasiões semelhantes. Sussurraram-se muitas palavras maliciosas aos ouvidos das damas, que quase convulsionavam ao reprimir o riso, e um primo pobre, mas alegre e bochechudo, berrou uma ou duas canções que fizeram as tias se esconderem atrás dos leques.

Em meio a toda a festa, o hóspede desconhecido manteve o ar mais singular e inexplicável. Seu semblante ganhava um aspecto cada vez mais triste à medida que a noite avançava e, por estranho que pareça, até as piadas do barão pareciam apenas torná-lo mais melancólico. Às vezes ele se perdia em pensamentos, e às vezes seu olhar perturbado e inquieto revelava um estado de espírito constrangido. Sua conversa com a noiva tornou-se cada vez mais intensa e misteriosa. Nuvens baixas começaram a nublar a bela serenidade do rosto dela, e tremores percorriam o corpo terno.

O grupo não deixou de notar nada disso. A tristeza insondável do noivo gelou a alegria de todos; com o espírito contaminado, trocaram sussurros e olhares, encolhendo os ombros e balançando a cabeça, em dúvida. A música e o riso ficaram cada vez menos frequentes, e houve pausas lúgubres na conversa, sucedidas por contos desvairados e lendas sobrenaturais. Uma história sombria trouxe outra ainda mais sombria, e o barão quase matou algumas damas de pavor com a história do cavaleiro espectral que raptou a bela Leonora — um conto assustador que já fora escrito em ótimos versos, lido e considerado verídico em todo o mundo.

O noivo ouviu essa história com toda a atenção. Manteve o olhar fixo no barão e, à medida que o relato chegava ao fim, começou a se levantar pouco a pouco da cadeira, ficando cada vez mais alto, até que aos olhos

fascinados do barão ele parecesse quase um gigante. No momento em que a história terminou, ele deu um suspiro profundo e despediu-se solenemente do grupo.

Todos ficaram surpresos. O barão ficou absolutamente estupefato.

— O quê? Vai sair do castelo à meia-noite? Ora, tudo foi preparado para recebê-lo; há um quarto arrumado, se quiser se retirar.

O estranho balançou a cabeça com ar triste e misterioso.

— Esta noite, devo deitar a cabeça num lugar diferente.

Algo nessa resposta e no tom com que foi pronunciada fez com que o coração do barão quase falhasse, mas ele reuniu forças e repetiu suas ofertas de hospitalidade.

O estranho balançou a cabeça silenciosa mas decididamente a cada oferecimento e, acenando em adeus ao grupo, deixou o salão. As tias ficaram completamente petrificadas; a noiva baixou a cabeça e lágrimas afloraram nos olhos.

O barão seguiu o estranho até o grande pátio do castelo, onde o cavalo preto pateava a terra e bufava, impaciente. Quando chegaram ao portal, cuja arcada profunda estava mal iluminada por uma tocha, o estranho parou e dirigiu-se ao barão num tom de voz grave, que o teto abobadado tornou ainda mais sepulcral.

— Agora que estamos sozinhos — disse ele —, vou comunicar a razão da minha partida. Tenho um compromisso solene e indispensável...

— Ora — respondeu o barão —, não pode mandar alguém no seu lugar?

— O compromisso não admite substituto. Devo comparecer pessoalmente. Devo ir para a catedral de Wurtzburg...

— Sim — disse o barão, reunindo coragem —, mas só amanhã. Amanhã você levará sua noiva para lá.

— Não! Não! — respondeu o estranho, com solenidade redobrada. — Meu compromisso não é com a noiva, mas com os vermes! Os vermes me aguardam! Estou morto. Fui morto por ladrões. Meu corpo jaz em

Wurtzburg. À meia-noite devo ser enterrado. O túmulo me espera... devo cumprir meu compromisso!

Ele subiu no cavalo preto com um salto, atravessou a ponte levadiça e o som dos cascos da montaria se perdeu no assobio do vento noturno.

O barão voltou ao salão imensamente consternado e contou o que havia acontecido. Duas damas desmaiaram; outros ficaram nauseados com a ideia de ter jantado com um espectro. A opinião de alguns era de que esse poderia ser o caçador selvagem, famoso na lenda alemã; alguns falaram de espíritos das montanhas, demônios da floresta e outros seres sobrenaturais que tanto vêm atormentando o bom povo da Alemanha desde priscas eras. Um parente pobre aventurou-se a sugerir que poderia ser uma fuga jocosa do jovem cavaleiro, e que a própria tristeza desse capricho parecia combinar com uma personagem tão melancólica. Isso, porém, provocou a indignação de todo o grupo, principalmente do barão, que o olhou como se fosse um infiel, de modo que ele rejeitou sua heresia de bom grado e o mais rápido possível, adotando a fé dos verdadeiros crentes.

Quaisquer que tenham sido as dúvidas, foram completamente encerradas no dia seguinte, com a chegada da correspondência confirmando o assassinato do jovem conde e seu enterro na catedral de Wurtzburg.

Pode-se imaginar a tristeza no castelo. O barão se trancou em seus aposentos. Os convidados, que tinham vindo festejar com ele, não conseguiram pensar em abandoná-lo em sua angústia. Vagavam pelos pátios ou se reuniam em grupos no salão, balançando a cabeça e encolhendo os ombros diante das aflições de um homem tão bom, e passaram mais tempo do que nunca à mesa, e comeram e beberam com mais avidez do que nunca, como forma de manter o ânimo. Mas a situação da noiva enviuvada era a mais lamentável. Ter perdido o marido antes mesmo de abraçá-lo — e que marido! Se o próprio espectro era tão gracioso e nobre, como teria sido o homem vivo? Os lamentos da moça tomaram a casa.

Na segunda noite de viuvez ela foi para seu quarto, acompanhada por uma das tias, que insistiu em dormir com ela. A tia, uma das melhores contadoras de histórias de fantasmas de toda a Alemanha, estava narrando uma das mais longas que conhecia e adormeceu no meio dela. O quarto era isolado e dava vista para um pequeno jardim. A sobrinha ficou pensativa, olhando para os raios da lua nascente tremulando nas folhas de um álamo

diante da janela. O relógio do castelo tinha acabado de anunciar a meia-noite quando uma música suave veio do jardim. Ela se levantou às pressas da cama e foi com passos leves até a janela. Havia uma figura alta entre as sombras das árvores. Quando levantou a cabeça, um raio de luar iluminou o semblante. Céus! Ela viu o Noivo Espectral!

Naquela hora, um grito estridente chegou a seus ouvidos e a tia, que fora despertada pela música e a seguira em silêncio até a janela, desabou em seus braços. Quando a moça tornou a olhar, o espectro havia desaparecido.

Das duas mulheres, a tia era quem agora precisava ser tranquilizada, pois estava horrorizada e completamente fora de si. Quanto à jovem, havia algo até mesmo no espectro do amante que a enternecia. Ainda restava a beleza masculina, e, embora a sombra de um homem tenha poucas condições de satisfazer o afeto de uma jovem enamorada, onde não se encontra substância até mesmo isso a consola.

A tia declarou que nunca mais voltaria a dormir naquele quarto. A sobrinha, pela primeira vez, foi obstinada e declarou com a mesma veemência que não dormiria em nenhum outro lugar no castelo. A consequência foi ter que dormir lá sozinha, mas fez a tia prometer que não contaria a história do espectro a ninguém, para que não lhe negassem o único prazer melancólico que restava: o de habitar o quarto que a sombra guardiã de seu amante rondava na vigília noturna.



Não se sabe por quanto tempo a boa velhinha teria cumprido essa promessa, pois adorava falar do que é portentoso, e há certa glória em ser a primeira a contar uma história assustadora. No entanto, ainda se diz na vizinhança, como exemplo memorável de sigilo feminino, que ela a cumpriu por uma semana inteira, até que a notícia trazida à mesa do desjejum a liberou subitamente de qualquer restrição na manhã em que ninguém conseguiu encontrar a jovem. O quarto estava vazio, a cama ainda arrumada, a janela aberta — o pássaro voara para longe!

Só quem já testemunhou a agitação que os contratempos de um grande homem causam a seus amigos pode imaginar o espanto e a preocupação com que a informação foi recebida. Até os parentes pobres se detiveram por um momento no seu incansável trabalho à mesa quando a tia, que a princípio ficara sem palavras, torceu as mãos e gritou:

— O fantasma! O fantasma! Ele a raptou!

Em poucas palavras, relatou a cena assustadora no jardim e concluiu que o espectro devia ter levado sua noiva. Dois dos empregados corroboraram a opinião, pois ouviram o barulho dos cascos descendo a montanha por volta da meia-noite e não tiveram dúvida de que era o espectro em seu cavalo preto levando-a para o túmulo. A temível possibilidade ocorreu a todos, pois esse tipo de acontecimento é extremamente comum na Alemanha, como muitas histórias bem autenticadas testemunham.

Que situação lamentável era a do pobre barão! Que dilema desolador para um pai afetuoso e membro da grande família Katzenellenbogen! Ou sua única filha tinha sido levada para o túmulo, ou ele teria por genro algum demônio da floresta e, talvez, um tropel de netos fantasmagóricos. Como sempre, ficou completamente aturdido, e todo o castelo entrou num alvoroço. Os homens receberam ordens de sair a cavalo e vasculhar todas as estradas, trilhas e vales de Odenwald. O próprio barão tinha acabado de calçar as botas, prendendo a espada à cinta, e estava prestes a montar seu cavalo para empreender a missão duvidosa quando foi interrompido por uma nova aparição. Uma dama foi vista aproximando-se do castelo, montada num palafrém e acompanhada de um homem a cavalo. Ela galopou até o portão, desceu do cavalo e, caindo aos pés do barão, abraçou os joelhos dele. Eram a filha perdida e seu companheiro — o Noivo Espectral!

O barão ficou perplexo. Olhou para a filha, depois para o espectro e quase duvidou da prova de seus sentidos. Além disso, a aparência do rapaz havia melhorado maravilhosamente desde sua visita ao mundo dos espíritos. Seu traje era esplêndido e realçava uma forma nobre de simetria masculina. Não estava mais pálido e melancólico. Seu belo semblante estava corado pelo fulgor da juventude e a alegria dançava em seus grandes olhos escuros.

O mistério logo foi esclarecido. O cavaleiro (pois, na verdade, como você deve ter sabido o tempo todo, não era nenhum fantasma) anunciou-se como Sir Herman Von Starkenfaust. Ele narrou sua aventura com o jovem conde. Contou como tinha corrido até o castelo para dar as notícias indesejadas, mas que a eloquência do barão o interrompera a cada tentativa de contar sua história. Que a visão da noiva o cativara por completo, e para passar algumas horas perto dela ele permitiu tacitamente que o engano continuasse. Que tentara imaginar, perplexo, um modo decente de se retirar, até que as histórias de fantasmas do barão sugerissem sua partida excêntrica. Que, temendo a inimizade ancestral da família, ele repetira as visitas furtivas, assombrando o jardim sob a janela da jovem, cortejando-a, conquistando-a, partindo triunfal e, em resumo, casando-se com ela.



ILUSTRAÇÃO DE OERTELL

Em qualquer outra circunstância, o barão teria sido inflexível, pois era firme adepto da autoridade paterna e devoto obstinado de todos os conflitos entre famílias. Mas amava sua filha, havia lamentado sua perda, alegrara-se ao encontrá-la ainda viva e, embora o marido fosse de uma casa inimiga, graças a Deus não era um fantasma! Deve-se reconhecer, havia algo que não estava exatamente em conformidade com suas noções de veracidade estrita na peça que o cavaleiro havia lhe pregado. Mas vários velhos amigos que estavam presentes e haviam servido nas guerras garantiram-lhe que, no amor, perdoava-se todo estratagema, e que o cavaleiro tinha direito a privilégios especiais por ter servido como soldado.

O assunto, portanto, foi encerrado com alegria. O barão perdoou o jovem casal na mesma hora. As festividades no castelo foram retomadas. Os parentes pobres cobriram o novo integrante da família de terna benevolência; ele era tão galante, tão generoso — e tão rico. As tias, é verdade, ficaram um tanto escandalizadas que seu sistema de isolamento total e obediência passiva chegasse a um resultado tão ruim, mas atribuíram tudo à negligência de não ter mandado pôr grades nas janelas. Uma delas sentiu-se especialmente humilhada porque sua maravilhosa história fora maculada e o único espectro que já vira fosse uma falsificação. Mas a sobrinha parecia perfeitamente feliz por ter descoberto que era feito de carne e osso. E assim termina a história.

The End

Washington Irving

O Diabo e Tom Walker



THE DEVIL AND TOM WALKER

| 1824 |

O Diabo e Tom Walker

A alguns quilômetros de Boston, em Massachusetts, há uma enseada profunda que serpenteia desde a baía do Rio Charles até muitos quilômetros no interior do país e termina num pântano, ou atoleiro, extremamente arborizado. De um lado dessa enseada, há um bosque bonito e escuro; do outro, a terra sobe de forma abrupta a partir da margem rumo a uma montanha alta, onde crescem uns poucos carvalhos de idade avançada e imenso tamanho. Foi debaixo de uma dessas árvores gigantescas, de acordo com as histórias antigas, que Kidd, o pirata, enterrou seu tesouro. A enseada facilitava o transporte secreto do dinheiro num barco, à noite, e depois até o sopé da montanha. A altura do lugar permitia manter vigília para que ninguém se aproximasse, enquanto as árvores notáveis constituíam bons marcos pelos quais seria fácil reencontrar o local. Além disso, as histórias contam que o diabo presidiu a ocultação do dinheiro e o tomou sob sua guarda, mas sabe-se muito bem que ele sempre faz isso com os tesouros enterrados, principalmente quando adquiridos por meios ilícitos. Seja como for, Kidd nunca voltou para recuperar sua riqueza; foi logo capturado em Boston, mandado para a Inglaterra e, lá, enforcado como pirata.

Por volta do ano de 1727, bem na época em que os terremotos eram frequentes na Nova Inglaterra e punham de joelhos muitos pecadores altivos, vivia perto desse lugar um sujeito avarento e mesquinho chamado Tom Walker. Sua mulher era tão miserável quanto ele; os dois eram tão mesquinhos que até conspiravam para enganar um ao outro. A mulher escondia tudo aquilo em que conseguisse pôr as mãos; se uma galinha cacarejasse, ela estava pronta a se apoderar do ovo recém-posto. O marido estava sempre à espreita, tentando detectar seus tesouros secretos, e eram inúmeros e ferozes seus conflitos sobre o que deveria ser propriedade comum. Moravam numa casa de aparência abandonada, isolada, com um ar de fome extrema. Umas poucas sabinas-rasteiras dispersas, emblemas de esterilidade, cresciam perto dela. Nunca havia fumaça saindo da chaminé e nenhum viajante parava à porta. Um cavalo tristonho, de costelas tão visíveis quanto as barras de uma jaula, andava à toa num campo onde um fino tapete de musgo, que mal cobria os veios irregulares das pedras, provocava e

frustrava a própria fome. Às vezes, inclinava a cabeça por cima da cerca, olhava lastimavelmente para os transeuntes e parecia pedir salvação dessa terra miserável.

A casa e seus moradores tinham péssima reputação. A mulher de Tom era uma megera alta, de temperamento feroz, língua ferina e braço forte. Sua voz se erguia com frequência numa guerra de palavras com o marido, e o rosto deste às vezes mostrava sinais de que os conflitos não se limitavam às palavras. Ninguém se arriscava, contudo, a interferir; o viajante solitário se encolhia ao ouvir o clamor e os confrontos horrendos; olhava de soslaio o covil da discórdia e corria dali, feliz, se solteiro, por seu celibato.

Num dia em que Tom Walker estivera numa parte distante da vizinhança, tomou o que imaginou ser um atalho para casa através do pântano. Como a maior parte dos atalhos, foi uma rota mal escolhida. O pântano era repleto de grandes pinheiros e cicutas sombrias, algumas com quase trinta metros de altura, o que criava escuridão ao meio-dia e um refúgio para todas as corujas da região. Estava cheio de buracos e lamaçais, cobertos em parte por ervas daninhas e musgos, cuja superfície verde muitas vezes traía o viajante, levando-o a um abismo oculto de lama preta. Também havia poças escuras e estagnadas, as moradas dos girinos, rãs-touro e cobras-d’água, e onde troncos de pinheiros e cicutas jaziam meio afogados, meio apodrecidos, parecendo jacarés a dormir na lama.

Tom caminhava com cuidado havia algum tempo por aquela floresta traiçoeira, pulando de tufo em tufo de juncos e raízes, pontos de apoio precários entre os charcos fundos, ou dando passos cautelosos, como um gato, entre os troncos caídos. De vez em quando assustavam-no os gritos repentinos de um abetouro, ou o grasnar de um pato selvagem alçando voo de alguma poça solitária. Por fim, chegou a um pedaço de terra firme, que entrava como uma península no seio profundo do pântano. Tinha sido uma das fortalezas dos indígenas durante as guerras com os primeiros colonos. Ali, haviam erguido uma espécie de forte que consideravam quase inexpugnável e o usaram como refúgio para suas mulheres e crianças. Não restava nada do forte indígena, a não ser alguns aterros que afundavam gradualmente até o nível do terreno ao redor e já estavam tomados, em parte, por carvalhos e outras árvores, cuja folhagem contrastava com a escuridão dos pinheiros e cicutas do pântano.

A noite já caía quando Tom Walker chegou ao antigo forte e parou ali para descansar por um tempo. Qualquer um, exceto ele, preferiria não se demorar nesse lugar solitário e melancólico, pois o povo tinha uma má impressão dele em razão das histórias que vinham desde o tempo das guerras com os indígenas, quando se afirmava que os selvagens faziam ali encantamentos e sacrifícios ao espírito maligno. Tom Walker, porém, não era homem de se deixar perturbar por esse tipo de medo.

Descansou por um tempo apoiado no tronco de uma cicuta caída, ouvindo o grito agourento de uma rã-arborícola e mergulhando seu cajado num monte de mofo preto a seus pés. Enquanto revirava o solo, sem perceber, o cajado atingiu alguma coisa dura. Ele o arrancou do montículo e, ah! Jazia ali um crânio rachado por um machado indígena, cravado bem fundo. A ferrugem na arma mostrava o tempo decorrido desde que o golpe mortal fora dado. Era um memento sombrio da luta feroz que ocorrera nesse último baluarte dos guerreiros indígenas.

— Unf! — disse Tom Walker, chutando o crânio para tirar-lhe a sujeira.

— Deixe esse crânio em paz! — mandou uma voz ríspida.

Tom ergueu o olhar e viu um homem grande e escuro sentado bem à sua frente num toco de árvore. Ficou extremamente surpreso, pois não tinha visto nem ouvido ninguém se aproximar, e ainda mais perplexo ao observar, tanto quanto a penumbra crescente permitia, que o desconhecido não era nem negro nem indígena. É verdade que usava um traje rústico, meio indígena, e um cinto ou faixa vermelha em torno do corpo, mas seu rosto não era negro nem acobreado, mas escuro, sujo e manchado de fuligem, como se estivesse acostumado a trabalhar entre fogueiras e forjas. Tinha cabelos pretos e espessos que saltavam da cabeça em todas as direções, e levava um machado no ombro.

Por um momento, encarou Tom com um par de grandes olhos vermelhos.

— O que está fazendo no meu terreno? — perguntou o homem escuro, com uma voz rouca e gutural.

— Seu terreno? — disse Tom, com escárnio. — O terreno é tão seu quanto meu: pertence ao diácono Peabody.

— O diácono Peabody que se d...e — respondeu o desconhecido —, como creio que acontecerá mesmo, se ele não olhar mais para seus próprios pecados e menos para os do seu vizinho. Olhe ali, veja como o diácono Peabody está se saindo.



ILUSTRAÇÃO DE CHARLES DEAS, 1843

Tom olhou na direção que o estranho apontava e avistou uma das árvores altas, bela e florida por fora, mas podre por dentro, e viu que fora cortada quase até o fim, de modo que o primeiro vento forte provavelmente a poria abaixo. Na casca da árvore estava gravado o nome do diácono Peabody. Agora ele olhava em volta e encontrava os nomes de alguns grandes homens da colônia marcados na maior parte das árvores altas, todas mais ou menos talhadas pelo machado. O tronco em que o homem estava sentado, e que obviamente acabara de ser derrubado, tinha o nome de Crowninshield. Tom recordou-se de um homem rico e poderoso com esse nome, que exibia sua riqueza de modo extravagante, e diziam por aí que a havia adquirido como bucaneiro.

— Ele está pronto para queimar! — disse o homem escuro, com um rosnado triunfal. — Como vê, é provável que eu tenha um bom estoque de lenha para o inverno.

— Mas que direito tem você — inquiriu Tom — de cortar a árvore do diácono Peabody?

— O direito de reivindicação prévia — disse o outro. — Esta floresta me pertencia muito antes que alguém da sua raça de cara branca pusesse os pés neste solo.

— E pode me dizer quem é você, por obséquio? — perguntou Tom.

— Ah, eu tenho muitos nomes. Em alguns países, sou o Caçador, em outros sou o Mineiro Negro. Nesta vizinhança, sou conhecido pelo nome de Lenhador Negro. Sou aquele a quem os peles-vermelhas consagraram este local, e para quem de vez em quando assavam um homem branco por meio de um sacrifício aceitável e aprazível[38]. Já que os peles-vermelhas foram exterminados por vocês, selvagens brancos, eu me divirto presidindo as perseguições aos quakers e anabatistas. Sou o grande patrono e promotor dos traficantes de escravos e o grão-mestre das bruxas de Salem.

— A conclusão, se não me engano — disse Tom com firmeza —, é que você geralmente é chamado de Velho Scratch[39].

— Eu mesmo, ao seu dispor! — respondeu o homem escuro, abanando a cabeça quase com cortesia.

Foi assim a abertura de tal conversa, de acordo com a história antiga, embora tenha um ar quase amistoso demais para ser digna de crédito. É de se imaginar que encontrar um personagem tão singular nesse local selvagem e ermo teria abalado os nervos de qualquer homem, mas Tom era um sujeito obstinado, difícil de intimidar, e morava havia tanto tempo com uma esposa temperamental que não temia nem mesmo o diabo.

Dizem que, depois desse começo, tiveram uma conversa longa e sincera enquanto Tom voltava para casa. O homem escuro contou-lhe das grandes somas de dinheiro que Kidd, o pirata, havia enterrado debaixo dos carvalhos no alto da cordilheira, não muito longe do pântano. Todas estavam sob seu comando e protegidas por seu poder, para que ninguém pudesse encontrá-las, a não ser aqueles que caíssem nas suas graças. Isso ele ofereceu deixar ao alcance de Tom Walker, pois simpatizara muitíssimo com ele, mas só poderiam ser obtidas sob certas condições. Podemos supor facilmente quais eram as condições, embora Tom nunca as tenha revelado publicamente. Devem ter sido muito severas, pois ele pediu tempo para pensar no assunto, e não era homem de se deter em pormenores quando havia dinheiro à vista. Quando chegaram à margem do pântano, o desconhecido parou.

— Que prova tenho de que tudo o que você me disse é verdade? — perguntou Tom.

— Aqui está minha assinatura — disse o homem escuro, encostando o dedo na testa de Tom. Assim dizendo, partiu por entre os arbustos do pântano e pareceu, como Tom disse, descer, descer e descer para dentro da terra, até que não se pudesse ver nada além de sua cabeça e ombros, e assim por diante, até desaparecer totalmente.

Quando Tom chegou em casa, encontrou a forma preta de um dedo queimada na testa, e nada pôde extingui-la.

A primeira notícia que sua mulher lhe contou foi a morte repentina de Absalom Crowninshield, o rico bucaneiro. Foi anunciada nos jornais com os floreios de costume, “um grande homem caiu em Israel”[40].

Tom lembrou-se da árvore que seu amigo escuro acabara de derrubar e que estava pronta para queimar.

— O flibusteiro que vá para a fogueira — disse Tom. — Quem se importa?

Agora, estava convencido de que tudo o que tinha ouvido e visto não era ilusão. Não estava inclinado a confidenciar nada à mulher, mas, como esse era um segredo incômodo, ele o compartilhou de bom grado. A menção do ouro oculto despertou toda a sua avareza, e ela pediu ao marido que concordasse com os termos do homem escuro e conseguisse o que os tornaria ricos pelo resto da vida. No entanto, por mais que Tom estivesse disposto a vender-se ao diabo, estava decidido a não fazê-lo para favorecer a mulher. Então, recusou-se categoricamente apenas para contrariá-la. Muitas e amargas foram suas discussões sobre isso, mas, quanto mais ela falava, mais decidido Tom ficava a não se condenar para agradá-la. Por fim, ela decidiu fechar o negócio por conta própria e, se conseguisse, ficaria com todo o ganho para si.

Tendo o mesmo temperamento destemido que o marido, sentou-se no velho forte indígena no final de um dia de verão. Ficou ausente por muitas horas. Ao voltar, foi reservada e taciturna em suas respostas. Falou de um homem escuro que conhecera no crepúsculo, cortando a raiz de uma árvore alta. Ele se aborreceu, porém, e não quis fazer o acordo; ela deveria ir até lá mais uma vez com uma oferta propiciatória, mas recusou-se a contar o que era.

Na noite seguinte, ela foi novamente para o pântano e sentou-se, carregando algo pesado no avental. Tom esperou e esperou, mas em vão: chegou a meia-noite, mas ela não apareceu; passou-se a manhã, o meio-dia, a noite voltou, mas ainda assim ela não veio. Agora, Tom estava aflito quanto à segurança da mulher, principalmente porque descobriu que ela levara no avental o bule, as colheres de prata e todos os artigos portáteis de valor. Outra noite se passou, outra manhã chegou, e nada da mulher. Em resumo, nunca mais se ouviu falar dela.

Qual foi seu verdadeiro destino, ninguém sabe, posto que tantos fingem saber. É um desses fatos que se confundiram pela ação de diversos historiadores. Alguns afirmaram que ela se perdeu entre os labirintos emaranhados do pântano e afundou em algum buraco ou lodaçal; outros, menos caridosos, sugeriram que ela fugiu com os espólios da casa e partiu para outra província, enquanto outros garantem que o tentador a atraiu para um charco sinistro, em cima do qual seu chapéu foi encontrado a boiar. Confirmando isso, dizia-se que um homem grande e escuro com um

machado no ombro foi visto saindo do pântano tarde da noite, carregando um embrulho amarrado num avental xadrez, com um ar de triunfo hostil.

A história mais corrente e provável, porém, conta que Tom Walker ficou tão angustiado com o destino da mulher e de seus pertences que, por fim, foi procurá-los no forte indígena. Passou uma longa tarde de verão vasculhando o local sombrio, mas nem sinal da mulher. Chamou o nome dela muitas vezes, mas não ouviu nenhuma resposta. Só o abetouro respondia à sua voz, enquanto voava aos berros, ou a rã-touro coaxava tristonha numa poça ao lado. Por fim, dizem, exatamente na hora parda do crepúsculo, quando as corujas começaram a piar e os morcegos a voar, sua atenção foi atraída pelo clamor das gralhas-pretas que pairavam em torno de um cipreste. Ele viu um embrulho amarrado num avental xadrez e pendurado nos galhos de uma árvore, com um grande abutre empoleirado perto ele, como se o vigiasse. Pulou de alegria, pois reconheceu o avental de sua mulher e imaginou que contivesse os objetos de valor da casa.

— Vamos nos apossar dos bens — disse ele, consolando a si mesmo —, e nos esforçaremos para viver sem a mulher.

Enquanto ele subia a árvore, o abutre abriu as asas largas e partiu gritando nas sombras mais escuras da floresta. Tom pegou o avental xadrez, mas que visão lastimável! Não encontrou nada além de um coração e um fígado embalados nele.

Isso, de acordo com a história mais autêntica, foi tudo o que restou da mulher de Tom. Ela provavelmente tentara lidar com aquele homem como estava acostumada a lidar com o marido; mas, embora a fúria feminina geralmente seja considerada páreo para o diabo, nesse caso ela parece ter falhado. Devia ter morrido com bravura, contudo: uma parte permanecera invicta. Na verdade, dizem que Tom percebeu muitas marcas profundas de cascos fendidos gravadas na árvore e vários punhados de cabelos que pareciam ter sido arrancados da espessa cabeleira do lenhador. Tom conhecia a destreza de sua mulher por experiência própria. Encolheu os ombros enquanto olhava para os sinais de um confronto feroz.

— Céus — disse ele de si para si —, o Velho Scratch deve ter passado por maus bocados!

Tom se consolou pela perda de suas posses ao perder a mulher, pois tinha um quê de filósofo. Até sentiu algo semelhante a gratidão pelo

Lenhador Negro, que considerava ter-lhe feito uma gentileza. Procurou, portanto, cultivar maior contato com ele, mas não teve êxito nenhum por algum tempo. O velho patas-pretas fugia-lhe, pois, não importa o que as pessoas pensem, nem sempre basta chamá-lo e ele virá; sabe como jogar suas cartas quando tem certeza da vitória.

Por fim, dizem, quando a demora levou a avidez de Tom ao limite, preparando-o para concordar com qualquer coisa para obter o tesouro prometido, ele encontrou o homem escuro certa noite em seu traje habitual de lenhador, com o machado no ombro, passeando pela margem do pântano e murmurando uma canção. Fingiu receber a proposta de Tom com grande indiferença, deu respostas breves e continuou a cantarolar.

Aos poucos, contudo, Tom o convenceu a negociar, e começaram a discutir os termos pelos quais ganharia o tesouro do pirata. Havia uma condição que não precisa ser citada, estando geralmente implícita em todos os casos em que o diabo concede favores, mas havia outras a respeito das quais, embora fossem de pouca importância, foi inflexivelmente obstinado. Insistiu que o dinheiro encontrado por seus meios deveria ser usado a seu serviço. Propôs, portanto, que Tom o empregasse no tráfico de negros, isto é, que ele deveria equipar um navio negreiro. Isso, porém, Tom recusou decididamente; ele já era ruim, disso tinha consciência, mas nem mesmo o próprio diabo poderia tentá-lo a se tornar traficante de escravos.

Vendo Tom tão melindroso nessa questão, o diabo não insistiu, mas propôs, então, que ele se tornasse agiota, pois ansiava pelo aumento de usurários, a quem via como seu povo particular.

A essa ideia não houve nenhuma objeção, pois convinha perfeitamente a Tom.

— Você deve abrir um escritório de empréstimos em Boston no mês que vem — disse o homem escuro.

— Farei isso amanhã mesmo, se você quiser — respondeu Tom Walker.

— Emprestará dinheiro a dois por cento ao mês.

— Céus, vou cobrar quatro! — disse Tom Walker.

— Deve extorquir títulos de propriedades, executar hipotecas, levar os comerciantes à falência...

— Vou levá-los para o in... no! — exclamou Tom Walker, ansioso.

— Você é o usurário do meu dinheiro! — disse o patas-pretas, deliciado. —Quando vai querer os cobres?

— Esta noite mesmo.

— Combinado! — disse o diabo.

— Combinado! — disse Tom Walker. Então, apertaram as mãos e fecharam o negócio.

Alguns dias depois, Tom Walker sentou-se à sua mesa num escritório de empréstimos em Boston. Sua reputação como homem endinheirado, que fazia empréstimos por uma boa compensação, logo se espalhou. Todos se lembram dos tempos do governador Belcher, quando o dinheiro era particularmente escasso. Foi a época do crédito em papel. O país estava inundado de notas promissórias do governo, o famoso Land Bank fora estabelecido, viera a febre da especulação, as pessoas enlouqueceram com os planos de novos assentamentos e a construção de cidades no meio do nada, os especuladores de terrenos corriam para lá e para cá com mapas de concessões, e municípios, e Eldorados, que ficavam ninguém sabia onde, mas todos estavam prontos para comprar. Em resumo, a grande febre especulativa que irrompe de vez em quando no país havia chegado a um nível alarmante, e muitos sonhavam em fazer fortuna do zero. Como sempre, a febre baixou. O sonho havia acabado e, com ele, as fortunas imaginárias. Os clientes foram deixados em dolorosa penúria e ecoou por todo o país o consequente brado de “tempos difíceis”.

Nesse momento propício de infortúnio público, Tom Walker se estabeleceu como agiota em Boston. Sua porta logo estava abarrotada de clientes. O necessitado e o aventureiro, o especulador audacioso e o especulador de terras sonhador, o comerciante esbanjador e o mercador sem crédito na praça; em resumo, todos aqueles levados a arrecadar dinheiro por vias e sacrifícios desesperados correram para Tom Walker.

Assim, Tom era o amigo universal dos necessitados e agia, ele mesmo, como um “amigo necessitado”, isto é, sempre exigia bons pagamentos e muita segurança. A dureza de seus termos era proporcional ao infortúnio do requerente. Ele acumulava títulos e hipotecas, espremia os clientes com cada vez mais força e os despachava porta afora, no fim, secos como esponjas.

Assim, ganhou dinheiro um bocado por vez, tornou-se rico e poderoso e passou a exibir seu chapéu bicorne na bolsa de valores. Construiu para si, como é de hábito, uma casa enorme, por pura ostentação — mas deixou a maior parte inacabada e sem mobília, por pura avareza. Na plenitude de sua vanglória, até equipou uma carruagem particular, embora quase matasse de fome os cavalos que a puxavam. Quando as rodas sem lubrificação gemiam e guinchavam nos eixos, parecia o lamento das almas dos pobres devedores que ele vinha espremendo.

Conforme envelhecia, porém, Tom ficou pensativo. Tendo conseguido as coisas boas deste mundo, começou a ficar aflito com as do próximo. Pensava arrependido no acordo que havia feito com seu amigo escuro e tratou de imaginar um modo de enganá-lo para se livrar das condições. Assim, tornou-se, de uma hora para outra, um ardoroso frequentador da igreja. Rezava alta e vigorosamente, como se o céu tivesse que ser tomado à força e aos berros. Na verdade, sempre se podia perceber quando ele havia pecado mais durante a semana pelo clamor de sua devoção no domingo. Os cristãos silenciosos, que vinham trilhando seu caminho para Sião com modéstia e firmeza, ficaram envergonhados ao serem ultrapassados tão de repente por esse recém-convertido. Tom era tão rígido na religião quanto nas finanças. Era o supervisor e censor severo de seus vizinhos e parecia achar que todo pecado registrado na conta deles equivalia a crédito na sua própria. Falava até da conveniência de reviver a perseguição aos quakers e anabatistas. Em resumo, o fervor de Tom era tão notório quanto sua riqueza.

Ainda assim, apesar de toda essa atenção extenuante às aparências, Tom tinha um pavor constante de que o diabo, afinal, viesse cobrar a dívida. Para não ser pego de surpresa, portanto, dizem que ele sempre levava uma pequena Bíblia no bolso do casaco. Também tinha uma grande Bíblia in-fólio na mesa do escritório, e as pessoas que vinham fazer empréstimos muitas vezes o encontravam lendo-a; nessas ocasiões, ele deixava seus óculos no livro, para marcar o versículo, enquanto se virava para fechar mais um negócio como agiota.

Alguns dizem que Tom ficou meio ruim da cabeça na velhice e, imaginando que o fim se aproximava, mandou pôr ferraduras, sela e arreio novos num cavalo e enterrá-lo de patas para o ar, pois achava que no último dia o mundo ficaria de cabeça para baixo; nesse caso, seu cavalo estaria pronto para montar, e Tom estava decidido, na pior das hipóteses, a correr

para esse velho amigo. Isso, contudo, provavelmente é mera história da carochinha. Se ele tomou mesmo tal precaução, foi completamente supérflua. Pelo menos, é o que diz a autêntica lenda, que encerra sua história da seguinte maneira:

Numa tarde quente de canícula, quando uma tempestade escura e terrível se avizinhava, Tom estava sentado no escritório com sua touca de linho branco e seu roupão de seda indiana. Estava prestes a encerrar uma hipoteca, completando assim a ruína de um especulador de terras malfadado por quem professara a maior das amizades. O pobre especulador havia implorado que lhe concedesse a indulgência de alguns meses. Tom ficou rabugento e irritado e recusou-se a dar mais um dia.

— Minha família ficará arruinada e terá que depender de caridade — disse o especulador de terras.

— A caridade começa em casa — respondeu Tom. — Preciso cuidar de mim mesmo nestes tempos difíceis.

— Você ganhou muito dinheiro às minhas custas — disse o especulador.

Tom perdeu a paciência e a piedade, exclamando:

— Que o diabo me carregue se eu tiver ganhado um tostão!

Foi então que ouviu três batidas fortes na porta da rua. Saiu para ver quem estava lá. Um homem escuro segurava um cavalo preto que relinchava e pateava, impaciente.

— Tom, chegou sua hora! — anunciou rispidamente o homem escuro.

Tom recuou, mas tarde demais. Havia deixado a Bíblia pequena no fundo do bolso do casaco e a Bíblia grande em cima da mesa, enterrada debaixo da hipoteca que estava prestes a executar. Nenhum pecador jamais foi pego tão de surpresa. O homem o jogou como uma criança no lombo do cavalo e partiu a galope no meio da tempestade. Os funcionários apoiaram as canetas atrás das orelhas e o fitaram pelas janelas. Assim partiu Tom Walker, carregado pela rua, a touca branca balançando para cima e para baixo, o roupão tremulando ao vento e o cavalo tirando faíscas do calçamento a cada salto. Quando os funcionários se viraram para procurar o homem escuro, ele havia desaparecido.

Tom Walker nunca voltou para encerrar a hipoteca. Um compatriota que vivia às margens do pântano relatou que, no auge da tempestade, ouvira um grande clangor de cascos e uivos ao longo da estrada, e que, quando correu para a janela, avistou apenas uma figura, como descrevi, num cavalo que galopava como louco pelos campos, subindo as montanhas e descendo ao pântano das cicutas negras rumo ao antigo forte indígena, e logo depois um raio caiu naquela direção, parecendo incendiar toda a floresta.

O bom povo de Boston balançou a cabeça e encolheu os ombros, mas estava tão acostumado a bruxas, espíritos e truques do diabo de todos os tipos e formas desde os primeiros dias da colônia, que não ficou tão horrorizado quanto se poderia esperar. Curadores foram nomeados para cuidar dos bens de Tom. No entanto, não havia nada para administrar. Ao procurar em seus cofres, encontraram todos os seus títulos e hipotecas reduzidos a cinzas. Em lugar de ouro e prata, seu baú de ferro estava cheio de lascas e raspas. Em seu estábulo jaziam dois esqueletos em vez dos cavalos famintos, e no dia seguinte sua grande casa pegou fogo, queimando até não restar nada.

E esse foi o fim de Tom Walker e sua riqueza ilícita. Que todos os usurários gananciosos levem esta história no coração. Sua verdade é indubitável. O próprio buraco debaixo dos carvalhos, de onde Tom desenterrou o dinheiro de Kidd, é visível até hoje, e o pântano e o antigo forte indígena são assombrados muitas vezes, nas noites de tempestade, por uma figura a cavalo, de roupão e touca branca, que sem dúvida é o espírito atormentado do agiota. Na verdade, a história se transformou num provérbio e é a origem de um ditado popular predominante em toda a Nova Inglaterra, “o Diabo e Tom Walker”.

Tal era, pelo que me lembro, o teor da história que o baleeiro do Cabo Cod contou. Há diversos detalhes triviais que omiti, e que fizeram a manhã transcorrer de modo muito agradável, até que a maré favorável à pesca passasse e alguém propusesse aportar para descansar debaixo das árvores, até o calor do meio-dia diminuir.

Assim, aportamos numa parte agradabilíssima da ilha de Mannahatta[41], naquele trecho arborizado e sombreado, antes o domínio da antiga família Hardenbrook. Era um lugar que eu conhecera bem durante as expedições aquáticas da minha meninice. Não muito longe de onde paramos, havia um velho jazigo de família holandesa, ao lado de um morro, que fora objeto de

grande reverência e fábula entre meus colegas de infância. Havia vários caixões deteriorados dentro dele, mas o que despertava nosso interesse e temor era associá-lo, na nossa imaginação, aos destroços de um naufrágio pirata que jaziam entre as rochas do estreito de Hell Gate. Havia também histórias de contrabando relacionadas ao jazigo, principalmente na época em que esse local isolado era propriedade de um famoso cidadão chamado Prevost Dinheiro Vivo, homem que, diziam por aí, tinha muitas relações misteriosas com gente d'além-mar. Todas essas coisas, porém, haviam se misturado na nossa mente à maneira vaga como tais coisas se confundem nas histórias da infância.

Enquanto eu refletia sobre isso, meus companheiros arrumaram uma refeição com o conteúdo do cesto que trazíamos, e acomodamo-nos felizes durante as horas mais quentes e ensolaradas do dia à sombra de um largo castanheiro, no tapete de grama fresca que ia até a margem da água. Enquanto me refestelava na grama, reuni as recordações obscuras da minha infância a respeito do lugar e as repeti como os traços de um sonho, relembrados de modo imperfeito, para entreter meus companheiros. Quando terminei, John Josse Vandermoere, o mesmo cidadão velho e digno que uma vez me contou as aventuras de Dolph Heyliger, rompeu o silêncio e afirmou recordar-se de um caso de dinheiro enterrado que acontecera naquela mesma região. Como sabíamos que ele era um dos contadores de histórias mais autênticos da província, imploramos que expusesse os detalhes. E assim, enquanto nos revigorávamos com um bom cachimbo com tabaco de Blase Moore, o autêntico John Josse Vandermoere contou mais uma história...

The End



Washington Irving

1789-1859

Washington Irving foi um autor, biografista, ensaísta e historiador norte-americano. Suas histórias mais conhecidas, *The Legend of Sleepy Hollow* e *Rip Van Winkle* foram inicialmente publicadas em uma coleção de contos chamada *The Sketch Book of Geoffrey Crayon, Gent* entre 1819 e 1820.

Irving foi um dos primeiros autores americanos a serem consagrados na Europa, e encorajou outros escritores como Nathaniel Hawthorne, Henry Wadsworth Longfellow, Herman Melville e Edgar Allan Poe.

Era também admirado por alguns autores britânicos como Lord Byron, Thomas Campbell, Charles Dickens, Francis Jeffrey e Walter Scott.

Irving lutou pela escrita como uma profissão legítima e argumentou em favor de leis mais rígidas com o intuito de proteger autores americanos contra infrações de direitos autorais.

Agradecimentos

Sleepy Hollow retornou ao Brasil em uma edição de luxo através de um financiamento coletivo. Somos eternamente gratas pelo apoio de 2398 pessoas nesta campanha!

---

1 POE, Edgar Allan. “Review of Washington Irving’s Astoria”. *Southern Literary Messenger*, Vol. III, no. 1, 1837. Disponível em: https://www.eapoe.org/works/criticsm/slm37i01.htm. Acesso em: 29 jun. 2020.
2 JONES, Brian Jay. *Washington Irving: The Definitive Biography of America’s First Bestselling Author*. Nova Iorque: Arcade Publishing, 2011.
3 RENAUX, Sigrid. Os Mundos Fantásticos de “Rip Van Winkle”. *Itinerários – Revista de Literatura*, v. 1, n. 19, 2002. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/issue/view/233/showToc. Acesso em: 30 jun. 2020.
4 Espetáculos teatrais, comuns durante o século XIX e começo do século XX, nos quais atores brancos subiam ao palco maquiados para parodiar negros (o que foi chamado de *blackface*) e apresentar quadros cômicos e peças musicais de caráter humorístico. Sempre representavam os personagens negros de forma zombeteira, como indivíduos simplórios, preguiçosos, malandros. [N.P.]
5 Brian Jay Jones. Matéria completa disponível em https://www.neh.gov/humanities/2014/julyaugust/feature/washington-irving-was-the-original-city-slicker-heres-what-happen [N.E.]
6 Um dos livros abolicionistas mais importantes da época é a biografia de Frederick Douglass (1845). O livro só foi publicado poucos anos antes da morte de Washington Irving. [N.E.]
7 *A pleasing land of drowsy head it was, | Of dreams that wave before the half-shut eye; | And of gay castles in the clouds that pass, | Forever flushing round a summer sky.*
8 *Tarry* significa “demorar-se”, “permanecer”. Tarrytown (com esta grafia) existe e é parte da cidade de Greenburgh (também com esta grafia), no estado de Nova York. [N. T.]
9 O nome significa “vale sonolento” ou “vale adormecido”. [N. T.]
10 Reuniões de povos nativos da América do Norte com canto, dança e cerimônias. [N. T.]
11 Os hessianos eram soldados dos territórios alemães de Hesse-Kassel e Hesse-Hanau. Serviram como forças auxiliares do exército inglês na Guerra de Independência dos Estados Unidos. [N. T.]
12 Em português, grou, ave de pernas e pescoço longos. [N. T.]
13 Provérbios 13:24. [N. T.]
14 Referência a Isaías 11:6: “E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão, e a nédia ovelha viverão juntos, e um menino pequeno os guiará”. (*Bíblia Sagrada Almeida Revista e Corrigida*) [N. T.]
15 “In linked sweetness long drawn out” é um verso do poema *L’Allegro*, de John Milton (1608-1674). [N. T.]
16 *Christmas pie*, receita inglesa tradicional de torta recheada com carne moída, frutas secas e especiarias. [N. T.]
17 “Senhor” em holandês. [N. T.]
18 Sobre esta postura do autor à época, veja a Introdução. [N. E.]
19 Lorde, cavalheiro ou senhor em holandês. [N. T.]

20 Bolinho doce, redondo e frito da culinária holandesa. [N. T.]
21 Bolinho doce em forma de tira de massa torcida, frito e coberto com açúcar ou creme, de origem holandesa ou alemã. [N. T.]
22 John André (1750-1780), chefe do serviço secreto britânico durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos, foi enforcado como espião. [N. T.]
23 *Ten Pound Court*, espécie de Juizado Especial (antigo Juizado de Pequenas Causas). [N. T.]
24 *By Woden, God of Saxons, | From whence comes Wensday, that is Wodensday. | Truth is a thing that ever I will keep | Unto thylke day in which I creep into | My sepulchre.*
25 "More in sorrow than in anger", *Hamlet*, Shakespeare. [N. T.]
26 Grafia alternativa adotada pelo autor. [N. T.]
27 Forte construído em 1638 por colonos suecos no atual estado de Delaware, EUA.
28 Aguardente holandesa de cereais saborizada com zimbro. [N. T.]
29 A Batalha de Bunker Hill aconteceu em 1775 entre os combatentes do movimento pró-independência dos Estados Unidos e o exército da Inglaterra, com vitória dos ingleses e grande perda de vidas destes. [N. T.]
30 A Declaração de Independência dos Estados Unidos foi assinada em 4 de julho de 1776. [N. T.]
31 *Shall I not take mine ease in mine inn?* Citação completa: "Shall I not take mine ease in mine inn but I shall have my pocket picked?". *Henrique IV, Parte I*. William Shakespeare. Trad. Carlos A. Nunes. São Paulo: Melhoramentos, s.d. [N. T.]
32 O leitor erudito, versado em saberes inúteis, notará que a história deve ter sido inspirada ao velho suíço por uma anedota francesa sobre um caso que dizem ter ocorrido em Paris. "He that supper for is dight, / He lyes full cold, I trow, this night! / Yestreen to chamber I him led, / This night Gray-Steel has made his bed!" *Sir Eger, Sir Grahame, and Sir Gray-Steel*. [N. A.]

Tradução livre: "Aquele para quem a ceia está servida / Jaz totalmente frio, eu creio, esta noite. / Ontem à noite, ao quarto eu o levei, / Esta noite, Gray-Steel arrumou sua cama!". [N. T.]
33 "Cotovelo de gato", nome de uma família da região muito poderosa antigamente. O título, dizem, foi uma homenagem a uma dama inigualável da família, elogiada por seus belos braços. [N. A.]
34 Literalmente, "Livro dos heróis", coleção de poemas alemães do século XIII. [N. T.]
35 Canções alemãs dos séculos XII a XIV. [N. T.]
36 O Barril de Heildelberg foi por muito tempo o maior barril de vinho da Europa. Construído em 1751, pode conter até 220 mil litros de vinho. [N. T.]
37 Expressão alemã com sentido semelhante ao de "pompa e circunstância". [N. T.]
38 Filipenses 4:18. [N. T.]
39 *Old Scratch*, o diabo. De acordo com *The American Heritage Dictionary of the English Language*, provavelmente vem de *scrat*, do inglês médio, duende, por sua vez do nórdico antigo *skratte*, mago ou duende. [N. T.]
40 Samuel 3:38. [N. T.]
41 Primeira grafia do nome da ilha de Manhattan. [N. T.]

Table of Contents

- Ficha catalográfica
- Sumário
- Washington Irving e as histórias que nascem da História
- A Questão racial na época de Irving
- A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça
- Rip Van Winkle
- A cozinha da estalagem
- O Noivo Espectral
- O Diabo e Tom Walker
- Washington Irving
- Agradecimentos

Table of Contents

Ficha catalográfica
Sumário
Washington Irving e as histórias que nascem da História
A Questão racial na época de Irving
A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça
Rip Van Winkle
A cozinha da estalagem
O Noivo Espectral
O Diabo e Tom Walker
Washington Irving
Agradecimentos